



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, REGIONAL CATALÃO (UFG/RC)/
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT) em implantação
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM (IEL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM (PPGEL)**

AMANDA SOARES MANTOVANI

***É NO INFINITO DE UMA LINHA DE FUGA QUE SURGE A GUERREIRA:
A MÁQUINA DE FAZER SANGRAR E O SUJEITO DISCURSIVO EM SANGRIA, DE
LUIZA ROMÃO***

CATALÃO (GO)
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Amanda Soares Mantovani

3. Título do trabalho

É NO INFINITO DE UMA LINHA DE FUGA QUE SURGE A GUERREIRA: A MÁQUINA DE FAZER SANGRAR E O SUJEITO DISCURSIVO EM SANGRIA, DE LUIZA ROMÃO

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Fernandes Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 21/03/2022, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **AMANDA SOARES MANTOVANI, Discente**, em 21/03/2022, às 14:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º



do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2765256** e o código CRC **58B02CA7**.

Amanda Soares Mantovani

***É NO INFINITO DE UMA LINHA DE FUGA QUE SURGE A GUERREIRA:
A MÁQUINA DE FAZER SANGRAR E O SUJEITO DISCURSIVO EM SANGRIA, DE
LUIZA ROMÃO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (UFG/RC)/ Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em implantação, como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de pesquisa: Discurso, Sujeito e Sociedade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Mantovani, Amanda Soares

É NO INFINITO DE UMA LINHA DE FUGA QUE SURGE A
GUERREIRA : A MÁQUINA DE FAZER SANGRAR E O SUJEITO
DISCURSIVO EM SANGRIA, DE LUIZA ROMÃO / Amanda Soares
Mantovani. - 2022.

109, CIX f.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto
de Estudos da Linguagem, Catalão, Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Linguagem, Catalão, 2022.

Inclui lista de figuras.

1. Sujeito . 2. Michel Foucault. 3. Devir-mulher. 4. Gilles Deleuze e
Félix Guattari. 5. Sangria. Luiza Romão. I. Fernandes Júnior, Antônio,
orient. II. Título.

CDU 82



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 003/2022 da sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado, que confere o título de Mestra em Estudos da Linguagem, na área de concentração Linguagem, Cultura e Identidade.

Defesa: nº 157/2022

Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte dois, a partir das 14:00 horas, à distância, Via Videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **É NO INFINITO DE UMA LINHA DE FUGA QUE SURGE A GUERREIRA: A MÁQUINA DE FAZER SANGRAR E O SUJEITO DISCURSIVO EM SANGRIA, DE LUIZA ROMÃO** de autoria da mestrand **Amanda Soares Mantovani**, matrícula **2020100132** nas dependências da Universidade Federal de Catalão, onde os programas de pós-graduação stricto sensu em funcionamento encontram-se provisoriamente vinculados à Universidade Federal de Goiás, em virtude de procedimentos técnicos relacionados à CAPES, já sendo realizada a transferência da Biblioteca Digital de Dissertações e Teses (BDTD). Assim, justifica-se os nomes das instituições neste documento, uma no cabeçalho (UFG), outra no corpo do texto (UFCAT). Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Professor Doutor Antônio Fernandes Júnior (PPGEL/UFCAT) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Amanda Batista Braga (UFPB), membro titular externo; Professor Doutor Bruno Gonçalves Borges (PPGEL/UFCAT), membro titular interno. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata (x) Aprovada () Reprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Antônio Fernandes Júnior, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte dois.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Fernandes Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 03/03/2022, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Gonçalves Borges, Professor do Magistério Superior**, em 03/03/2022, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Amanda Batista Braga, Usuário Externo**, em 03/03/2022, às 17:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2732180** e o código CRC **F613A7B5**.

Referência: Processo nº 23070.008133/2022-10

SEI nº 2732180

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Cleuza de Fátima, e ao meu pai, Ecir, por todo zelo e amor incondicionais que sempre dispuseram a mim, mesmo diante das dificuldades da lida diária. Sem dúvida, foram determinantes para que eu me mantivesse firme, pois ainda que nos encontrássemos distantes fisicamente, na ternura de nossas conexões eu encontrava saúde para continuar. Obrigada por serem os meus maiores incentivadores e melhores amigos.

Ao meu orientador, Antônio Fernandes Júnior, que gentilmente tem me acolhido durante grande parte da minha trajetória acadêmica. Seu cuidado, atenção e generosidade foram decisivos para que eu vivenciasse cada etapa de minha formação com mais leveza.

Ao Arthur, pela cumplicidade, afeto e cuidado diários. Obrigada por ser fortaleza quando eu mais me encontrava em conflito, atravessando comigo dos melhores aos momentos mais difíceis.

À Tainara, pelo afeto e companheirismo, laços que quero levar para toda a vida. Juntas, dividimos as dificuldades deste ciclo intensificadas pelas inseguranças do isolamento, e, no meio de todo esse cenário, cá estamos com o presente que é essa amizade zelosa e honesta.

Ao Marcelo, pelos bons encontros que tivemos desde o primeiro contato. Suas palavras sempre me inquietaram e abrihantaram com criatividade e intensidade o fazer-pensar tão necessário em períodos delicados.

À professora Erislane Rodrigues Ribeiro, pelos preciosos ensinamentos e por ter me apresentado à Análise do Discurso.

Aos meus companheiros de trajetória, Bianca Ayala, Jheny Iordany, Maximiano Antônio e Raquel Costa, com quem tenho compartilhado alegremente o caminho das linguagens.

Aos amigos, familiares, alunas e alunos que sempre torceram e acreditaram em mim.

Ao Laboratório de Estudos Foucaultianos (LEF-GO), pelo acolhimento e partilha nos diálogos foucaultianos.

Ao Grupo Intersecções, pela recepção afetuosa e potência a cada encontro.

Aos professores Amanda Batista Braga e Bruno Gonçalves Borges, pelas cuidadosas leituras e valiosas contribuições, as quais foram vitais para a elaboração final deste estudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), pelo acolhimento e suporte em todo o percurso do Mestrado em Estudos da Linguagem.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (CAPES), pelo subsídio concedido para a realização deste estudo.

[...]

*porque o ser mulher
está além do artigo.*

*está no sujeito:
que não se sujeita
que age, atua,
direto, intransitivo*

*está no sujeito,
independente
de gênero, número
e grau*

Luiza Romão
Coquetel Motolove (2015, p. 23)

RESUMO

Sangria, publicado em 2017 pela editora *Selo do Burro*, de autoria da poeta e *slammer* brasileira Luiza Romão, é fruto de um Projeto que engloba poesia, performance, ensaio fotográfico e *websérie* de nome homônimo. A obra, edição bilíngue em português e espanhol, é disposta em formato calendário, seguindo os 28 dias do ciclo menstrual e, a cada dia, um *slam*-poema e uma imagem delineiam o ritmo e as passagens dos períodos. As fotografias, capturadas por Sérgio Silva, são tratadas em preto e branco e atravessadas por linhas vermelhas e adereços metálicos, como talheres, parafusos, dobradiças, correntes, cruzes, entre outros, costurados a partes do corpo de Romão, ou, a um corpo-mulher-coletivo. A estética e os artifícios linguísticos, como a sonoridade, o ritmo e as inversões, juntos, contam e cantam a história do Brasil e do corpo das mulheres sob a perspectiva do útero (órgão mais característico do constructo ‘ser mulher’), invertendo as posições e abrindo espaços para outra(s) narrativa(s) que não a mesma contada sob a égide masculinista e patriarcal. E é tomando o livro-calendário como materialidade, suporte para enunciados possíveis, que este estudo teve como objetivo central analisar discursivamente, à luz dos pensamentos de Michel Foucault, a constituição da mulher enquanto sujeito discursivo tensionado e produzido em meio às relações de saber-poder. Em gesto também analítico, propusemos a aproximação de conceitos como os de linhas, máquinas/agenciamentos e devir-mulher, advindos da filosofia de Deleuze e Guattari. Para que fosse possível, optamos por selecionar em um primeiro momento, 9 dos 28 poemas/“dias”, contemplando os 6 capítulos/“períodos” da obra. Posteriormente, sequências enunciativas foram recortadas em batimento com o desenvolvimento das análises empreendidas, mobilizando noções como as de enunciado, discurso, sujeito, dispositivo e agenciamento; linhas de fuga e devir. O caminho que optamos por seguir foi pautado na cartografia enquanto estratégia-intervenção de análise, a partir da *arqueogenealogia*. Vimos, pois, que as mulheres, sujeito discursivo que emerge da materialidade em questão, são constituídas tanto por feixes capturantes dentro das relações de saber-poder quanto por vontades de potência, por linhas de fuga ao passo que se abrem às experimentações e novos processos de subjetivação. Por sua vez, o devir-mulher, que funciona como vetor de força poética em *Sangria*, é estratégia de resistência e produção da diferença, rachando com espaços e categorias cristalizadas, pautados no dualismo condicionante de gênero. Trata-se de uma máquina de fazer sangrar o instituído; máquina de muitas vozes entranhadas no corpo-mulher-coletivo e que enunciam outras formas de vida, cujas engrenagens forjadas no ativismo e na decolonialidade, potencializam as possibilidades de subjetividades em processos emancipatórios. As mulheres na posição de sujeito discursivo irrompem em meio a uma ordem discursiva que lê e canta a história do presente [e do passado] por uma guinada descontínua, trazendo à tona um domínio de memória que compreende as mulheres, em sua multiplicidade, e lugares de sujeito alocados à margem da sociedade. Ocorre que *Sangria* não se vale apenas das denúncias, mas do confronto com acontecimentos esquecidos pela narrativa única e do levante, que precisa ser coletivo. *Sangria* é, também, um convite para a luta|“lútea”.

Palavras-chave: Sujeito. Michel Foucault. Devir-mulher. Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Sangria*. Luiza Romão.

RESUMEN

Sangría, publicado en 2017 por la editora *Selo do Burro*, de autoría de la poeta y *slammer* brasileña Luiza Romão, es fruto de un Proyecto que engloba poesía, performance, ensayo fotográfico y webserie de nombre homónimo. La obra, edición bilingüe en portugués y español, está dispuesta en formato calendario, siguiendo los 28 días del ciclo menstrual y, cada día, un *slam*-poema y una imagen delinea el ritmo y los pasajes de los períodos. Las fotografías, capturadas por Sérgio Silva, son tratadas en blanco y negro además de atravesadas por líneas rojas y accesorios metálicos, como cubiertos, tornillos, bisagras, cadenas, cruces, entre otros, cosidos a partes del cuerpo de Romão, o, a un cuerpo-mujer-colectivo. La estética y los artificios lingüísticos, como la sonoridad, el ritmo y las inversiones, juntos, cuentan y cantan la historia de Brasil y del cuerpo de las mujeres desde la perspectiva del útero (órgano más característico del constructo 'ser mujer') invirtiendo las posiciones y abriendo espacios para otra(s) narrativa(s) que no la misma contada bajo la égida masculina y patriarcal. Y es tomando el libro-calendario como materialidad, soporte para enunciados posibles, que este estudio tuvo como objetivo central analizar discursivamente, a la luz de los pensamientos de Michel Foucault, la constitución de la mujer como sujeto discursivo tensionado y producido en medio de las relaciones de saber-poder. En gesto también analítico, propusimos la aproximación de conceptos como los de líneas, máquinas|agenciamientos y devenir-mujer, provenientes de la filosofía de Deleuze y Guattari. Para que fuera posible, optamos por seleccionar en un primer momento, 9 de los 28 poemas|"días", contemplando los 6 capítulos|"períodos" de la obra. Posteriormente, secuencias enunciativas fueron recortadas en consonancia con el desarrollo de los análisis emprendidos, movilizandoc nociones como las de enunciado, discurso, sujeto, dispositivo y agenciamiento; líneas de fuga y devenir. El camino que optamos por seguir fue pautado en la cartografía como estrategia-intervención de análisis, a partir de la arqueogenealogía. Hemos visto, pues, que las mujeres, sujeto discursivo que emerge de la materialidad en cuestión, están constituidas tanto por haces capturantes dentro de las relaciones de saber-poder como por voluntades de potencia, por líneas de escape al paso que se abren a las experimentaciones y nuevos procesos de subjetivación. A la vez que, el devenir-mujer, que funciona como vector de fuerza poética en *Sangría*, es estrategia de resistencia y producción de la diferencia, agrietándose con espacios y categorías cristalizadas, pautados en el dualismo condicionante de género. Se trata de una máquina de hacer sangrar al instituido; máquina de muchas voces entrañadas en el cuerpo-mujer-colectivo y que enuncian otras formas de vida, cuyos engranajes forjados en el artivismo y en la decolonialidad potencian las posibilidades de subjetividades en procesos emancipatorios. Las mujeres en la posición de sujeto discursivo, irrumpen en medio de un orden discursivo que lee y canta la historia del presente [y del pasado] por un giro discontinuo, trayendo a la superficie un dominio de memoria que comprende a las mujeres, en su multiplicidad, y lugares de sujeto asignados al margen de la sociedad. Ocurre que *Sangría* no se vale solo de las denuncias, sino de la confrontación con acontecimientos olvidados por la narrativa única y del levantamiento, que necesita ser colectivo. *Sangría* es, también, una invitación a la lucha|"lútea".

Palabras clave: Discurso. Sujeto. Michel Foucault. Devenir-mujer. Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Sangría*. Luiza Romão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa Sangria (2017), de Luiza Romão.....	18
Figura 2: Dias 7. NOME DO PAI, 8. CLÁUSULA ADICIONAL e 21. VERTIGEM, respectivamente.	20
Figura 3: DIA 9. 1ª MENSTRUACÃO.....	32
Figura 4: Captura de tela de Marc Kelly Smith.....	35
Figura 5: Foto de Roberta Estrela D’Alva, compartilhada em seu perfil público no Instagram, em 26 nov. 2020.	36
Figura 6: Foto de Luiza Romão, compartilhada em seu perfil público no Instagram, em 28 ago. 2020.	37
Figura 7: DIA 3. NÚMERO DE REGISTRO.	46
Figura 8: Fio de seda de teia de aranha com estrutura helicoidal em imagem microscópica.	48
Figura 9: Fio de seda de teia de aranha com estiramento em imagem microscópica.....	48
Figura 10: DIA I. NOME COMPLETO.....	63
Figura 11: DIA 2. DATA DE NASCIMENTO.....	69
Figura 12: DIA 15. 1ª EUCARISTIA.....	74
Figura 13: DIA 18. NÁUSEA.	83
Figura 14: DIA 19. FEBRE.	84
Figura 15: PÍLULA 4 (DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2017).....	88
Figura 16: DIA 26. PERÍODO FÉRTIL (2002-2016).....	90
Figura 17: DIA 27. SANGRIA.....	91
Figura 18: DIA 28. LÚTEA.	94

Os Programas de Pós-Graduação stricto sensu em funcionamento na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), em virtude de procedimentos técnicos relacionados à CAPES, continuam provisoriamente vinculados à Universidade Federal de Goiás (UFG). Por isso, todos os elementos pré-textuais do trabalho apresentado estão identificados como Universidade Federal de Goiás/Universidade Federal de Catalão em implantação, em função da migração da BDTD ter ocorrido a partir de 16 de agosto de 2021, assim como pelo fato das pesquisas e produtos serem realizados na UFCAT.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: <i>meninas em gestação de ser mulher</i>	16
1 MÁQUINA DE FAZER SANGRAR	27
1.1 <i>POETRY SLAM</i> : poesia, arte, ativismo	34
2 CORPO-MULHER-COLETIVO	40
2.1 MOVIMENTO FEMINISTA, FLUXOS E EXISTÊNCIAS RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS	53
3 DECLARAÇÃO DEVIR-MULHER: <i>SEI [FAZER] SANGRAR POR MIM MESMA</i>	59
DIA 1. NOME COMPLETO	63
DIA 2. DATA DE NASCIMENTO	69
DIA 15. 1ª EUCARISTIA	74
DIA 18. NÁUSEA	83
DIA 19. FEBRE	84
PÍLULA 4 (DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2017)	88
DIA 26. PERÍODO FÉRTIL (2002-2016)	90
DIA 27. SANGRIA	91
DIA 28. LÚTEA	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS: <i>mulheres em gesto e ação</i>	97
REFERÊNCIAS	103

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: *meninas em gestação de ser mulher*

*meninas em gestação
de ser mulher
meninas sangram
mês a mês
possibilidades de si
que abortam o que não teve lugar
o que não pode ser
meninas em gestação
mulheres em gesto
e ação*

Luiza Romão

Diante de tantos casos alarmantes nos quais mulheres são violentadas e vítimas de feminicídio (CERQUEIRA *et al.*, 2021), muito se tem a discutir em relação aos avanços no que concerne ao lugar das mulheres na sociedade brasileira atual e, por outro lado, às práticas que ainda visam segregar, oprimir e disciplinar esses sujeitos. É pensando nisso que o movimento feminista, “mulheres em gesto e ação” (ROMÃO, 2015, p. 22), movimento emancipatório e político, tem como objetivo desvincular as mulheres das práticas de opressão e de submissão. Sob esse objetivo maior, também abre discussões e segmentos específicos que abordam outras questões relacionadas às diferentes formas e estratégias que visam a disciplinarização e a docilização dos corpos das mulheres: perspectivas decoloniais, interseccionais; feminismo negro; do feminismo liberal ao radical, do marxista ao socialista, ecofeminismo, da teoria crítica social à multicultural e, até mesmo, global.

A teoria feminista abarca, então, vertentes com características particulares, mas que, como um todo, “podem incluir ferramentas para análise crítica e programas positivos para mudanças” (MCLAREN, 2016, p. 26) sociais e políticas. Trata-se de um movimento que necessita da prática e da experiência para que faça sentido e para que seja significativo. Em outras palavras, as composições provenientes dos feminismos, a resistência, esses pontos de inversão dentro dos jogos de saber-poder, são estratégias de resistência que resultam na elaboração de ferramentas para a luta. Instrumentos emancipatórios criados e inventados por meio de devires, do cuidado de si, do permitir-se transformar-se outra(s) que não o mesmo corpo limitado e dócil, marcado por finas técnicas de controle que reivindicam sua submissão e completo controle. Desse modo, ousamos recorrer a algumas noções e conceitos advindos das

filosofias de Michel Foucault e de Deleuze e Guattari para pensarmos o enfrentamento às formas fixas de mulher e à rigidez que convoca uma vivência cansada e violenta em favor da produção da diferença.

E se colocamos os movimentos feministas¹ como potência emancipatória na mesma discussão teórico-analítica em que buscamos as práticas de resistência em meio às relações de saber-poder, aos dispositivos e às intensidades do devir-mulher, é porque defendemos que essas aproximações convergem ao fazer-pensar e ao fazer-criar, tão necessários para pensarmos quem somos nós hoje. Ainda, reiteramos, de antemão, o que entende Butler sobre um movimento feminista que realmente seja emancipatório: perspectivas que se valham da desconstrução identitária para ressignificar o sujeito mulher enquanto constituído nas e pelas práticas discursivas; sujeito atravessado por muitas vozes e que na recusa das prescrições identitárias, vê-se em vontade de potência, em devir.

É válido observar que essa discussão não se deu repentinamente, mas de forma gradativa, pois é fruto de inquietações que surgiram em pesquisas anteriores e que contribuíram significativamente para que pudéssemos desenhar e desenvolver este estudo. O percurso acadêmico no âmbito da Pesquisa Científica proporcionou-me adentrar na disciplina de Análise do Discurso (AD) e também analisar o sujeito discursivo mulher sob diferentes olhares. O primeiro Plano de Trabalho, intitulado *Mulher, negra e famosa: uma análise do discurso racista em posts publicados no Facebook* (2016), orientado pela Profa. Dra. Eriplane Rodrigues Ribeiro, foi importante por se tratar do primeiro contato com assuntos relacionados à AD francesa e às mulheres, especialmente sobre as mulheres negras e os reflexos da colonização do Brasil na atualidade. Já *Zonas de vizinhança com a infância em Arnaldo Antunes e Manoel de Barros*, desenvolvido em 2017 e orientado pelo Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior, possibilitou a aproximação com a AD amparada pela perspectiva de Michel Foucault e seus

¹ É preciso pontuar que o presente estudo se desenvolveu mediante aproximações possíveis entre aspectos das filosofias foucaultiana e deleuzo-guattariana e, também, por meio de discussões sobre o movimento feminista. Entendemos que esse diálogo apresenta limites e, portanto, faz-se necessário mencionar a existência da crítica feminista a Deleuze, particularmente sobre a noção de devir-mulher, fortemente mobilizada por nós. Segundo o estudo publicado pela *Stanford Encyclopedia of Philosophy* (2008, n.p.), “An early wave of criticism was directed in the 1980s at Deleuze’s collaborations with Guattari by feminists such as Alice Jardine and Luce Irigaray. Jardine 1985 criticized the concept of ‘becoming-woman’ in *A Thousand Plateaus*, which Deleuze and Guattari position as the first step towards a de-subjectivizing ‘becoming-indiscernible.’ Jardine argued that Deleuze and Guattari’s claim that even women must undergo a ‘becoming-woman’ amounts to a threat to the hard-fought victories of concrete feminist struggle that allowed women to claim a subjectivity in the first place. According to Grosz 1994’s survey of the early feminist critiques, Irigaray argued that the use of ‘becoming-woman’ as a figure of change incumbent upon all, including men, amounts to a masculinist and desexualizing appropriation of feminist struggle.[...]”. Disponível em: <https://archive.wikiwix.com/cache/index2.php?url=http%3A%2F%2Fplato.stanford.edu%2Fentries%2Fdeleuze%2F%23FemCri#federation=archive.wikiwix.com>. Acesso em: 7 mar. 2022.

mecanismos de análise bem como conhecer o conceito de Devir, dentro da filosofia deleuzo-guattariana.

Em consonância, no último, em 2018 e também orientado por Fernandes Júnior, intitulado *A representação da mulher negra e do devir-mulher em obras de Conceição Evaristo*, surgiu uma inquietação ao analisar a poética e as *escrevivências* de Conceição Evaristo e ao conhecer a literatura de Luiza Romão. Nesse segmento, foi desenvolvido o Trabalho de Conclusão de Curso em 2019, cujo objetivo central fora problematizar, por meio de um diálogo, a poética de ambas as escritoras, analisando discursivamente a constituição do sujeito e o exercício da representação das mulheres, pensando nas formações históricas e no devir-mulher enquanto vetor de força poética. Desse modo, não por acaso, esta proposição se debruça em um trabalho desenvolvido por uma mulher brasileira, poeta, escritora, feminista e militante, com temáticas variadas e que tratam sobre grupos específicos que foram e que ainda são colocados à margem na sociedade.

É nesse viés que este estudo propõe uma análise da constituição do sujeito discursivo a partir da poética de Luiza Romão, especificamente no livro *Sangria*, publicado em 2017 pela *Editora Selo do Burro* e representado na Figura 1, diante da possibilidade de abrir novas perspectivas e olhares sobre a constituição da sociedade brasileira, em particular, sobre o ‘modelo de Mulher’ na contemporaneidade.

Figura 1: Capa *Sangria* (2017), de Luiza Romão.



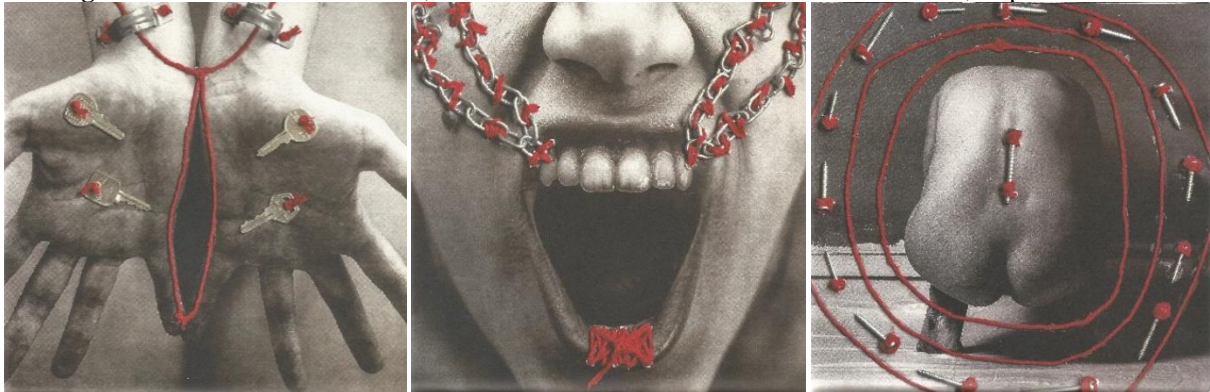
Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

O livro em questão está estruturado em formato calendário, cujos 28 dias correspondem ao ciclo menstrual. Além de ser uma versão bilíngue, em espanhol e em português, os poemas/*slams*² estão organizados em dias, incluindo também uma fotografia a eles relacionada. Destacamos que a própria materialidade, suporte para enunciados possíveis, únicos em sua instância (raros) e repetíveis em momentos outros (FOUCAULT, 2016), funciona como característica marcante no processo escrevente da poeta. São observados acúmulos, já que os discursos, e enunciados que os compõem, irrompem na publicação (domínio de atualidade) e guardam memórias do passado; acumulam violências e segregações históricas que tiveram e têm vários efeitos sobre o corpo-mulher-coletivo. É o que entendemos a partir dos pensamentos foucaultianos como efeito de remanência dessa unidade mínima do discurso. Tais enunciados se conservam segundo “suportes e técnicas materiais, instituições e modalidades”, que os aplicam e os colocam em prática nas múltiplas relações sociais, conferindo-lhes condições de existência distintas (FOUCAULT, 2016, p. 151). Assim, como as sequências enunciativas poderiam ser outras, perguntamo-nos por que esse formato de livro e não outro em seu lugar?

O gênero textual calendário com imagens e mensagens diversas, tradicionalmente impresso e de fácil circulação, agora é suporte para outras materialidades, mescla literária-discursiva, poesia-artivismo. O que ‘à moda antiga’ ficara pendurado em oficinas mecânicas com fotografias de mulheres nuas sensualizando em conjunto com peças de automóveis, por sua vez, é constituído por imagens de um corpo feminino nu, bordado por linhas vermelhas. Linhas que costuram elementos diversos, mas gélidos, ferrosos e duros mormente. Parafusos, pregos, dobradiças, chaves, lâminas, correntes, colheres. Elementos feitos para furar, cortar, abrir, prender e comer. As fotografias capturadas por Sérgio Silva estão tratadas em preto e branco, o que corrobora o destaque das linhas vermelhas, cor da sangria que percorre todo o livro-calendário, conforme pode ser visto abaixo, na sequência de imagens que reúne a Figura 2, subsequente.

² Os *slams* são as poesias autorais dos participantes do *Poetry Slam*.

Figura 2: Dias 7. NOME DO PAI, 8. CLÁUSULA ADICIONAL e 21. VERTIGEM, respectivamente.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

O passeio cartográfico que pretendemos iniciar passa por essas linhas, as quais se movimentam amarradas umas às outras, sobrepondo-se em segmentações duras, maleáveis e linhas de fuga; emaranhado de linhas de morte e de possibilidades de vida. Não há linha isolada ou imutável, garantia de plenitude ou de desgraça. Entendemos que essas linhas, conjugadas aos textos poéticos, são constitutivas da produção de subjetividade, pois nos forma, atravessamos conforme os jogos de saber-poder que culminam lugares de sujeito possíveis de serem ocupados, nesta ou naquela posição. É o que Deleuze e Guattari (2012a, p. 73-75, *grifos dos autores*) mencionam como a constante interferência das linhas umas nas outras: aquelas de segmentação dura, linhas primeiras de vida, “não apenas os grandes conjuntos molares (Estados, instituições, classes), mas as pessoas como elementos de um conjunto, os sentimentos [...], de um modo que é feito para garantir e controlar a identidade de cada instância”; e outras cuja segmentação predominante é “*maleável ou molecular*, em que os segmentos são como *quanta* de desterritorialização”.

Linhas que são feixes de relações que não param de percorrer o mundo, os corpos, os sujeitos. Então, estamos diante, particularmente, de fluxos que proporcionam encontros, esses que potencializam a experiência: de alegria, de cuidado de si e da produção da diferença, ou que ora impelem objetivações e certa fixidez. Assim, fazem funcionar agenciamentos variados, que avançam sobre os sujeitos em forma de conexões mediante práticas que são observadas, neste estudo, a partir dos enunciados que emergem da escrita romaniana. O cartografar das linhas possibilita compreender e analisar os dispositivos que, respondendo a urgências históricas, reúnem elementos diversos e acionam os sentidos dos fluxos nas relações de saber-poder.

Buscamos compreender, portanto, “quais elementos que intervieram em uma racionalidade, em uma organização...” (FOUCAULT, 2017, p. 368). Refletindo com Romão, por exemplo, vemos um complexo de dispositivos que iluminam discursos que passam

pela estrutura patriarcal e pelo conservadorismo: machista, misógino, sexista, racista e religioso. Uma espécie de dispositivo (colonial?) que é capaz de separar as mulheres em grupos, catalogá-las, colocá-las como corpos disponíveis, de pertencimento e submissão. Elementos que legitimam a violência de gênero que é sangue impregnado em solo brasileiro. Nesse viés, partimos das linhas maleáveis e de fuga como a possibilidade de práticas de resistência para delinear nossas discussões, pois essas práticas que culminam pontos de desvio formam em si, máquinas de guerra.

São, então, processos produtores de diferenciação, devires. Intensidades emancipatórias que inserem irregularidades nos feixes das relações de poder, “de incitação recíproca e de luta” (FOUCAULT, 2007, p. 15), movimentando-os e causando inversões. É nos pautando nessa concepção que percorreremos por sequências enunciativas identificadas no livro de Romão, vislumbrando analisar e problematizar a constituição das mulheres na posição de sujeito nos discursos que serão analisados. Destacamos, de antemão, o vetor de força proveniente do conceito de devir-mulher, advindo da filosofia de Deleuze e Guattari e presente nos *slams* românicos. Devir, enquanto captura de instâncias distintas, por meio de zonas de vizinhança, que resulta noutra construção, em estado distinto, novo (DELEUZE, 2011). Conceito muito caro a este estudo, que se distancia de mimese e, até mesmo, de simples identificação.

Acreditamos que o estudo do devir, especificamente do devir-mulher, abre novas possibilidades de análise discursiva sobre o sujeito e os processos de subjetivação; sobre as relações de saber-poder que constituem as posições do sujeito discursivo, dialogando, pois, com os pensamentos de Michel Foucault. Assim, com o intuito de restringir as análises subsequentes, ater-nos-emos às noções mencionadas, envolvendo também as noções de agenciamento e dispositivo. Dessa maneira, entendemos que a estratégia de análise-intervenção cartografia será valiosa para o mapeamento dos tensionamentos e das linhas constitutivas do sujeito discursivo em questão, lançando luz sobre pontos que se tocam; podendo-se problematizar certos acontecimentos e práticas que dizem respeito às mulheres, em especial, às mulheres brasileiras, num país que “nasceu não de parto, nem de partida, mas de chegada, enviado da corte fruto de cortes fundos na pele, sempre ‘mestiça’”³.

Arte e ativismo se misturam na literatura românica. É o que Stubs, Teixeira-Filho e Lessa (2018, p. 2) compreendem como *artivismo*, “formas e modos possíveis de relações ético-políticas que podemos estabelecer com nossos corpos”. Nessa perspectiva, afirmamos que a literatura artista de Romão funciona como máquina de guerra. Máquina desenvolvida fora do

³ DIA 2. DATA DE NASCIMENTO. Optamos por indicar o *DIA* no lugar da página em vista do formato da obra (calendário), que reúne 28 dias retratando o ciclo menstrual.

Estado, mas também capturada por ele. A concepção de máquina de guerra se justifica por encontrarmos no processo escritante da poeta, ferramentas vazadoras de intensidades, propulsoras de novas experimentações e potencializadoras de devir: devir-outras possíveis, pois “a linha de fuga atrai o inimigo, atravessa algo e faz fugir o que a atravessa; **é no infinito de uma linha de fuga que surge o [a] guerreiro [a]**” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 74, **grifo nosso**). É linha que pode ser tanto de vida quanto de morte, de emancipação ou de repressão, mas que diante da materialidade aqui analisada, passa pelos fluxos molares propiciando pontos de diferenciação, cortes e fissuras contagiados pelo devir-mulher.

A guerreira é função molecular que brota de algum detalhe, ainda que pequeno, o qual provoca o arraste; é ocupar *entre* as variações, instaurando processos de subjetivação. Encontrar-se em função guerreira, “sangrar por si mesma”⁴, convoca a inquietude do sujeito de não permanecer estático por muito tempo, mesmo entendendo que enquanto um corpo social, constantemente se reterritorializa. Desse modo, partimos da ideia de que a noção de sujeito discursivo e a possibilidade de alternâncias de posições arrastam a noção de agenciamento como o acoplamento constante das máquinas, por meio do qual se trocam fluxos, instaurando cortes e contágios. Os dispositivos funcionam como catalisadores de agenciamentos (familiar, religioso, capitalista, moralista, conservador, negacionista etc.), ditando condutas, etiquetando e qualificando os sujeitos a partir de um ‘mapeamento de identidades’, instaurando regimes de verdade.

Tal afirmação decorre do entendimento de que, para Foucault (2017, p. 139), o dispositivo é um conjunto de “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles”, que, compostas por elementos heterogêneos permeados por essas relações de força, são capazes de instaurar produções específicas de subjetividade, delimitando as práticas dos sujeitos e as formas de assujeitamento. Sob essa perspectiva, a estratégia de resistência ganha velocidade na espreita, pois “fomos tantas tanto tempo, joanas d’ar estrangeiras, nossa guerra dos cem anos é dentro da fronteira”⁵. Ocupar as estreitezas, as falhas e as lacunas, fazer vazar fluxos outros, este é o sentido da máquina de fazer sangrar: a resistência por meio da produção da diferença.

Unindo-se ao funcionamento maquínico de *Sangria*, destacamos o devir-menor, a partir de Deleuze, como um efeito latente na produção romaniana. Sua literatura, buscando também *Coquetel Motolove*, livro publicado em 2014, é combinação de jogos com as palavras (e enunciados) entoados por um ritmo novidadeiro. As estratégias forjadas pela máquina-escrita

⁴ Adaptado de “SEI SANGRAR POR MIM MESMA”, em DIA 27. SANGRIA.

⁵ DIA 15. 1ª EUCARISTIA.

desviam de fatos majoritários, até mesmo dentro do âmbito literário: é literatura embrenhada de performances, artes da rua (poesia falada), recusa por letras maiúsculas. Nela, encontramos alto teor desterritorializante⁶, domínio de memória⁷ que recupera a força da coletividade e o viés político; “condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 38).

Novamente, forçar as saídas reitera o grau disruptivo, cujo movimento se vale da reinvenção, rompendo com o modelo de mãe-mulher-gentil, e que busca a produção incessante de produção, de subjetivações, encontros e experimentações. Experimentar esse corpo-mulher fora da supressão de suas potencialidades, pois “Há algo que lateja para além do útero”⁸. Há, na máquina de fazer sangrar os modos de viver conjurados às mulheres, pontos de inversão potencializados pelo devir-menor, uma vez que a possibilidade de desviar do padrão unívoco da maioria, “o padrão em relação ao qual as outras quantidades, sejam elas quais forem, serão consideradas menores” (DELEUZE, 2010, p. 19), é capaz de contribuir para uma “consciência de minoria”, assim como pensou Deleuze sobre a função política do teatro e do campo das artes, segundo Machado (2010, p. 7).

Além de considerarmos importante o percurso acadêmico que motivou a escolha deste tema, justificamos sua pertinência por acreditarmos que o sujeito discursivo materializado em *Sangria* (2017), é constituído por práticas de resistência que fazem frente a discursos que incitam a violência de gênero, e que são, portanto, práticas discursivas remanentes que ecoam no tecido social, cruzando passado e presente, desorganizando os lugares de poder. Logo, discursos intolerantes que se aproximam, que mantêm certas regularidades e que, de alguma forma, são acionados por um dispositivo da colonialidade. Corpos colonizados. Dessarte, os recortes selecionados estarão intrinsecamente relacionados ao cotidiano das mulheres e também das pessoas colocadas à margem, já que denunciam práticas arcaicas que foram e que ainda são normalizadas, evidenciando a urgência por equidade e políticas públicas de qualidade, que soam decisivas nesse processo.

Entendemos, pois, a materialidade em questão como literatura feminista, uma vez que vemos na escrita de Luiza Romão a denúncia de práticas normalizadas e a possibilidade de abertura a linhas de fuga, por completo devir, dentro dos jogos de saber-poder em que os

⁶ Se afirmamos que a literatura romaniana possui alto teor desterritorializante, é porque partimos do entendimento de que, em *Sangria*, enfrenta-se os perigos da história contínua e os padrões normativos que fixam as identidades em favor da diferenciação, de singularidades, possibilitando linhas de fuga. Contudo, também consideramos a presença de reterritorializações, uma vez que se enuncia considerando-se as condições históricas que possibilitam o desterritorializar (negar o instituído) e reterritorializar (novos espaços de subjetividade).

⁷ Recorremos à noção de *memória discursiva* a partir da filosofia foucaultiana.

⁸ DIA 10. 1ª MASTURBAÇÃO.

sujeitos são atravessados e constituídos. Entendemos, inclusive, que sua literatura já funciona como resistência, diante da resignificação que apresenta sobre os corpos das mulheres e temáticas como a menstruação, o prazer, a virgindade, o estupro e o feminicídio. Desse modo, defendermos a hipótese de que a poética de Romão adota perspectivas literária e discursiva de resistência a partir do momento que se vale da descontinuidade da história em gesto de recuperar a(s) memória(s) do corpo-mulher violentado e esquecido, lançado à posição de margem; silenciado. Assim, faz funcionar também um gesto de propagação: propagam-se novos olhares sobre o corpo-objeto, sobre os processos e práticas que, da ocupação em terras ameríndias, também se apropriou de milhares de pessoas, culturas, crenças e língua. Por isso a entendemos como máquina de guerra, pois discute, por meio da literatura, qual o lugar que as mulheres têm ocupado na sociedade e desterritorializa espaços cristalizados, proporcionando novos olhares sobre essa condição.

São esses pontos que vislumbramos com a escolha da poética dessa autora como máquina de fazer sangrar, cujas estratégias de resistência se fazem necessárias na atualidade brasileira. Ainda, ao entendermos que o conceito de devir, especialmente o de devir-mulher, presente na filosofia de Deleuze e ao longo de trabalhos desenvolvidos em conjunto com Guattari, dialoga diretamente com os estudos discursivos, buscaremos explicitar a que discursos os enunciados selecionados fazem referência e em que formações discursivas⁹ eles estão inseridos. E embora as filosofias aqui mencionadas sigam, cada qual de seu modo, certos caminhos na discussão, conceituação e análise sobre o sujeito e o corpo em relação ao campo social, a proposta de trazer o conceito de devir e, por vezes, algumas aproximações acerca de dispositivo e agenciamento nesses estudos, é justificada pelo contágio de potência que enfrenta o instituído, presente em *Sangria*. O devir é molecular, diferentemente do “homem”, que é molar, normativo, o qual foi capaz de instaurar “um padrão em relação ao qual os homens formam necessariamente (analiticamente) uma maioria” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 92).

Nesse contexto, devir é *entre*, que do duplo movimento do sujeito e da maioria, forma um “bloco de aliança” e, assim, “há o sujeito do devir como variável desterritorializada da maioria”¹⁰. E é a partir desse movimento que nos encontramos com o conceito de devir-mulher: potência que foge ao controle, que possibilita a produção da diferença da condição molar

⁹ Mobilizamos a noção de *Formações Discursivas (FD)* a partir de Michel Foucault, em *A Arqueologia do Saber* (1969/2016, p. 38), quando busca “descrever enunciados no campo discursivo e as relações de que são susceptíveis”.

¹⁰ *Ibid.*, p. 93.

homem e de suas relações de força e dominação. Dessa forma, justificamos também a pertinência desta pesquisa uma vez que é pretensão contribuir ao campo dos estudos discursivos sobre resistência, além de dar visibilidade à obra da autora, já que é um livro ainda pouco estudado. Por conseguinte, será preciso analisar e investigar especialmente: como a máquina de sangrar, ou antes, a máquina de fazer sangrar de Luiza Romão, é capaz de passar pelos agenciamentos múltiplos que atravessam e constituem o corpo-mulher? como o conceito de devir-mulher pode agir como linha de fuga dentro das redes de saber-poder, possibilitando práticas de resistência? como pode ser caracterizado esse ‘vetor de força’ e de que maneira(s) a máquina de fazer sangrar pode ser capaz de povoar novos modos de existência a partir de um devir-mulher e produzir diferenças?

Sendo assim, temos a intenção de aprofundar, teoricamente, sobre os estudos discursivos na perspectiva foucaultiana e sobre as abordagens deleuziana e deleuzo-guattariana, assim como a relação que mantêm entre eles. É pretensão, pois, ressaltar e problematizar a poética de Romão, selecionando os enunciados que evidenciam a história das mulheres no Brasil e seus reflexos na atualidade, organizando-os conforme a disposição dos capítulos; percorrendo também sobre questões propriamente literárias, como a organização da obra, estrutura e temas frequentemente utilizados pela poeta. Diante disso, acreditamos que estudar a literatura de Luiza Romão, que não fala *por* outras mulheres, mas *com* elas¹¹, abre novas perspectivas de análise e investigação das raízes do Brasil, do processo de colonização do Brasil e das práticas atuais, não em movimento linear, mas mapeando as continuidades e descontinuidades históricas.

Para tanto, este estudo está disposto em três grandes seções: *1 Máquina de fazer sangrar*, incluindo uma breve discussão sobre o *Poetry Slam*; *2 Corpo-mulher-coletivo*; e, *3 Declaração devir-mulher: “sei [fazer] sangrar por mim mesma”*. O primeiro capítulo se desenvolve a partir da descrição do livro *Sangria* (2017), suporte para as materialidades aqui analisadas, passando por colocações sobre o *Slam*, movimento ativista e ativador da arte crítica, política, coletiva e acessível. Nesse momento, é objetivo pensarmos sobre o *slam* inserido em contexto de luta, sua história e estabelecimento no Brasil, para que seja possível compreender o contexto a que se insere Luiza Romão, *slammer*¹², poeta, atriz e diretora teatral, e qual sua relação com o conceito de máquina de guerra, conforme a filosofia deleuzo-guattariana.

¹¹ Estratégia de escrita analisada por Sheila Laverde, em *Resistência feminina e feminismo africano em Without a name de Yvonne Vera* (2017), ao tratar sobre a resistência feminina e o feminismo africano com base na obra *Without a name*, de Yvonne Vera.

¹² Nome que se dá ao participante das competições do *Poetry Slam*.

Já no segundo momento, é foco das discussões conceitos, sob viés teórico, particularmente valiosos a esta dissertação, como devir-mulher e linhas de fuga, de acordo com Deleuze e Guattari, e noções tais quais a de discurso, enunciado, sujeito discursivo e relações de poder a partir da Análise do Discurso à luz dos pensamentos de Michel Foucault. Almejamos dialogar com esses estudiosos e adiantamos que, por vezes, as discussões poderão se apresentar impregnadas de ambas as filosofias, na confluência da própria filosofia da diferença, especialmente quando mencionamos a importância da estratégia de análise cartografia e quando pensamos os dispositivos e os agenciamentos.

Desdobra-se depois, uma parte organizada sobre os diversos feminismos, no sentido de movimento emancipatório das mulheres e parte do livro-calendário, precedente às análises sobre sujeito discursivo inscrito e produzido nos poemas do livro escolhido. É possível observar que mesmo sendo conceito imprescindível deste trabalho, o conceito de devir-mulher, incluindo os processos de subjetivação, adquire intensidade em nossas argumentações somente na última seção. Isso se deve por considerarmos que suas descrições e pontuações teóricas podem ser mais efetivas se distanciadas da abstração, uma vez que almejamos efetuar o batimento teórico-analítico ao trazermos os recortes com as sequências enunciativas.

1 MÁQUINA DE FAZER SANGRAR

Decidimos pensar a partir de *Sangria* (2017), como a escrita enquanto máquina é capaz de produzir mecanismos, ferramentas disruptivas que possibilitam elaborar outras maneiras de viver, de experimentar, de cuidar de si, de respirar; fazer ventilar ares escapantes da atmosfera sufocante e pesada que infiltra nos corpos dos sujeitos e os enfraquece. As palavras, com Romão, organizam-se para acionar sentidos singulares, consistem em forçar o corpo para a abertura de novos olhares, deslocar saídas daquilo que até então se encontra normalizado, disciplinado. Corpo “clivado por uma teia de violências produzidas ao longo da história”, conforme entende Fernandes Júnior (2020, p. 189). No fazer-pensar, encontramos os efeitos da intensidade do entrecruzamento de muitas linhas. Acompanhar, ler e ouvir as “escrevivências” é estar exposto às intensidades da interseccionalidade por onde são construídos tais poemas. Trata-se do que Conceição Evaristo explica sobre o conceito de Escrevivência, cunhado por ela ao se referir a sua subjetividade impregnada em suas criações:

o meu texto, tanto texto literário como texto ensaístico, a poesia, a prosa, nasce [...] profundamente marcado pela minha experiência de mulher negra na sociedade brasileira. É uma escrevivência que se dá realmente através dessa vida, que é a vida do povo negro. homens, mulheres, crianças (EVARISTO, 2020, 03s a 40s).

A poética de Romão também articula certa escrevivência, pois guarda um domínio de memória que passa pelo corpo e pelas experiências que alinhavam e constituem Luiza-mulher e Luiza-poeta, por exemplo. Notamos, nesse emaranhado de linhas, ora rígidas, ora maleáveis e de fuga, tensões que se implicam, que se conectam como nós dispostos e constituintes de um tecido. Esse processo escritante forma as engrenagens da máquina-escrita em questão. E reiteramos a noção de máquina no presente estudo a partir do que Deleuze e Guattari pensam sobre os fluxos desejantes: “o desejo faz correr, flui e corta” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 16). Os fluxos desejantes são revolucionários. Tudo é máquina, somos máquinas em constante inacabamento, atravessadas e modificadas por fluxos e por acoplamentos e desacoplamentos; processos contínuos de produção que se modificam no ceio das afecções, das relações infinitas com outras máquinas, com o mundo. “O produzir está sempre inserido no produto, assim como toda máquina é máquina de máquina”¹³.

É nesse sentido que pensamos a escrita de Romão como máquina potente, nômade. Ressaltamos que não é nosso intuito penetrar no campo esquizoanalítico, mas foi por ouvirmos da materialidade aqui pensada, a força da ideia de máquina tendendo às intensidades de um Corpo sem Órgãos (CsO), que decidimos delinear nossas discussões a partir dessa perspectiva.

¹³ Ibid. p. 17.

Vimos, pois, a possibilidade latente de um diálogo prolífico entre as filosofias deleuzo-guattariana e a de Michel Foucault para pensarmos com a *slammer* modos inventivos, práticas de resistência, da escrita à materialização dessas forças no próprio corpo. Desse corpo que do *status* de objeto pode ser ferramenta para luta. Um corpo como um campo de intensidades. E para que possamos mobilizar o conceito de máquina de guerra, vimos a necessidade de trazer para nossas discussões, alguns apontamentos sobre a ideia de máquina. Funciona como um movimento preventivo, no sentido de não passarmos diretamente para as máquinas de guerra sem situar ou abordar, minimamente, sobre o quê ou a que estamos nos referindo.

Assim, iniciando pelas máquinas desejanças, e considerando-se que tudo é máquina que tem seus fluxos cortados e atravessados por fluxos de máquinas outras, as máquinas desejanças estariam relacionadas à contínua produção de produção, o incessante acréscimo do ‘e’. Por isso, “O esquizofrênico é o produtor universal” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 18), pois sempre insere o produzir, abrindo-se a encontros e experimentações. Ao mesmo tempo, destacam-se nesse panorama maquínico diverso, máquinas técnicas, estritamente organizadas, máquinas abstratas altamente codificadoras. Essas são exemplos de máquinas padronizantes, especialmente ligadas ao social e ao sedentário; máquinas podantes, por vezes grandes, mas também silenciosas e sorradeiras. Há, então, ruídos, desgastes, acoplamentos e desconexões entre essas máquinas que não param de lançar seus fluxos em nossos corpos e produzir efeitos inesgotáveis. Daí o que mencionamos sobre as intensidades de um CsO, que “é produzido como um todo, mas no seu próprio lugar, no processo de produção” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 50), “último resíduo de um *socius* desterritorializado”¹⁴.

E quando pensamos com e a partir de Romão, por exemplo, sobre um dispositivo disciplinatório “que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam” (FOUCAULT, 2019, p. 198), vemos a memória de um sujeito e corpo cujos desejos foram agenciados e profundos os processos de subjetivação: “[...] filha da virgem, aquela modelo impecável, testa bendita”¹⁵. Tomando-nos como organismo, no sentido de organizados em partes especializadas, tendemos a limitar nossos desejos a funções - a função do olho é olhar, da boca é comer, do ouvido é ouvir -. Ao contrário, o que Deleuze e Guattari (2011) colocam é criar para si um corpo sem imagem, um corpo pleno sem órgãos; corpo desviante e livre para configurar funcionamentos outros: “e se eu não quiser casar? Será

¹⁴ Ibid., p. 63.

¹⁵ DIA 6. NOME DA MÃE.

eterna essa chaga de carregar o ventre livre e a carne viva?”¹⁶. O inconsumível que “serve de superfície para o registro de todo o processo de produção do desejo, de modo que as máquinas desejantes parecem emanar dele no movimento objetivo aparente que as reporta a ele” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24).

Expliquemos: se criarmos para nós um CsO, temos a superfície como parte mais profunda, estamos abertos aos encontros, às experimentações diárias que carecem de mais atenção, de criatividade e de potência. Mais que organismo, “sou mais seiva do que água apesar da anemia aparente, são camadas e camadas de células-vivas, camadas e camadas de paetê dourado”¹⁷. Movimento na realidade concreta. E pensar para além do que nos é ensinado é trabalho árduo, pode ser doloroso, demanda energia, movência e nomadismo. Demanda revisitar o exercício de subjetividades esquecidas ou ainda desconhecidas. É aí que encontramos nas máquinas de guerra, nas práticas de resistência, um fluxo de fuga exponencialmente desterritorializante, promotor de escapes. As máquinas desejantes, sempre desarranjadas, fazem ponte com a máquina de guerra: elas gritam por movimento, anseiam por desencadear outros processos fora das mesmices deprimentes. A grande questão é: como produzir para si um CsO e forjar micro-máquinas revolucionárias, estratégias moleculares e de invenção?

No caso de *Sangria*, a máquina de guerra é construída em dois momentos distintos: no *Poetry Slam* e no livro. No primeiro, a máquina disruptiva é forjada a partir do contato com o outro, na presença dos participantes, do público e dos jurados. O palco é a rua. Enquanto a elite restringe o acesso às apresentações artísticas a espectadores contados a dedo, a poesia falada inverte a cena: a plateia é composta por espectadores que podem livremente se juntar à roda. O corpo a corpo promove afecções instantâneas. Calor, vibrações. Não há artifícios musicais, menos ainda instrumentos musicais ‘dignos de colecionador’. O ritmo ganha vida no próprio corpo do/da *slammer*. Essa máquina é constituída pela fala, pela exposição de *slams* originais em entonação ritmada, pelo nomadismo colaborativo.

De outro modo, o livro dá novos contornos aos *slams*-poesia, pois a materialidade ganha outros elementos e particularidades atrelados ao suporte. A potência escapante ritmada pela linha molecular ganha movimento nesse encontro ‘luterário’, luta e literatura que se fundem no sentido de reivindicar, de problematizar, de polemizar velhas práticas e discursos que se fazem novos e presentes nas existências dos sujeitos. No livro, fotografias e poemas dispostos em dias, no formato calendário. Arte que também é política. Artivismo. A máquina-luterária não apenas nos apresenta poemas, mas denuncia inúmeras formas de violência contra as mulheres e o

¹⁶ DIA 10. 1ª MASTURBAÇÃO.

¹⁷ DIA 10. 1ª MASTURBAÇÃO.

descaso diante dessa situação. No mesmo processo escreviente, o corpo, programado e sucumbido à “coisa de pertença” (EVARISTO, 2017, p. 118), é tensionado ao limite: elaborar para si, ferramentas que operem em movimento de desterritorialização nas forças de dominação.

me queriam
 dócil coluna ereta
 disciplinada
 manequim tamanho PPP
 pequena pacata passiva
 mas capoeira mandou avisar
 que samba também é luta

o corpo que gira

prepara sua fuga (ROMÃO, 2015, p. 13, **grifos nossos**).

O ritmo de propagação, “O corpo que gira/ prepara sua fuga”, costura todo o calendário da sangria apontando as muitas interrupções de nascituras, como pílulas do dia seguinte, à medida que também delinea a fuga mediante processos inventivos que não cessarão de brotar. Nesses *slams*, atravessados por diferentes linhas, as palavras se conectam e se cruzam o tempo todo. O baile é identificável: dançam linhas maleáveis e de fuga, os diferentes territórios se misturam, movimentam seus limites, linhas a bordar novas possibilidades. Esses nós e entrecruzamentos pontilham o tecido da resistência, trama inacabada apontando continuamente para o desatar e o (re)fiar de conexões e texturas para a existência:

dos saltos
 só conheço os que fazem voar
 tenho fúria muita
 e infâmia sem pensar
 quando virei mocinha
 me queriam abas
 patas-fincadas
 mas sou ave rapina
 do anjo
 roubei as asas¹⁸.

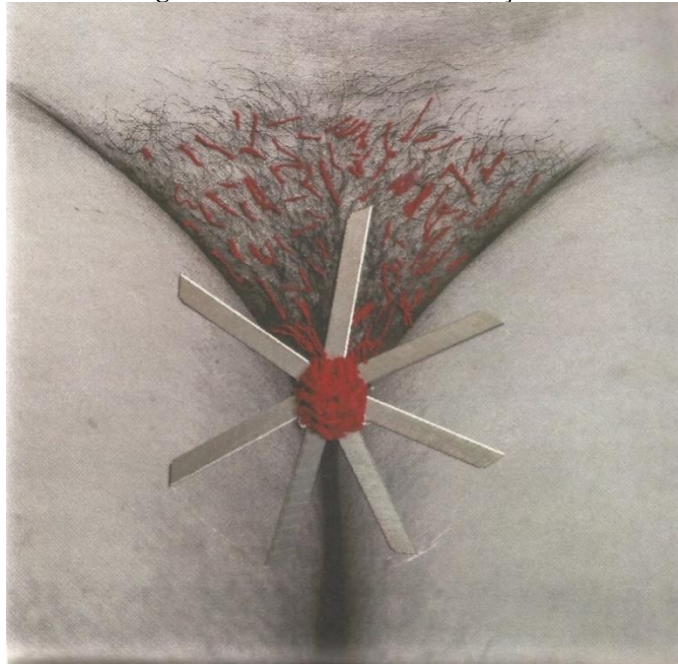
Destacamos a singularidade dessas novas possibilidades de existência de forma a serem linhas a costurar mais textos para vida não só com e para as mulheres. A escrevivência avança

¹⁸ DIA 9. 1ª MENSTRUACÃO.

sobre os limites e as relações pré-postas e afirma: “tenho fúria muita e infâmia sem pensar”. Aproxima-se de um devir-menor. Ampliar a existência com essa máquina de guerra independe de gênero e sexualidade. Trata-se de uma literatura que desterritorializa e aplica desvios nos padrões majoritários, “mas sou ave rapina, do anjo roubei as asas”, é política e, portanto, coletiva. Literatura solidária que escapa àquela considerada grande, de cânones sacralizados e consagrados, aproximando-se do que Deleuze e Guattari (2017) formularam como literatura menor ao observarem a literatura kafkiana: “se o escritor está à margem ou apartado de sua comunidade frágil, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 37). A literatura romanesa experimenta com a linguagem e as artes (do campo literário, do *slam* e da própria produção fílmica e fotográfica) outras possibilidades para as existências das mulheres e dos sujeitos lançados à margem.

Nela, as linhas de fuga são intensas, forçando múltiplas portas, abrindo sulcos inesgotáveis. Salientamos que essa máquina de experimentações e afecções não está blindada de captura, da territorialização particular das linhas molares do Estado. Ocorre que o processo inventivo e forjador de porvires pode perder suas velocidades e devires moleculares para estagnar e estabilizar-se. Aí está a importância do passeio nômade: fazer fervilhar os encontros e as composições para a vida. Com a literatura romanesa somos convidados a caminhar por diversos trajetos, a partir dos quais se consegue cartografar e problematizar certos discursos e contracondutas. A produção artística de Romão, que guarda semelhanças da literatura menor e funciona como ativismo, é construída por sequências enunciativas e imagens, linhas e objetos gélidos, cortantes e perfuradores. Não por acaso, pois desvelam a constituição desse sujeito discursivo, atravessado por discursos conservadores, de dominação e violência, por práticas que violam, furam e rasgam. A Figura 3, disposta abaixo, é capa do livro em questão e correspondente ao *slam DIA 9. 1ª MENSTRUACÃO*.

Figura 3: DIA 9. 1ª MENSTRUÇÃO.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

Chamamos atenção às linhas que bordam as fotografias registradas por Sérgio Silva, no livro-calendário. Linhas vermelhas atreladas a adereços como lâminas, dobradiças, correntes, alicates, chaves, crucifixo, colheres, peneiras, parafusos, alfinetes, costurados a partes do corpo feminino. Cada página, uma fotografia. Há muito mais que representação. Estamos diante de um processo inventivo inscrito em todo o livro. Há, sobretudo, sequências enunciativas que emergem de uma materialidade visual. Enunciados efetivamente produzidos. Dos momentos que reúnem fotografias e *slams*-poemas, 6 grandes seções: *CAPÍTULO 1_GENEALOGIA*; *CAPÍTULO 2_DESCOBRIMENTO*; *CAPÍTULO 3_TENSÃO PRÉ-MENSTRUAL*; *CAPÍTULO 4_CORTE*; *CAPÍTULO 5_OVULAÇÃO*; e, *CAPÍTULO 6_MENSTRUÇÃO*¹⁹.

CAPÍTULO 1_GENEALOGIA, primeira seção da obra, dá início à contagem dos dias do ciclo menstrual concomitante ao exercício de memória. Assim, concordamos com Hollanda (2017, n.p.) quando afirma que “Sangria não é apenas mais um livro de poemas, Sangria é um projeto literário sobre a História do Brasil vista pelas entranhas de uma feminista contemporânea”. O processo de colonização do Brasil e as práticas e fluxos cortantes que desde os primórdios violentam os corpos das mulheres são colocados em cena. É a história do Brasil contada e cantada pela voz e através do corpo de uma mulher. Não de uma mulher, única, questão de autoria. Não. Um corpo-mulher-coletivo, domínio de memória constituinte do sujeito discursivo. Brasil Colônia, corpos colonizados, dominados, estuprados e ceifados. A

¹⁹ Optamos por seguir a formatação dos títulos dos capítulos e dos poemas/*slams* em caixa alta, assim como aparecem na obra.

história do presente está marcada por práticas e discursos do passado, atualizados, cujas memórias se misturam e auxiliam a ler o presente: *DIA 1. NOME COMPLETO; DIA 2. DATA DE NASCIMENTO; DIA 3. NÚMERO DE REGISTRO; DIA 4. IDIOMA MATERNO; DIA 5. LOCAL DE NASCIMENTO; DIA 6. NOME DA MÃE; DIA 7. NOME DO PAI; e, DIA 8. CLAÚSULA ADICIONAL.*

Os corpos violados e o sangue derramado são, ainda, realidade. A sangria da fase de descamação uterina, iniciada no primeiro dia de sangramento, percorre os 8 dias até o *CAPÍTULO 2_DESCOBRIMENTO*, momento em que as primeiras experiências relativas ao corpo das mulheres são mencionadas: *DIA 9. 1ª MENSTRUAÇÃO; DIA 10. 1ª MASTURBAÇÃO; DIA 11. 1ª CULPA; DIA 12. 1ª PAIXÃO; DIA 13. 1ª TRANSA; DIA 14. 1º ASSÉDIO; DIA 15. 1ª EUCARISTIA; e, DIA 16. 1º ESTUPRO.* Útero, órgão condicionado à gestação, mas condição para domínio e silenciamento. Da primeira menstruação, já as implicações do corpo feminino, “então vieram os modes, as modas, os modos de cruzar os pés, maquiagem a boca, calar palavra”²⁰. Corpos úteis para gerar a vida e não para expressar suas vontades e desejos, “maquiagem a boca” e “calar a palavra”. As primeiras experiências desse corpo, que é sexual e desejanse, são contaminadas por discursos religiosos, machistas e patriarcais que, juntos, configuram a cultura do estupro. Para esse sujeito, a violência sexual e o assédio são resultados concretos desse dispositivo colonial.

Já em *CAPÍTULO 3_TENSÃO PRÉ-MENSTRUAL*, os efeitos colaterais dos movimentos e das mutações uterinas, *DIA 17. CÓLICA; DIA 18. NÁUSEA; DIA 19. FEBRE; DIA 20. FADIGA; e, DIA 21. VERTIGEM*, indicam a marginalização de gênero, a falta de políticas públicas, as inúmeras mortes por feminicídio, e que são incontáveis, já que o próprio sistema não consegue quantificar quantas mulheres perderam suas vidas por serem quem são. E, ainda, os esquecimentos daquelas que exerceram atividades de extrema importância, mas que não são lembradas porque a perspectiva contínua da história é lida pelo viés do protagonismo masculino: “mas alguém se lembrou de quitéria? o depoimento de olga benário apodrece num campo de concentração qualquer”²¹.

Enquanto o tecido uterino caminha em reconstrução, prepara-se à liberação dos óvulos, o *CAPÍTULO 4_CORTE* ganha lugar: as pílulas tomam os próximos quatro *DIAS* trazendo interrupções históricas em território brasileiro. História descontínua. *PÍLULA 1 (DIA 1º DE SETEMBRO); PÍLULA 2 (DIA 13 DE MARÇO DE 2015); PÍLULA 3 (DIA 18 DE ABRIL DE 2016); e, PÍLULA 4 (DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2017).* Vale salientar que as próprias

²⁰ DIA 9. 1ª MENSTRUAÇÃO.

²¹ DIA 18. NÁUSEA.

condições de possibilidade do livro-calendário remontam ao abrupto afastamento da ex-Presidenta Dilma Rousseff e às manifestações daquele momento: “after all como deixar uma mulher comandar o país se ‘presidentA’ não existe?”²². O falocentrismo novamente toma o protagonismo das mulheres, reivindica lugares de prestígio ligados à ideia de poder em razão da misoginia. Língua e linguagem que também carregam evidências do privilégio masculino. O desvio, não só gramatical, incomoda e é inaceitável àqueles que tanto se fragilizam diante da transgressão. Essas condições de possibilidade ganham evidência nas quatro pílulas, as quais remetem às interrupções de movimentos inauguradores bem como fraturas na democracia.

Em seguida, um *DIA* de *CAPÍTULO 5_OVULAÇÃO*, fim do *DIA 26. PERÍODO FÉRTIL*, a datar 2002-2016. No entanto, os últimos dois dias já se preparam para o início de um novo ciclo, pois a *CAPÍTULO 6_MENSTRUÇÃO* reafirma a potência e o que pode um corpo, esse corpo-coletivo: “meu útero é uma bomba”²³. Da *DIA 27. SANGRIA* à fase *DIA 28. LÚTEA*, as linhas de fuga se fazem presentes mais do que nunca. A máquina de guerra tem suas potências acentuadas e o balanço das linhas faz multiplicar as passagens, os vazamentos. Expande-se o rizoma em movimento inventivo. Aumentam-se as dobras e as possibilidades de si, potencializadas pelo devir. As linhas de fuga impregnam nos poros maleáveis, estendendo sua força e convocando mais fluxos. Esse dispositivo feminista, luterário-feminista e ativista, forja armas imprescindíveis para um povo-mulher porvir.

1.1 *POETRY SLAM*: poesia, arte, ativismo

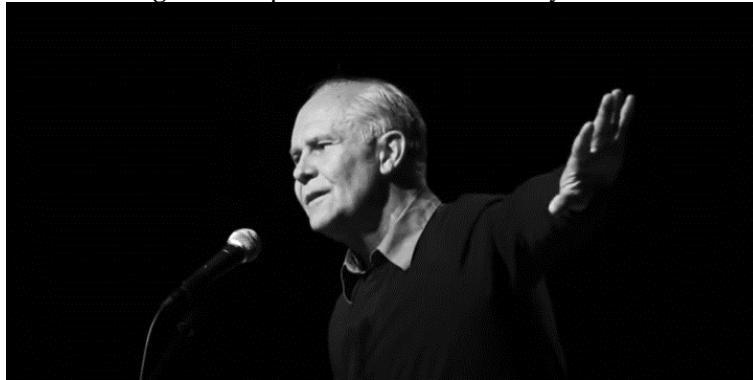
A se pensar nos dispositivos disruptivos, ou no conjunto de elementos heterogêneos que acionam outras possibilidades de existência, não poderíamos deixar de mencionar, mesmo que brevemente, a constituição do *Poetry Slam*, modalidade artística que reúne poesia e performance em apresentações públicas de poemas autorais. Trata-se de um segmento artístico coletivo, que considera fundamental a participação da comunidade, que inclui público e *slammers*, os poetas que desempenham tal modalidade. Conforme precisa D’Alva (2014, p. 109), pode ser compreendido como “um espaço livre para expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento”.

As performances de *Slam* surgiram em Chicago, nos Estados Unidos, em meados dos anos 80, e tiveram como precursor Marc Kelly Smith (Figura 4), poeta e trabalhador de construção civil que em conjunto com o *Chicago Poetry Ensemble*, fundou o primeiro *Poetry Slam*, nomeado *Uptown Poetry Slam*, conhecido popularmente como *Slam Papi*.

²² PÍLULA 4 (DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2017).

²³ DIA 27. SANGRIA.

Figura 4: Captura de tela de Marc Kelly Smith.



Fonte: Vídeo publicado pelo canal *Slam Tribu*, no *Youtube*, em 7 abr. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NpE1RO3O6bs>. Edição da imagem em preto e branco de autoria própria.

Em relação à origem da palavra *slam*, é derivada de esportes como *baseball* e *bridge*. Esse movimento artístico que reuniu poesia e performance em apresentações de no máximo três minutos, teve como palco o *Green Mill Cocktail Lounge*, bar e restaurante localizado na *Broadway*, no município estadunidense. Conforme Smith (2013, n.p.), tudo começou em 1984, no *Get Me Hight Jazz Club*²⁴. Para o poeta,

a arte de escrever poesia e atuar em dança teatral é sagrada, é uma atividade humana de mudança de vida voltada para descobrir a verdade sobre si mesmo na sociedade em geral, sobre abrir os olhos e ajudar os outros a ver os danos para os quais eles podem estar cegos. Também se trata de lutar o bom combate para enfrentar males muito reais que existem ao nosso redor, sem você mesmo se tornar ruim²⁵.

A poesia falada, nesse sentido, sai da erudição de centros fechados, passando para um ambiente mais acessível não só à plateia como também aos artistas, poetas e atores, reverberando um retorno as suas origens como celebração (FERNANDES JÚNIOR, 2007). Segundo Smith (2013), a união entre poesia e performance é indispensável, pois “revela o significado genuíno e a paixão de um poema”²⁶. Sob esse viés, a modalidade artística ganha novos traços e admiradores, espalhando-se por países como França, Alemanha, Irlanda, Austrália, Suécia, Madagascar, Bielo-Rússia, Itália, Zimbábwe e Brasil, por exemplo (SMITH, 2013).

Ressalta-se que nesse segmento é prezada a interação de todos os envolvidos, de sua coletividade, sem que haja foco exclusivo no/na *slammer*, fator diferenciador do *Spoken Word*, cujo destaque se acentua nos/nas artistas que, por vezes, seguem carreira solo. Não por acaso,

²⁴ Fala original: *I just said it started at the Green Mill in 1986 but it actually started at the get me high jazz club in 1984 that's another story* (09min55s)

²⁵ Fala original: *It's my belief that arts writing poetry performing at theater dance is sacred, it's a life-changing human activity directed toward uncovering the truth about oneself in the society at large, about opening one's eyes and helping others to see the harms they may be blind to. It's also about fighting the good fight, about standing up to very real evils that exist around us without becoming evil yourself* (13min30s a 14min04s).

²⁶ Fala original: *Performance, in my opinion reveals the genuine meaning and passion of a poem* (08min08s).

os grupos de participantes são entendidos como comunidades, trabalhando em conjunto e seguindo um mínimo de regras. Os primeiros eventos datam 1999, com o primeiro campeonato *Nacional Poetry Slam* realizado em São Francisco, Califórnia, e 2002, com o também primeiro *Campeonato Internacional de Slam* em Roma, na Itália (D'ALVA, 2014).

Desde seu início, a poesia falada, que surge após o movimento *Folk*, nas décadas de 1950 e 1960, e os ideais socialistas de “mudança no mundo para a melhoria de todos”²⁷ (SMITH, 2013), tem como base o compartilhar, a força mútua colaborativa com pautas sociais e que versam sobre vivências, sobre as diversas realidades. A luta, que é arte-ativismo, demanda apoio e sustento de todos os que compõem a comunidade de *slam*, que não é paga, é particip(ativa). Cada comunidade tem autonomia para adequar seus encontros às experiências locais. Não há estrelismo, mas existe reconhecimento de todo o percurso e história do *Poetry Slam*. No Brasil, o *Slam* chega em 2008, por meio de Roberta Estrela D’Alva (Figura 5), *slammer*, atriz, poeta, escritora, pesquisadora e MC brasileira, junto com o coletivo teatral *Núcleo Bartolomeu de Depoimentos*, em São Paulo. No mesmo ano, foi criado o primeiro *Slam* brasileiro, *ZAP! Zona Autônoma da Palavra*.

Figura 5: Foto de Roberta Estrela D’Alva, compartilhada em seu perfil público no *Instagram*, em 26 nov. 2020.



Fonte: Fotografia de Renato Nascimento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CID88a1A6VU/>.

D’Alva também apresentou o programa televisivo *Manos e Minas*, da *TV Cultura*, iniciado em 2008 e pausado no ano de 2019, cujo objetivo era acentuar o protagonismo da

²⁷ Fala original: *many people harbored a misconception that slam evolved out of The Beat Generation or its acapella hip-hop, it did not, it is not there are large elements of hip-hop and smaller elements of beat poetry within the slam canon, but the route the model in my mind [...] what's the model was the folk movement of the late 50s and the 60s and the idealism and the social conscience of young people and older artists many of them socialists like myself, who believed that justice for all was attainable, who believed the high-minded words and the ideas that were taught in great school about democracy and American [...]* (09min28s a 10min32s).

cultura periférica. A pausa das gravações não foi recebida com satisfação, já que o programa foi um dos poucos a veicular o protagonismo de sujeitos colocados em posição de margem na sociedade brasileira. Para ela, “também significa que o poder transformador dessa cultura é temido pelos que estão no poder, senão esse programa não teria sido o primeiro a ser descartado.”²⁸ Dois anos antes, o longa-metragem *SLAM: Voz de Levante*, dirigido pela precursora do *Slam* no Brasil juntamente com Tatiana Lohmann, foi contemplado com os *Prêmios Especial do Júri e Melhor Documentário* (19º Festival do Rio); e, já em 2018, foi vencedor do *Melhor Filme Nacional*, no *Festival Internacional de Mulheres no Cinema*.

O percurso do *Slam*, de Chicago para cá, ressalta a importância das artes em suas múltiplas formas, como instrumento capaz de transformar, politizar e resistir. Ocupar os espaços públicos é, por si, prática de resistência, especialmente quando se observa a inserção dessa atividade em uma sociedade capitalista, fundamentada no útil e no pago, que separa o que é ou não válido pela lucratividade e retorno. Dessarte, insere-se nesse contexto, Luiza Sousa Romão (Figura 6), que é *slammer*, poeta, atriz e autora de *Sangria* (2017), obra objeto de nossas análises. Além dessa produção, em 2014 lançou seu primeiro livro, intitulado *Coquetel Motolove*. No mesmo ano, foi vice-campeã do *Slam BR*.

Figura 6: Foto de Luiza Romão, compartilhada em seu perfil público no *Instagram*, em 28 ago. 2020.



Fonte: Fotografia de Sérgio Silva. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEb2Mu6HjAf/>.

Nascida em Ribeirão Preto, no ano de 1992, Romão reside em São Paulo desde os dezessete anos de idade. Além de ser um nome forte no *Slam*, Luiza Romão vem se destacando na literatura por sua poética-performance, que problematiza questões sociais por meio de jogos de palavras e, até mesmo, de imagens. É bacharel em Artes Cênicas (Direção Teatral) pela Universidade de São Paulo, tem formação na Escola de Arte Dramática e é mestrandia (ano de

²⁸ Entrevista concedida por Roberta Estrela D’Alva à *Ponte Jornalismo*, publicada em 11 de julho de 2019. Disponível em: <https://ponte.org/fim-do-manos-e-minas-e-tentativa-de-silenciar-as-quebradas-diz-apresentadora/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

início 2020) no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada pela mesma instituição.

Seu percurso artístico se funde à noção de ativismo, arte e política em favor do pensar e do agir, promovendo transformações coletivas. Um ativismo feminista que intensifica a urgência por novas formas de existir, que “problematiza as concepções de subjetividade e as estratégias que têm mobilizado para criá-las” (RAGO, 2013, p. 26). É nesse sentido que o ativismo romaniano possibilita encontrar as lacunas inerentes ao funcionamento biopolítico (FOUCAULT, 2008), pois é movimento inaugurador de experimentações, promovendo olhar para si e se reconhecer como sujeito capaz de sair da condição de permanência. Trazer o nomadismo e a feitiçaria que passa por todo o devir-mulher (DELEUZE; GUATTARI, 2012b) é prática de resistência que implica cuidar de si, difundindo novas sensibilidades. Essa conversão, ou movimentação que sugere certa individualidade, afeta de maneira significativa o todo, pois possibilita acrescentar desvios na própria transformação social.

Já no tocante aos trabalhos e pesquisas desenvolvidas acerca de sua literatura e, em particular, sobre o livro *Sangria*, efetuamos buscas nas plataformas on-line *Scholar Google* e *Portal Periódicos CAPES* mediante a aplicação das palavras-chave “Sangria” e “Luiza Romão” a fim de visualizarmos como este estudo se insere no campo científico e de que maneira(s) se aproxima e se diferencia dos demais. Pudemos observar publicações de 2017 a 2020, cuja acentuação aconteceu nos anos de 2018 e 2020. Em suma, verificamos que os estudos se desenvolvem a partir de concepções e análises sobre o corpo feminino e os aspectos históricos relacionados à colonização, dividindo-se, cada qual com suas particularidades metodológicas e objetivos específicos, em dois grandes fluxos: por uma perspectiva poético-literária e histórica, pensando também em questões de gênero e de sexualidade, como em Diniz (2018), Menegaro (2018), Lousa (2019), Montes (2019), Medeiros (2020) e Schmidt (2020); e, discursiva, em Oliveira (2021), Rosa (2018) e Silva (2018, 2020b), inseridas na Análise do Discurso pêncheutiana em diálogo com estudiosos como Lacan e Foucault; e, Silva (2020a) a partir das filosofias de Butler, Foucault e Deleuze e Guattari. Quanto às resenhas publicadas em periódicos especializados, destacamos Escaleira (2017) e Borges (2020).

Vimos, pois, que ainda que os autores mencionados mobilizem algumas ferramentas de análise advindas dos pensamentos de Michel Foucault e também noções desenvolvidas dentro da filosofia deleuzo-guattariana, a proposta aqui pensada sinaliza para um caminhar noutra ritmo. Pretendemos também pensar nos discursos, nos domínios de memória e processos de subjetivação e objetivação que atravessam e constituem os sujeitos, mas partimos das práticas de resistência/ máquinas de guerra para que possamos problematizar dispositivos específicos

que desde o processo de colonização do Brasil funcionam de maneira a incidir sobre o corpo-mulher. Vislumbramos analisar a partir de sequências enunciativas extraídas do livro-calendário, sobretudo, como o devir-mulher e a instauração de devires-moleculares acionam novas possibilidades de existência e de bons encontros, com “potências que aumentem nossas capacidades de existir” (FUGANTI, 2021, n.p.). Assim, os passos cartográficos são dados em sentido de explorar e encontrar os nós das muitas linhas constituintes do tecido socio-histórico-discursivo que compõem os dispositivos. Malha tramada cuja marca central é a dinamicidade, pois não é imóvel, rígida ou imutável, assim como os discursos.

2 CORPO-MULHER-COLETIVO

Se insistimos em reiterar a presença das diversas linhas que constituem os sujeitos e suas existências, é por pensarmos com Deleuze²⁹ e Foucault a possibilidade de cartografar e analisar especialmente alguns movimentos dos fluxos que fazem fugir, que desterritorializam práticas até então codificadas. Esses movimentos, emaranhado de linhas duras, flexíveis e de fuga, ganham velocidade, alternância e potência porque são parte das relações de saber-poder que incidem sobre os sujeitos e seus corpos; formam campos de dizibilidade e de circulação/irrupção de enunciados. Assim, o exercício do poder é o que Foucault (2009, p. 14) entende como o “conjunto de ações sobre ações possíveis: ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, amplia ou limita, torna mais ou menos provável”. É da ordem da produção, da relação de forças. Logo, o cartografar e consequente análise das linhas (entender seus encontros, cruzamentos e distâncias), aqui, acontecerão pela via dos enunciados, das sequências enunciativas identificadas e extraídas de *Sangria* (2017). O dizível está permeado por linhas de diversos tipos, em forma de jogo tensionado e mudante, pois as unidades que constituem os discursos, em si mesmas, não são contínuas e inertes, estão inseridas em jogos que incidem sobre os sujeitos.

É nesse momento que a ideia de linhas, que potencializam a experimentação dos sujeitos ou que os catalogam em identidades (quando recorremos aos estudos deleuzianos acerca da linha de fuga e das linhas molares), pode ser aproximada às noções de objetivação e processos de subjetivação em Michel Foucault. Tal proposta de inter-relação das filosofias proporciona um pensar ainda mais acurado da constituição dos sujeitos através dos discursos, pois inseridos nos jogos de saber-poder, a análise dos dispositivos evidencia feixes de relações que propiciam agenciamentos moleculares capazes de aumentar forças alegres ou tristes, de vida ou de morbidez. Faz-se necessário considerar que não propomos análises soltas ou separadas ao recorrermos aos pensamentos dos filósofos em questão, pois entendemos que suas articulações convergem e formam um campo profícuo para discussões sobre a atualidade, especialmente quando o foco é a noção de sujeito discursivo.

E trazer a materialidade-livro de Luiza Romão é, certamente, desencadear uma série de investigações sobre as mulheres hoje, sobre estratégias de resistência e vida, sobre “a luta contra as formas de sujeição - contra a submissão da subjetividade”, tal como pensou Foucault (2009, p. 6), pois a materialidade é condição do enunciado, mas é preciso problematizar o lampejo de

²⁹ Ainda que mencionemos apenas Deleuze, estamos considerando a presença de Guattari no desenvolvimento da filosofia da diferença.

seu surgimento, que sentidos produz e como se dá esse acontecimento. Contudo, convoca-se necessariamente o exercício de memória e a conversão do olhar tão necessárias à posição de analista dos discursos: que dispositivos possibilitaram a irrupção do livro-resistência e que funcionam nessa materialidade? Que estratégias revolucionárias podem ser analisadas a partir da máquina-calendário? Máquina essa forjada mediante experimentações do corpo-mulher e que são identificadas nas sequências enunciativas. Enunciados que compõem os discursos que nos cercam, “nós em uma rede [linhas]” (FOUCAULT, 2016, p. 28) que juntos constituem o arquivo de um momento histórico.

Cartografar a história do presente é bailar por entre as linhas e dobras das máquinas, forjando a própria máquina abstrata capaz de intervir, inventar e fazer fugir. Mapeamento de máquinas que podem ser compreendidas como a própria noção de agenciamento, pois “se está em presença de um agenciamento todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos³⁰ correspondente” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 9). Grandes agenciamentos, sociais, e moleculares, locais, que durante a experiência dos sujeitos produzem irregularidades e desequilíbrio, dobras. Porquanto, a cartografia é estratégia de análise rizomática. Afasta-se de origens, estruturas prontas e arborescentes. Esse método-intervenção demanda do analista olhar minucioso, curioso e atento, pois esse pode ser facilmente arrastado pelas infinitas dispersões encontradas no caminho dos processos analíticos. Cartografar significa percorrer pelos fluxos e linhas encontradas e analisar certos nós, que lançam luz a práticas, dispositivos e agenciamentos.

A cartografia, fora das geografias, da Cartografia tradicional, surge como “estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47). Ao passo que aponta linhas de fuga ou abertura às multiplicidades, a composição da cartografia também encontra outras linhas, ora rígidas ora flexíveis. Pode-se afirmar esse movimento a partir do ponto em que são considerados os funcionamentos dos diversos dispositivos e as forças dos agenciamentos. “Linhas que tanto podem ser as de uma vida, de uma obra literária ou de arte, de uma sociedade, segundo determinado sistema de coordenadas mantido. Linha de segmentaridade dura ou molar, linha de segmentação maleável e molecular, linha de fuga [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p.

³⁰ Cabe ressaltar que as aproximações que efetuamos entre as filosofias mencionadas ao longo deste estudo nascem do intuito de analisar mais profundamente a noção de sujeito discursivo. Não se trata, pois, de sobrepor uma filosofia a outra de forma qualificadora, mas de buscar um diálogo enriquecedor. Por assim ser, reiteramos que a análise proposta recorre aos enunciados e às condições de seu lampejo, ao passo que vê em Deleuze a possibilidade de intensificar a análise pela via do contágio, da produção da diferença, de subjetividades singulares, do molecular.

85). Requer, então, depreender as particularidades dessas linhas que atravessam os sujeitos e os constituem.

Esse diálogo frutífero e inaugurador de pensamentos, conceitos, encontros e afecções entre os filósofos é acentuado quando se pensa nos enunciados como multiplicidades, nos agenciamentos molares e moleculares que são capazes de conduzir as práticas dos sujeitos, convocando-os a seguirem normas, responderem aos mais variados dispositivos de controle e a assumirem identidades. Nesse momento, as noções de agenciamento e dispositivo se apresentam fortemente como pontes de contato, conexão que pode proporcionar também, estratégias potentes de fuga, de luta e de resistência. Pois no seio das tramas, os sujeitos logram a possibilidade de agenciarem a si mesmos, de encontrarem agenciamentos positivos, por exemplo. Isso significa que essa noção/conceito não infere que existam somente processos de subjetivação/objetivação negativos, mas que também há desvios, desestratificação e afirmação da vida. Os grandes agenciamentos definem certos códigos, padrões a serem seguidos, contudo, aos serem agenciados, os sujeitos inserem em dada ordem sutis “irregularidades”; ou, ainda, elaboram agenciamentos próprios (moleculares) que “fazem fugir” tal estratificação (ZOURABICHVILI, 2004, p. 09).

Assim, é preciso pensar como funcionam os enfrentamentos dentro dos jogos de saber-poder que incidem sobre os corpos, muito mais que simples finalidade de punir, mas de produzir, de conduzir, separar, serializar, castrar experimentações e firmar funções (FOUCAULT, 2019). No método cartográfico, a máquina abstrata surge como estratégia capaz de encontrar outramentos, devires, ferramentas de luta, pois “é nas linhas de fuga que se inventam armas novas, para opô-las às armas pesadas do Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 85). No intuito de ler algumas linhas, o analista-cartógrafo pode encontrar essas que são do campo revolucionário, pode criar seu próprio diagrama, apontando também para outras formas possíveis de existência, que não sejam inteiramente marcadas pelo ideal da identidade e da serialização. Não se trata de desemaranhar o novelo de linhas e tecer um fio único, mas promover experimentações com a própria materialidade analisada, construindo em forma de diagrama, os nós³¹ formados pelas multiplicidades de linhas. Cada passo cartográfico é único. O sujeito, em posição de pesquisador-analista não sai o mesmo e o arraste é perigoso.

³¹ Definimos como “nós”, os pontos em que se acumulam as linhas molares e moleculares e, desse modo, os agenciamentos, o funcionamento dos dispositivos, os respectivos processos de subjetivação e de objetivação. Enfim, processos que envolvem a constituição do sujeito discursivo e sua inserção histórica e social. Sob essa ótica, com a estratégia cartográfica, buscamos analisar esses emaranhados, os quais apontam para o campo revolucionário, para o exercício da resistência.

Enquanto os movimentos cartográficos a partir de *Sangria* são promotores de vida, de potência e de encontros, a estratégia demanda atenção, pois acompanhar as linhas requer dedicação, estar à espreita. A literatura romaniana se apresenta, assim, como solo fértil para a proliferação e o crescimento de rizomas. Agenciamentos coletivos, estreitos (conjugal, familiar, religioso), máquinas concretas, são acionados por dispositivos como os da sexualidade, da loucura e midiático, havendo contraponto latente ao dispositivo da escrita. Os dispositivos são da ordem da produção: objetivam e subjetivam os sujeitos; iluminam o que deve e o que pode ou não ser aceito em dada época, em determinada formação histórica; norteiam e propiciam acontecimentos discursivos. E diagramar os fluxos constituintes dos dispositivos “é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho em terreno’” (DELEUZE, 1990, n.p., grifo do autor).

Inserida na filosofia foucaultiana e desenvolvida especialmente quando Michel Foucault aborda sobre as relações de saber-poder, a noção de dispositivo ecoa nos feixes dessas relações, inscrita nas instâncias dos jogos de poder; “ligado [o dispositivo] a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 2017, 367). Constituído por elementos heterogêneos nas relações de poder, mas mais ou menos organizados, o dispositivo reúne enunciados, o discursivo e o não discursivo, nível extrínseco que é a extremidade composta por “instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos”, conforme observa Deleuze (2019, p. 20) ao discorrer sobre as dimensões do enunciado nos estudos foucaultianos.

Ou como afirmara o próprio Foucault (2017, p. 368), com esse procedimento, ele procurava “quais foram os elementos que intervieram em uma racionalidade, em uma organização”, de maneira a fazer funcionar certos agenciamentos, configurando objetivações e reunindo sujeitos em grupos (a exemplo, mulheres virtuosas e mundanas, cidadãos de bem e delinquentes, sãos e loucos etc.) a partir de regimes de verdade. Assim, formam-se redes dinâmicas:

os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam, enquanto umas suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição. [...] E cada dispositivo é uma multiplicidade na qual esses processos operam em devir, distintos dos que operam em outro dispositivo. Neste sentido, a filosofia de Foucault é pragmática, funcionalista, positivista, pluralista (DELEUZE, 1990, n.p.).

O dispositivo é produção, máquina de fazer ver e falar, por isso não é estagnado ou isolado. Independentemente de sua ordem, é um complexo de elementos que fazem ver, ouvir,

dizer e experimentar, que acionam e possibilitam práticas e a mobilização e nascimento de discursos em momentos específicos e não em outros. Igualmente, “se um dispositivo é um vínculo que compreende e conecta as relações de poder, as resistências funcionam como *contradispositivos* na medida em que não cansam de intervir, recusar e perverter o seu funcionamento” (ALVIM, 2011, p. 61, *grifo do autor*), assim como as linhas e os elementos diversos que passam pela escrita romaniana, que é intensa produção de saídas e intervenção nos dispositivos e técnicas de controle em meio ao poder pastoral. Nessa direção, conforme Albuquerque Júnior (2017, n.p., **grifos nossos**),

Analisar um dispositivo requereria a figura de **um intelectual aranha**, aquele que percorreria a superfície dos fios que constituem dadas formas de objeto, que cartografaria as linhas que constituem uma dada figura de sujeito. Assim como o aracnídeo, **o intelectual cartógrafo** seria aquele que, ao mesmo tempo que percorre e descreve linhas que constituem uma dada configuração histórica, uma dada região das práticas, um dado domínio de objeto, um dado lugar de sujeito, constrói, por seu turno, sua própria cartografia, vai desenhando novas linhas de significação, vai armando sua própria teia de sentidos e significados para aprisionar de um dado modo aquilo que recortou na empiria.

Concordamos com Albuquerque Júnior (2017) quando se refere ao analista, intelectual cartógrafo, como aquele que similar ao processo construtor-tecelão do aracnídeo constrói uma espécie de teia no movimento cartográfico. Observa-se que há, novamente, a imbricação de conceitos e noções advindas das filosofias de Deleuze e Foucault, como as linhas, os dispositivos e os agenciamentos que se destacam na estratégia de análise. Iniciando-se pela diversidade de linhas e seus tipos, três principais se destacam: rígidas, flexíveis e de fuga. Embora já mencionadas neste capítulo, cabe discorrer sobre suas características com o intuito de depreender como se dão seus movimentos e a que outras noções estão atreladas.

Deleuze e Guattari (2012a, p. 85-89) colocam três problemas a respeito das linhas, sendo eles, respectivamente, “o caráter particular de cada uma delas, a importância respectiva das linhas e a imanência mútua das linhas”. Partindo dessas considerações, a primeira, linha dura ou rígida, está fortemente vinculada ao fluxo territorializante, composta por segmentos determinados e implicando agenciamentos condutores da vida, dos corpos e das subjetividades. Linhas dessa categoria “operam a organização dual dos segmentos, a concreticidade dos círculos em ressonância, a sobrecodificação generalizada: o espaço implica aqui um Aparelho de Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 112). Tal sobrecodificação não significa incluir códigos novos e descartar os iniciais, mas está atrelada a estratégias específicas de disciplina, de ‘domesticação’ e interferência em códigos que saem de seus domínios, incorporando-os. Por outro lado, não se pode relacionar essas linhas ao negativo, determinar-lhes ‘ruindade’ e aproximá-las de uma linha de morte, pois ao contrário, são fluxos de vida primeira, “já que

ocupam e atravessam nossa vida, e finalmente parecerá sempre triunfar” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 73-74).

Acentuando o caráter de multiplicidade das linhas e dos enunciados, as maleáveis ou flexíveis são “marcadas por *quanta* que são como pequenas segmentações em ato, captadas em seu nascimento como em um raio de lua ou em uma escala intensiva”³². Esses fluxos, repletos de mistura das segmentações, duras e maleáveis com teor desterritorializante, podem tender para um ou outro fluxo, a depender das situações, dos encontros e das convocações. Assim, as linhas não fluem livremente, sem influências umas das outras. Há alternâncias das forças. Enquanto uma se sobressai às demais, ainda se tem partículas e segmentações nela marcadas, o que proporciona potência de alternância; perigo durante o baile linear. Daí a importância e a imanência mútua das linhas:

E constantemente as linhas se cruzam, se superpõem por um instante, se seguem por um certo tempo [...] *Em suma, uma linha de fuga, já complexa, com suas singularidades; mas também uma linha molar ou costumeira com seus segmentos; e entre as duas (?), uma linha molecular, com seus quanta que a fazem pender para um lado ou para outro [...]* É uma questão de cartografia. Elas [linhas] nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra. Rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 84, *grifos dos autores*).

Noutro funcionamento, as linhas de fuga são fluxos escapantes que propiciam abertura às multiplicidades, produção de produção e inventividade. Essas linhas que podem arejar a vida estão impregnadas de devir, verbo no infinitivo em sentido criador. Devir que possibilita sair do estado do mesmo. Não significa, porém, que o atravessamento das linhas de fuga, e a abertura de sulcos em movimento novidadeiro, seja um caminho garantido em termos de bons encontros e composições, pois “A linha de fuga faz explodir as duas séries segmentadas, mas é capaz do pior: [...] de tomar o caminho da grande regressão, e de refazer os segmentos mais duros ao acaso de seus desvios” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 87). Isso significa que esse movimento inaugurador também pode sofrer inversões e ser capturado. As linhas de fuga, ativas, funcionam no caminhar nômade não com o intuito de “fugir do mundo”, mas de “fazê-lo fugir”³³.

Desse modo, pode-se dizer que nessas linhas de fuga a segmentaridade predominante é abstrata? Possivelmente. O caráter dimensional das linhas de fuga, “uma multiplicidade é composta de dimensões que se englobam umas às outras, cada uma recapturando todas as outras em um outro grau, segundo uma lista aberta que pode ser acrescida de novas dimensões” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 38), abre rearranjos, funciona como alimento para corpos

³² Ibid., p. 74, *grifo dos autores*.

³³ Ibid., p. 85.

famintos pelo novo. Movências. A cristalização de conceitos, de comportamentos e de formas precariza, por exemplo, os modos de existência das mulheres, reduzindo-os: *Ser-esposa*, *Ser-mãe*, *Ser-mulher*, *Ser-casta*, e mesmo o *Ser-desviante*, *Ser-puta*, *sem direitos*, *sem respeito*, apenas *sem*: “mal-amada, mal-comida, mal-educada, mas pro homem de bem, sou o mal-encarnada”³⁴. Entretanto, pode também encontrar forças de outra ordem, abrindo-se às produções de subjetividades ainda mais cristalizadas.

Somos constituídos por linhas, as quais nos bordam, bordejam-nos e arrastam-nos. Linhas que se tocam e que se vergam, que delineiam as várias entradas e caminhos possíveis. Como na máquina-escrita de Luiza Romão, linhas de escrita “que se conjugam com outras linhas, linhas de vida, [de morte,] linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão *entre as linhas escritas*” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 72, *grifos dos autores*).

Figura 7: DIA 3. NÚMERO DE REGISTRO.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

A Figura 7 disposta acima corresponde ao poema *DIA 3. NÚMERO DE REGISTRO*. As mãos voltadas para as costas do corpo na tentativa de alcançar o que lhe fora costurado também evidenciam o emaranhado de linhas que compõem os sujeitos. As linhas vermelhas, que se assemelham a amarrações fortes e compactas, expõem a fusão das múltiplas segmentações: linhas que se implicam e que se misturam; arrastam umas às outras e penetram nos sujeitos, atravessam-nos e produzem *n* tensionamentos e efeitos. Daí os perigos de cada tipo

³⁴ DIA 15. 1ª EUCARISTIA.

predominante das linhas: *o medo, a clareza e o poder*. Segundo a filosofia deleuzo-guattariana, o primeiro perigo está situado no medo constante de perder, de se esquivar das estruturas bem definidas e arborescentes e lançar-se à vastidão incontrolável, ausente do comum, dos grupos, das disciplinas em massa que nos designam propósito, tarefas, organização e camuflagem. “Quanto mais a segmentaridade for dura, mais ela nos tranqüiliza. Eis o que é o medo, e como ele nos impele para a primeira linha” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 120).

Já a clareza abriga em si outro perigo: podemos ser empurrados para mais certezas que as encontradas nos fluxos da linha molar. Notar possíveis saídas, “vazios no pleno, nebulosas nas formas, tremidos nos traços”, pode nos guiar por caminhos manchados por pequenas certezas, essas que arrebatam, penetram e conduzem ainda mais facilmente - “Tudo adquiriu a clareza do microscópio”³⁵. A segmentaridade dessa linha maleável é capaz de reproduzir segmentos duros, situar microfascimos, micro-Édipos: “Quanto mais os conjuntos tornam-se molares, mais os elementos e suas relações tornam-se moleculares: o homem molecular para uma humanidade molar”³⁶. Por sua vez, sobre o poder, terceiro perigo das linhas, Deleuze e Guattari (2012a) ressaltam a inquietude do homem de poder, pois esse “não deixará de querer deter as linhas de fuga”, conferindo aos agenciamentos um caráter de confinamento.

Esquivando-se desses grandes perigos, surge um quarto risco especialmente no que concerne às linhas disruptivas. O fluxo escapante, ainda que perpassado por devires moleculares, imperceptíveis e impregnados por *quanta* de desterritorialização, é capaz de se conectar com linhas muito distantes daquelas de vida, que aumentariam sua potência. Pode, portanto, encontrar fluxos de destruição, degradação, “*abolição pura e simples, paixão de abolição*”³⁷. Produzir engrenagens para máquinas de guerra, movimento transgressor, não é garantia de sulcos e encontros frutíferos ou de composições abridoras de experimentações. Uma máquina revolucionária pode ser capturada, está susceptível a se fixar e a encontrar sentido na decomposição – “morte”, “absorção” (ZOURABICHVILI, 2014, p. 44). Portanto, a inversão precisa ser estratégica e cautelosa (FOUCAULT, 2017).

A tendência de mudança, repentina ou não, é característica marcante das linhas. Pensar sobre a máquina de guerra, as micromáquinas revolucionárias, requer depreender que esses fluxos não param de passar, de abrir e forçar entradas outras, ou de encontrar passagens para um retorno. A ideia de sobreposição das linhas rígidas, maleáveis e de fuga surge quando pensamos no processo estratégico cartográfico, que caminha pelas ramificações rizomáticas não

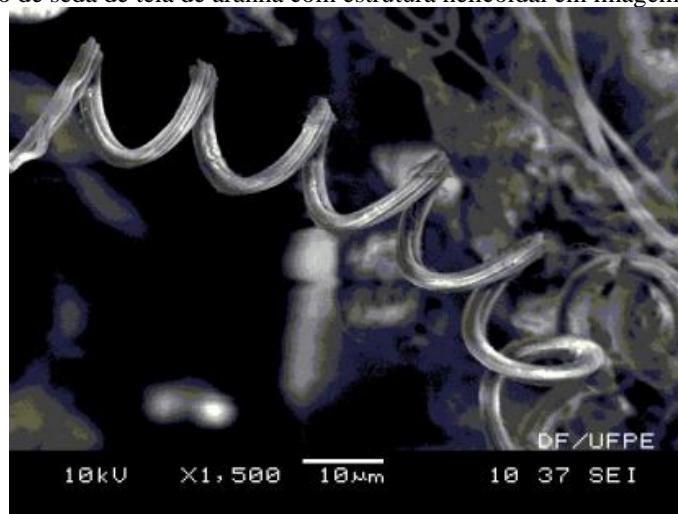
³⁵ Ibid., loc. cit.

³⁶ Ibid., loc. cit.

³⁷ Ibid., loc. cit., *grifos dos autores*.

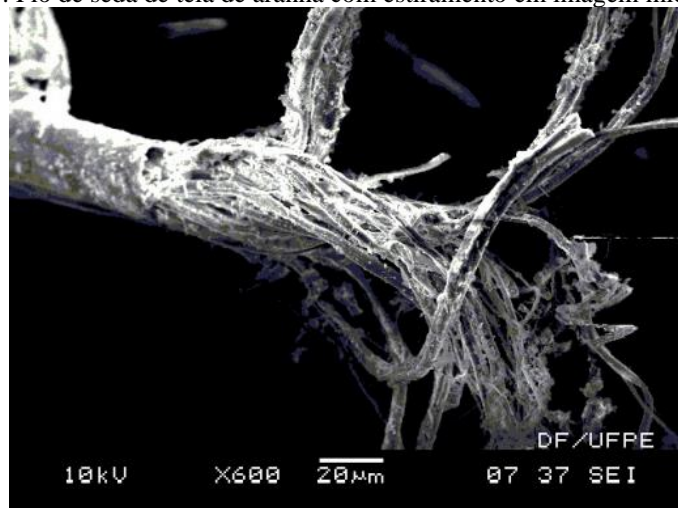
em busca de uma origem, mas no intuito de mapear os encontros, os enlaces entre os discursos, o que faz fugir e o que territorializa, por exemplo. Assim, entendemos que o corpo pode ser máquina transgressora, ao passo que também pode cair em fixidez e repetição. O “intelectual aranha”, por Albuquerque Júnior (2017), é aquele que com a cartografia dispensa a escavação na figura do castor e vai tecendo sua teia em meio às relações encontradas nas superfícies, pois analisar os enunciados e os discursos é justamente tecer relações; encontrar e ler alguns fios. Questão de multiplicidade. Trouxemos, a fim de melhor exemplificar a ideia de multiplicidade das linhas e dos enunciados, as Figuras 8 e 9, subsequentes.

Figura 8: Fio de seda de teia de aranha com estrutura helicoidal em imagem microscópica.



Fonte: Imagem de Amaral (2012, p. 59).

Figura 9: Fio de seda de teia de aranha com estiramento em imagem microscópica.



Fonte: Imagem de Amaral (2012, p. 60).

A Figura 9 traz a captura de um fio de aranha que muito provavelmente em momento de coleta, foi interrompido. Nota-se que antes, na Figura 8, a imagem sugere um único fio, mas em 9, é possível depreender que o fio é formado por finos filamentos, misturados, entrelaçados

e sobrepostos uns aos outros. Tal como o fio de seda, as linhas, aproximando-nos de Deleuze e Guattari, embora com predominância de segmentaridade dura, flexível ou abstrata (de fuga), estão sob influência das demais, inseridas em variações de movimento e de velocidade. Ousamos dizer que esse fio único à primeira vista pode ser entendido como rígido ou flexível a partir da predominância de seus filamentos. Explicamos: o discurso patriarcal, por exemplo, é fluxo de filamentos predominantemente rígidos|molares, que formam campos associados com outras dispersões de enunciados altamente podantes e territorializantes, como os discursos misóginos, heteronormativos, religiosos, conservadores e até mesmo capitalista. Há, nessa linha, filamentos diversos, mas similares, pois anseiam por determinadas práticas e se certificam que certos agenciamentos sejam efetivados.

O discurso capitalista, por sua vez, multiplica seus segmentos coercivos, invadindo os corpos dos sujeitos num gesto de fantasiosa liberdade, os quais, por sua vez, reproduzem e intensificam a disseminação dessa forma assimétrica de existência e de participação social. O Neoliberalismo se constitui como terreno propício para o consumismo, o desespero, a fome, o superficial, o (in)alcançável sucesso, a produtividade massiva. São formados sujeitos cansados, degradados pela ideia do útil. Como bem coloca Krenak (2020, p. 101), constituir-se como pessoa e atuar nessa sociedade demanda roteiro predefinido: “vai ser engenheira, arquiteta, médica, um sujeito habilitado para operar no mundo, para fazer guerra; tudo já está configurado.” As promessas aqui semeadas causam certa clareza aos movimentos e aos estratos, conferindo-lhe alta periculosidade: o discurso capitalista de que tudo se compra, da meritocracia e da abominação do ócio conduzem os sujeitos para um cuidar de si falacioso, reduzido aos bens materiais, à moda, à padronização dos corpos, ao *status*. “Carrinho agora é blindado, bicicleta, envenenada, arquibancada só pra quem tem cartão amarelo, visa, mastercard ou céu” (ROMÃO, 2015, p. 19-20).

Noutro viés, as linhas maleáveis que se contorcem juntas as demais são capazes de tombar ao mais duro filamento ou de instalar velocidades ainda maiores rumo à desterritorialização. Linhas de fuga. No fio de seda também extraído para análise, mas sem estiramento e com estrutura helicoidal, na Figura 8, é possível visualizar a sobreposição e a aliança das linhas, porém de forma sutil e homogênea. É, portanto, compreendendo o caráter de segmentaridade que é dado o primeiro passo para a construção de nossa cartografia, pois a multiplicidade das linhas compõe pontes de diálogo com a análise discursiva proposta neste trabalho, a partir da concepção de enunciado enquanto multiplicidade. Similar ao não isolamento das linhas e às suas implicações e tensionamentos, encontra-se a noção de discurso, dispersão de enunciados apoiados em mesma formação discursiva.

Analisar discursos, este ou aquele, não significa problematizá-los isoladamente, mas converter o olhar sobre sua formação, sobre a irrupção de certo enunciado e não outro em seu lugar (FOUCAULT, 2016). Questão de acontecimento. Para Foucault (2014, p. 46-47),

o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. [...] o discurso nada mais é do que um jogo [...]

Tal jogo discursivo é o que faz movimentar as posições de sujeito, refletindo nas práticas e na descontinuidade histórica. Embora não seja possível dizer qualquer coisa em qualquer época, uma vez que há condições para enunciados possíveis, a emergência de novos enunciados e até a reatualização de já ditos são acontecimentos distintos, com condições de possibilidades bem demarcadas. Isso confere à história o caráter descontínuo e não linear, diferindo de como a História Geral nos apresenta e é construída. Logo, o passeio discursivo é trabalho árduo, pois necessita de ser problematizado, analisado e descrito: “fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos [...] é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações” (FOUCAULT, 2016, p. 32) entre os enunciados que compõem os discursos. Ao ponderar sobre o acontecimento enunciativo, o filósofo observa que diferente de frase, ato de fala ou de proposição, o enunciado para assim sê-lo precisa de suporte, materialidade e condições possíveis de emergência. É “função” que cruza os domínios da linguagem; é, pois, “multiplicidade de enunciados”³⁸.

Não há enunciado isolado, ausente de influência dos demais, no sentido de tensionar uma curva de regularidade com a vizinhança de enunciados (DELEUZE, 2019), de ter suas margens sempre povoadas por outros (FOUCAULT, 2016). Sob essa perspectiva, a partir do entendimento de que os enunciados estão sempre enredados no campo discursivo, mobilizamos a noção de memória discursiva mediante o que apresenta Courtine (2016, p. 26, grifo do autor), quando aponta para essas relações apresentadas pela filosofia foucaultiana, entendendo-a como a “ ‘pluralidade contraditória’ de seqüências discursivas, em que algumas são dominadas pela FD de referência, enquanto que dependente de FD contraditoriamente ligadas a esta última por relações de antagonismo, escoramento, aliança, recuperação... etc...”. Domínio de memória que é produzido no e pelo discurso.

É o que entende Foucault (2016, p. 76) como sendo um dos pontos a serem analisados ao colocar em questão como os enunciados se relacionam: “a maneira pela qual o campo de

³⁸ Ibid., p. 73.

memória está ligado às formas de hierarquia e de subordinação que regem os enunciados de um texto”. Ou ainda, como parte do campo enunciativo que se refere aos “laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica” entre os enunciados (FOUCAULT, 2016, p. 69). Buscar analisar e descrever esses encontros e afastamentos, regimes de verdade que possibilitam o lampejo do surgimento de um enunciado, é, então, parte importante do que se entende pelo campo enunciativo, pois se a raridade dos acontecimentos convoca a necessidade de análise das condições de possibilidade, noutra momento, é preciso considerar que esse mesmo enunciado guarda relações com outros, seja atualizando-os, refutando-os, confrontando-os ou emergindo para que os que surgirem também guardem específicas relações com ele.

Dessa maneira, dentre suas características gerais, o nível enunciativo pode ser caracterizado pelo referencial que forma “a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados das coisas e das relações que são postas em jogo [...]; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade” (FOUCAULT, 2016, p. 110-111). Ainda, para que uma sequência de elementos adquira referida função enunciativa, deve ter existência material e se relacionar a uma posição de sujeito, determinando-lhe regras específicas para que indivíduos distintos possam ocupar esse mesmo lugar (FOUCAULT, 2016). Essa segunda característica nos leva a um dos pontos centrais da presente pesquisa, quando mencionamos a vontade de analisar o sujeito discursivo que irrompe do livro-calendário de Luiza Romão. Não se reporta, portanto, à autoria das sequências enunciativas, pois “esse ‘autor’ não é idêntico ao sujeito do enunciado”³⁹, mas às condições particulares que propiciam e formam esse lugar.

No caso, lugar impulsionado por devir-mulher, por um nomadismo que faz ver-sentir outras possibilidades de si, criando corpos-palavra; intensidade latente que a escrita, a voz e o corpo conseguem forjar, tal como se percebe nos versos: “Eu rasparia os ossos até virar lança”, “comeria blush como quem experimenta terra”⁴⁰. Ocupar esse lugar vazio implica se dobrar ao limite, tocar a borda das multiplicidades que nos cerca e que por vezes permanece apagada e inaudível. O sujeito discursivo na literatura romaniana é constituído por um domínio de memória que denuncia a castração e a disciplinarização dos corpos das mulheres, mas que, ao mesmo tempo, faz desse corpo não apenas moradia ou matéria de sustentação, mas arma, outamentos, desejo e luta. Mais um indício da função enunciativa que desponta da materialidade e do suporte: existem campos associados que podem ser descritos, os quais

³⁹ Ibid., p. 112, grifo do autor.

⁴⁰ DIA 10. 1ª MASTURBAÇÃO.

permitem “ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, forma uma trama complexa” (FOUCAULT, 2016, p. 119).

A história apresenta então, a raridade dos fatos humanos (FERNANDES, 2012) e, por conseguinte, o princípio de raridade, de aparecimento de um enunciado em dado momento. Trata-se de um acontecimento, a partir do qual é possível cartografar as relações entre esse enunciado e os de seu campo associado, questão interna de correlação; entre grupos de outros enunciados, dispersões que constituem os discursos; e, relações entre elementos de outra ordem, do não discurso que também é imanente ao acontecimento enunciativo, como processos econômicos, de ordem política, técnica ou social (FOUCAULT, 2016). Considerando-se essas relações, estamos diante de outros dois princípios, conforme explica Fernandes (2012, p. 36, grifos do autor) a partir da leitura de Orlandi (1987) e do próprio Foucault em *A Arqueologia do Saber*, caracterizados como exterioridade, de “reencontrar a sua ‘incidência de acontecimento’, de ‘acontecimentos enunciados’ raros, que implica a posição, o lugar sócio-histórico dos sujeitos”; e acúmulo, de estoque “na espessura do tempo em que subsistem, em que se conservaram, em que são reativados, e utilizados [...] esquecidos e até mesmo, eventualmente destruídos”.

Diante desses aspectos, concordamos com Deleuze (2019) quando afirma a necessária conversão do olhar sob o objeto de análise a partir do momento em que se decide mobilizar as ferramentas de análise cunhadas pelo filósofo-historiador, assim como ele próprio também afirma⁴¹ ao discorrer sobre o *Enunciado e o Arquivo* (2016). Tal mudança de perspectiva consiste em uma análise por círculos concêntricos, das extremidades ao interior e vice-versa. Dos três círculos, o primeiro, “espaço colateral”, diz respeito ao campo associado, ao vínculo que se mantém entre os enunciados e que faz com que uma sequência seja enunciada e não outra em seu lugar; já o “espaço correlativo”, segunda fatia de espaço, engloba a ligação da unidade mínima de discurso aos “seus sujeitos, seus objetos e seus conceitos” (DELEUZE, 2019, p. 17). Enquanto, por sua vez, o terceiro círculo intitulado “espaço complementar” inclui formações não discursivas, cuja relação já mencionamos anteriormente: “instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos”⁴². Uma filosofia política que considera elementos sem os quais o nível discursivo não seria possível, como pensar a posição do encarcerado sem a instituição prisional, ou a posição de líder religioso sem o espaço em que firma seu compromisso diante dos fiéis. Questão inversamente proporcional, já que essas

⁴¹ “É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo.” (p. 135).

⁴² Ibid., p. 20.

instituições⁴³ também comportam “carta, contrato, inscrições e registros” (DELEUZE, 2019, p. 20).

É nessa direção que almejamos analisar a composição do sujeito do discurso a partir de sequências enunciativas selecionadas e extraídas de *Sangria* (2017), para que, em determinado momento, possamos compreender como se dá a máquina revolucionária lá empreendida. As mulheres, em posição de sujeito discursivo, são atravessadas e constituídas por discursos que embora variados, remetem a formações similares. Nas sequências delimitadas, os recortes serão separados observando-se a ordem sequencial dos capítulos da obra, a partir dos quais há a circulação de discursos patriarcal, machista, sexista, misógino, heteronormativo, religioso, racista e mercadológico enredados. Noutra viés, também encontramos outra regularidade em constante batimento, entoada pela emancipação: o discurso literário feminista sob perspectiva decolonial, movimento que impele a revolução e funciona como contradispositivo.

Altamente reforçada e atualizada por uma espécie de ‘dispositivo colonial’, essa regularidade de dispersões é subvertida pelas linhas de fuga, que fazem escorrer pelas falhas estruturais possibilidades de vida por meio de práticas de resistência. Assim, vislumbramos analisar como as mulheres enquanto sujeito discursivo emergem da materialidade, encontrando dispositivos que agenciam e iluminam práticas e discursos coercivos, e que incidem diretamente sobre seus corpos no Brasil, causando cortes tão profundos que a sangria resultante se faz sempre nova na memória. Para tanto, antes de iniciarmos as mobilizações do aporte teórico em contato amplo com o *corpus* deste estudo, é primordial pensarmos sobre os feminismos, pois são exemplos de importantes acionadores de potências alegres, que fortalecem os sujeitos para a luta e para existências e resistências possíveis.

2.1 MOVIMENTO FEMINISTA, FLUXOS E EXISTÊNCIAS|RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS

Não poderíamos avançar quaisquer discussões sem antes discorrer sobre a ideia de que os múltiplos feminismos abrem possibilidades para outras existências e, portanto, para práticas de resistência. O movimento feminista reúne um complexo de vertentes em prol da emancipação das mulheres, cujo grupo não é um bloco homogêneo, mas plural e diverso. Esse processo não é isolado e não se refere exclusivamente às mulheres, pois a cultura machista também afeta negativamente e poda as potências inventivas dos próprios homens, convocando-os a fazer perpetuarem modos de viver, de se relacionar e de se reconhecer no mundo. E se

⁴³ Sobre o assunto, mencionamos o estudo *Do enunciável ao visível: as condições de possibilidade do videopoema Vida em branco*, de Fernandes Júnior e Mantovani (2020). Ver mais em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9532>.

reiteramos a importância dos estudos feministas atrelada à escrita de Luiza Romão, é por acreditarmos que essa máquina-escrevente está imersa nos fluxos disruptivos desse movimento libertador, ao passo que também lança novas fugas para experimentações.

Assim, como exemplo de literatura feminista, da materialidade de *Sangria* (2017), sequências enunciativas formam campos associados que acionam domínios de memória, em direção à promoção de inversões, insurreições e de práticas de resistência. Essa escrita feminista aciona abertura de portas, saídas, de pontes, conexões e possibilidades ainda indefinidas, mas intensas. Com Romão é possível ler a singularidade de algumas saídas, não todas, pois entendemos que nenhuma análise seria suficiente para determinar ou mensurar as multiplicidades de sulcos possíveis. Cada encontro e afecção são únicos. Logo, vislumbramos descrever e analisar algumas dessas possibilidades, percorrendo pelo emaranhado de linhas que se materializam com a máquina de fazer sangrar em Romão. Vemos aqui, com o livro-calendário, portas dentre tantas possíveis que os feminismos são capazes de abrir.

Consideramos que a máquina que faz sangrar tem a potência da linha feminista: um feixe de linhas que não para de se atualizar e forçar saídas. São linhas abstratas que agem na materialidade dos corpos e nas subjetividades. No momento do arraste, desterritorializam-se o pensar e o ser-mulher que habita esse sujeito-leitor, sujeito-pesquisador, sujeito-mulher. Há uma coletividade-mulher no novelo das linhas que não para de se multiplicar e que atravessa o sujeito discursivo no encontro com a máquina-poética da *slammer*: “o pé marca resistência, dançar até não ter mais sola, solo não sei dançar, sou coletiva” (ROMÃO, 2015, p. 14). “Encontro” no sentido que Deleuze explica ao ser entrevistado por Claire Parnet sobre alguns de seus conceitos em forma de *Abecedário*, mais especificamente em *C, Cultura*:

Não acredito na cultura; acredito, de certo modo, em encontros. E não se têm encontros com pessoas. As pessoas acham que é com pessoas que se têm encontros. É terrível, isso faz parte da cultura, intelectuais que se encontram, essa sujeira de colóquios, essa infâmia, mas **não se tem encontros com pessoas, e sim com coisas, com obras**: encontro um quadro, encontro uma ária de música, uma música, assim entendo o que quer dizer um encontro. Quando as pessoas querem juntar a isso um encontro com elas próprias, com pessoas, não dá certo. Isso não é um encontro [...] Acho que os encontros... quando vou ver uma exposição, estou à espreita, em busca de um quadro que me toque, de um quadro que me comova, quando vou ao cinema [...] Uma exposição de pintura, ou o cinema... **Sempre tenho a impressão que posso ter o encontro com uma idéia** (DELEUZE, 1996, n.p., **grifos nossos**).

Um encontro, conforme Deleuze e sua leitura spinozista, está relacionado à produção de *afectos*, à abertura de multiplicidades, logo, envolve desterritorialização mútua entre estados distintos (ZOURABICHVILI, 2004). Ter um encontro com coisas, como pinturas, música, livros, enfim, com a arte, proporciona experimentações, criação de conceitos, pensar, “pois é

num campo problemático de encontros que o pensar é atizado” (ORLANDI, 2018, p. 200). Quer dizer que esse choque percorre todo o corpo de quem observa muito além de mera contemplação, pois dali não se sai o mesmo:

"Encontro" é a palavra-chave. É só num encontro que um corpo se define. Por isso, não interessa saber qual a sua forma ou inspecionar seus órgãos e funções. Individualmente, isoladamente, um corpo tem pouco interesse. É na intersecção das linhas dos movimentos e dos afectos que ficamos sabendo daquilo de que um corpo é capaz. Sua capacidade e não sua essência é o que importa, a não ser que por "essência" entendamos justamente sua "capacidade" (TADEU, 2002, p. 53-54, grifo do autor).

As palavras de Tadeu sobre o conceito de encontro nos ajudam a entender um pouco do que a filosofia deleuzo-guattariana colocara sobre o corpo, buscando em Spinoza a indagação: “O que pode um corpo?” (TADEU, 2002, p. 54). Não é possível respondê-la com precisão, nem dimensionar tal potencialidade, mas cartografar linhas, mapear multiplicidades. Cada afetação é única. O encontro acontece no meio. É no *entre* que passam as intensidades, onde há movimento, lentidão e alternância de velocidades. Baile. Esse baile entre os corpos ou entre as coisas, ou entre corpos e coisas, resulta em agenciamento, adição como composição.

De maneira análoga, trazemos algumas questões que o estudioso pondera a respeito da discussão desses conceitos, na tentativa de entendermos melhor o que é acionado com a máquina-escrita de Luiza Romão. Será que são bons ou maus esses encontros-agenciamentos? composições ou decomposições? “aumentam ou diminuem a nossa potência de agir? Fazem a vida vibrar e se renovar? Acionam a diferença, a criação, a invenção? [...] Ou, ao contrário, colocam a vida em risco, matam o desejo?” (TADEU, 2002, p. 56). Quando afirmamos, no início desta seção, que acreditamos que essa poética abre saídas, voltamo-nos justamente a essas perguntas, pois as linhas que percorrem a escrita romaniana são intensas linhas moleculares, intensidades que movimentam e que são capazes de aumentar nossas potências de agir e de criar.

E é isso que vislumbramos, além dos objetivos desta dissertação, não apenas mapear, mas sim analisar a lógica dessa potência disruptiva. A lógica em movimento de descrever as minúcias desse texto materializado, do sujeito que escreve-vive, escreve a vida de antes, de agora [e de depois?]. Vemos a potência feminista como um novelo de linhas escapantes que faz arejar, que traz vida às experiências até então dominadas pelos ideais opressores e duais de gênero. É a estratégia que Foucault (2017, p. 351) descreve como “tirar as consequências da batalha e reinventar o próprio tipo de existência, política, econômica, cultural...”. Traz vida aos corpos em sua realidade concreta, porque funciona como mecanismo propulsor para a fuga

da(s) violência(s) que incidem sobre as mulheres, violência essa que reflete nos números exorbitantes de mulheres assassinadas. Vítimas de feminicídio.

Índices do Atlas da Violência, publicado em 2021, detalham sobre os homicídios femininos em 2018, no Brasil, resultando no número assustador de 4.519 vítimas, um feminicídio a cada duas horas. Em meio às análises publicadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (CERQUEIRA *et al.*, 2021), chama atenção o fato de que, embora de 2018 a 2019 os índices tenham apresentado queda (3.737 mulheres assassinadas no país, em 2019), a população de mulheres negras, que inclui mulheres pretas e pardas (IBGEeduca, 2021), segue sendo mais acometida pela violência que as mulheres não negras, que corresponde a brancas, amarelas e indígenas (IBGEeduca, 2021), representando 66% do total de feminicídios. A diferença é ainda mais discrepante quando se observa a taxa de mortalidade entre os anos de 2009 e 2019: há 26,9% de queda desse tipo de crime em relação às mulheres não negras e 2% de aumento quando se trata das mulheres negras. “carne viva em terra quente, carne quente enterrada viva”⁴⁴. Quantas vidas interrompidas não foram catalogadas e reduzidas a números?

A pesquisa não só marca a urgência por políticas públicas de qualidade, como a necessidade e a relevância das lutas feministas em prol da vida e da emancipação das mulheres pautando-se nas diferentes formas de opressão, cuja força da violência recai de maneira irregular nesse grupo diverso. Nesse viés, os feminismos, especialmente sob perspectiva decolonial, com destaque no feminismo negro, que trazem fatores como raça, classe, gênero e religião às teorias feministas, fazem reverberar os múltiplos elementos envolvidos no processo estrutural que vem ceifando as vidas das mulheres.

Essa perspectiva, nas palavras da socióloga brasileira Mary Garcia Castro para Hollanda (2020, p. 32), “se afasta de universalismos, fórmulas eurocêtricas. Pede escuta a experiências comunitárias de autonomia que, se não recusam o Estado, pelo menos não se tornam dependente de suas políticas”. Converte ao funcionamento da máquina de fazer sangrar e das práticas de resistência, pois as inversões estratégicas estão susceptíveis a serem capturadas pelas forças do Estado. Tal perigo reforça a necessidade de reinvenção, porque os estratagemas são formados por linhas duras e maleáveis, por finas técnicas de poder prontas para realinhar e incorporar novamente os movimentos ‘rebeldes’.

Decolonialidade é um conceito com potencialidades de crítica à modernidade, ao desenvolvimento extrativista e atento a saberes em uso e a uma ecologia feminista. Assim, tem potencialidades emancipatórias, mas ainda não tem corpo que responda à diversidade de subversão nossas, pede investimento em pesquisas e muito estudo/ativismo [...] Também é urgente nos centrarmos em um ativismo contra o

⁴⁴ DIA 19. FEBRE.

massacre do povo indígena e de jovens negros e a repressão às casas de terreiro. E mais: insistir na visibilização das expressões artístico-culturais e políticas contra as normas do Estado patriarcal, capitalista, um dos vetores do livro que organiza (CASTRO *apud* HOLLANDA, 2020, p. 32).

A noção de decolonialidade, como explica Castro no excerto acima, provoca questionamentos e suscita inquietações sobre o produtivismo sem fim, capitalismo corrosivo, a política que mais é da morte que da vida e que faz da mão de obra incansável prestígio e do ócio, o demônio da modernidade. Viver, sob essa maquinaria, é abdicar de si para servir ao capital. Daí a necessidade de investir nos estudos decoloniais: a resistência, mais uma vez, é estratégica; carece de táticas, planejamento, estudo e luta. E isso só é possível se abranger a pluralidade de subjetividades que constituem o sujeito mulher, como “peças de um relicário em constante reinvenção” (ROMÃO, 2015, p. 68). Um estudo feminista que não esteja preocupado em definir uma identidade mulher e colocá-la sobreposta a outra, ao contrário: que leve em consideração as mulheres em sua multiplicidade e constante inacabamento, como sujeito produzido discursivamente, em dada conjuntura social e histórica.

A perspectiva decolonial, portanto, lida com a escuta das vivências e de suas particularidades num solo pós-colonial, considerando que os feminismos europeu e norte-americano acabam descartando essas muitas experiências. As mulheres negras, por exemplo, sofrem dupla marginalização, de gênero e de cor, em vista de uma construção sócio-histórica-discursiva que estigmatiza seus corpos pela perspectiva racial. Esse fato pode ser comprovado mediante análise dos dados apresentados anteriormente, constantes no Atlas da Violência 2021. Soma-se a isso outro agravante: 77% das vítimas de homicídios no Brasil são compostas pela população negra, revelando que a chance de uma pessoa negra ser assassinada no país “é 2,6 superior àquela de uma pessoa não negra” (CERQUEIRA *et al.*, 2021, p. 49).

Schwarcz (2019) explica que o violento desnivelamento está fortemente atrelado a quatro importantes marcadores sociais provenientes de acentuadas diferenças socioeconômicas, como raça, gênero, geração e região. Historicamente, práticas conduzidas por discursos opressores foram decisivas no processo pós-libertação dos povos escravizados, que lançados às ruas, não tiveram o mínimo de apoio para inserção no mercado de trabalho e na própria sociedade. “O resultado, tantos anos depois, é um país que gosta de se definir a partir da mestiçagem e da inclusão cultural [...] mas devolve racismo dissimulado, cuja prática inclui o ato de delegar à polícia o papel de performar a discriminação” (SCHWARCZ, 2019, p. 178).

Negligência, exclusões social e racial foram perpetuando-se na malha social mediante transformações e atualizações de práticas preconceituosas, de uma violência escancarada a técnicas sutis e não menos agressivas. São relações de poder que capturam os sujeitos,

pastoreiam seus corpos e também suas almas. Os cortes nem sempre são somente em suas carnes, mas também estão profundamente marcados em suas subjetividades. Então, perguntamo-nos: a que ponto realmente saímos de um período colonial? Como podemos nos movimentar em sentido de plena emancipação? De que forma a máquina de guerra feminista forjada e inscrita no livro e na poética de Luiza Romão nos fornece estratégias de luta e de fuga?

Os *slams*-poemas estão dispostos iniciando-se em *CAPÍTULO 1_GENEALOGIA*, no qual o eixo temático principal está voltado à violência de gênero atrelada à colonização do Brasil e às práticas de estupro contemporâneas. Desde então, optamos por dialogar com a noção de decolonialidade, uma vez que a configuração do dispositivo colono-patriarcal percorre as seções da mescla poética, a qual denuncia o processo de objetivação do corpo feminino. Dispositivo esse que consegue acionar a circulação efetiva de enunciados e de práticas sistematicamente violentas e sexistas que formam bases para a estrutura patriarcal.

Ao mesmo tempo, contracondutas ganham força com a máquina-escrita em meio às amarras do conservadorismo; arte inventiva forçando múltiplas entradas e saídas para novas experimentações desse corpo-mulher-coletivo. Corpo atravessado por muitas vozes; uma coletividade que inclui diferentes corpos e sujeitos que mantêm regularidades concernentes aos efeitos produzidos pela máquina dual que universaliza e padroniza a figura do homem molar. Como afirma María Galindo, militante anarcofeminista boliviana, “não se pode Descolonizar sem Despatriarcalizar”⁴⁵, em vista da forte influência da estrutura patriarcal como campo propício para o aparecimento e a atualização de discursos sexista, machista, misógeno, racista e religioso, agenciando os sujeitos para a manutenção de uma sociedade sempre desigual e adoecida. Ou como entende Agamben (2015, p. 15), uma sociedade contemporânea que se apresenta como “corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação”. Portanto, mediante as possibilidades de inversões e as linhas de fuga empreendidas na materialidade analisada, pretendemos delinear as análises subseqüentes, construindo gradativamente a teia cartográfica no intuito de analisar e problematizar a constituição do sujeito discursivo em questão, que em certo momento afirma: “SEI SANGRAR POR MIM MESMA”⁴⁶.

⁴⁵ Afirmação que integra o título do livro de sua autoria: *No se puede Descolonizar sin Despatriarcalizar: teoría y propuesta de la despatriarcalización* (2013). Ler mais em: *A homogeneidade do feminismo nos entedia; é preciso criar alianças insólitas*, entrevista com Maria Galindo (2016), *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos*.

⁴⁶ DIA 27. SANGRIA.

3 DECLARAÇÃO DEVIR-MULHER: SEI [FAZER] SANGRAR POR MIM MESMA

As rosas da resistência nascem do asfalto. A gente recebe rosa, mas a gente vai tá com o punho cerrado também, falando do nosso lugar de vida e resistência contra os mandos e desmandos que afetam as nossas vidas.

Marielle Franco

08 de março de 2018

Rachar as pavimentações e inserir dobras nas experiências para que possam brotar nos espaços fluxos produtores de intensidades. Expandir a proliferação rizomática de devires potencializando os processos de subjetivação, de emancipação. Possibilitar encontros com o próprio corpo, que assim como o território brasileiro, foi colonizado, escandido conforme os ditames patriarcais e esculpido pela heterocisnormatividade. Procedimentos e técnicas disciplinatórias e punitivas empregados mediante o uso da violência. “Cortes fundos na pele”⁴⁷ ocasionados não apenas pela violação física dos corpos, mas pelo estabelecimento de normas e pela naturalização desse controle que cerca e enquadra as experiências das mulheres. Mulher, sujeito condicionado a abdicar dos prazeres da pele que habita para responder aos regimes de verdades que definem o que lhe cabe e o que deve ser esquecido, e que insiste em designar-lhe condição de pertencimento de outrem a partir da relação binária. São esses alguns pontos dos caminhos possíveis que emergem da produção-escrita de Romão, que minuciam sobre a experiência desse corpo-mulher territorializado, produzido durante as (des)continuidades históricas: “(américa) uma mulher não é um território, mesmo assim lhe plantam bandeiras”⁴⁸.

A *Genealogia*⁴⁹ traçada em *Sangria* (2017) desponta da “volta”:

[...] “PARA
e VOLTA
pro começo da frase
do livro
da história
volta pra cabral e as cruces lusitanas

⁴⁷ DIA 2. DATA DE NASCIMENTO.

⁴⁸ DIA 5. LOCAL DE NASCIMENTO.

⁴⁹ CAPÍTULO I_GENEALOGIA.

e se pergunte

DA ONDE VEM ESSE NOME?"

palavra-mercadoria

brasil

[...]

O PAU, face e orgulho nacional⁵⁰

O processo de colonização e de estabelecimento dessas terras como brasileiras se inicia no derramamento da sangria. Falocentrismo violento que “enfiado à torto e à direto” se faz presente nos dias atuais, o que pode ser comprovado a partir dos tantos casos de violência de gênero. Violência direta sobre os corpos das mulheres em sentido de reivindicar o governo de seus corpos. Os jogos coercivos instalaram uma espécie de vigilância das experimentações, tal como Foucault analisa e problematiza em *Vigiar e Punir* (1975/2019). Nesse caso, os múltiplos dispositivos de controle se estendem como um grande e ‘invisível’ panóptico, espalhados pelas microrrelações sociais e através das práticas, discursivas e não discursivas, cujo principal objetivo é “fazer de maneira que a vigilância seja permanente nos seus efeitos, ainda que seja descontínua na sua ação” (FOUCAULT, 2019, p. 231). Se mencionamos ‘invisível’ dessa maneira, é por entendermos que nada está totalmente oculto em nível discursivo, das relações, mas nem totalmente visível (FOUCAULT, 2016) e, por isso, são redes intensivas complexas, multiplicidades a partir das quais os sujeitos são agenciados e, portanto, participam da (re)produção de certos códigos (ZOURABICHVILI, 2004).

Assim, catalogar, etiquetar, “uma mulher não é um souvenir mesmo assim lhe colam etiquetas”⁵¹, é prática constante, atualizada e reforçada diariamente. Não à toa, o Brasil ocupa o quinto lugar na classificação de países que mais apresentam casos de violência doméstica no mundo (SINDICATO, 2020). Não por acaso, é comum, inclusive no âmbito político, a circulação de enunciados relacionando a violência sexual ao merecimento e à aparência da mulher, como ocorreu em 2003 quando Jair Bolsonaro, na posição de deputado, afirmou à deputada Maria do Rosário que não a estupraria porque “não merece”, alegando “não é do meu tipo” e “é muito feia”⁵². Ainda, em 2017, de maneira análoga, o até então Deputado Federal ressaltou: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e

⁵⁰ DIA 1. NOME COMPLETO.

⁵¹ DIA 5. LOCAL DE NASCIMENTO.

⁵² Ver mais em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso em: 05 jan. 2022.

veio uma mulher”⁵³. O enunciado “fraquejada”, que relaciona o nascimento de uma criança do sexo feminino a um momento de fraqueza do genitor, torna a reforçar a ideia de fragilidade atribuída à figura feminina. A virilidade, por sua vez, é indicada pela maioria dos filhos homens. Tal sequência enunciativa (“dei uma fraquejada e veio uma mulher”) circulou em diversos setores midiáticos: foi repetida, respondida, questionada, confrontada, mas, novamente, não foi suficiente para colocar em questão sua candidatura.

Juntos, os recortes configuram posicionamentos e enunciados defendidos e amenizados por 55% da população brasileira ao eleger Jair Messias Bolsonaro no segundo turno, em 2018. Em 2020, Bolsonaro responde a uma apoiadora, mãe de três filhas, buscando o termo “fraquejada”, ironizando a polêmica pré-candidatura: “3 meninas? 3 fraq... Não vou falar não, senão vai dar problema”⁵⁴. É perceptível, diante dos recortes supramencionados, a antiga e constante normalização da desqualificação das mulheres, mesmo que ainda meninas. E, embora tenham sido rejeitados por parte da população brasileira, os enunciados também foram utilizados de forma humorística, satirizada. Tratam-se, pois, de enunciados reitores que serviram para a emergência de muitos outros e em diversos momentos, normalizando não só a concepção de submissão de gênero ao modelo de homem, branco, cisgênero ⁵⁵e heterossexual, mas reforçando uma problemática antiga que acometeu milhares de mulheres: “A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO/ matas virgens/ virgens mortas”⁵⁶.

Cabe, portanto, questionar que elementos colaboram para a normalização da estigmatização das mulheres ainda na contemporaneidade. É por esse caminho que pretendemos percorrer ao longo das análises, com o objetivo de analisar a constituição do sujeito discursivo que emerge da máquina de fazer sangrar. *DIA 1. NOME COMPLETO* e *DIA 2. DATA DE NASCIMENTO* seguem em suas versões integrais dispostas abaixo, e assim como esses, outros *slams* também serão recortados por completo para que, posteriormente, sequências enunciativas sejam coletadas. Ao todo, 9 (nove) poemas foram selecionados por completo e, para que constituíssem o *corpus* deste estudo, observamos primeiramente as 6 (seis) seções da obra, a fim de acompanhar o ritmo do livro-calendário, suas fases e produção de sentido. Em um segundo momento, consideramos os diálogos entre os temas de cada *slam*, para que

⁵³ Ver mais em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2017/04/bolsonaro-diz-que-teve-filha-mulher-por-fraquejada.html>. Acesso em: 05 jan. 2022.

⁵⁴ Ver mais em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-insinua-fraquejada-de-apoiadora-com-3-filhas/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

⁵⁵ Termo referente à identificação do indivíduo com o gênero que lhe fora designado em seu nascimento.

⁵⁶ DIA 1. NOME COMPLETO.

podéssemos analisar como esse processo apresenta o corpo-Brasil-território e o corpo-mulher em sua espessura histórica e de processos de subjetivação.

No primeiro capítulo, eixos temáticos como a maternidade solo, o falocentrismo na língua portuguesa, a influência do discurso religioso na manutenção das relações de saber-poder que pastoreiam os corpos, o coronelismo e a posição de subserviência de mulheres que não são incluídas na redoma familiar, “sem nome, sem retrato, sem lugar à mesa, mas quase da família”⁵⁷, também aparecem. Diferentes discursos e dispositivos constroem gradativamente o sujeito discursivo. Linhas rígidas que perpassam agenciamentos molares e predatórios. No contraponto, um aviso: “não escreverei mais o nome desse país/ enquanto estupro for prática cotidiana/ e o modelo de mulher/ a mãe gentil”⁵⁸. Desde o primeiro *DIA*, registra-se o movimento inaugurador de outras possibilidades de vida, rachando o poder pastoral para aplicar desvios. Abertura ao que Rago (2013, p. 28) menciona como “experiências intensas, miúdas e constantes de construção de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia feminina”.

Na arte com a linguagem e com o corpo, o sujeito discursivo adquire função guerreira: a de cruzar os domínios e camuflar-se (DELEUZE; GUATTARI, 2021b), estar à espreita para inserir irregularidades. No baile das linhas, o tensionamento das linhas moleculares proporciona a abertura de processos de subjetivação e o exercício do cuidado de si. Da *Genealogia* ao *Descobrimento*⁵⁹, o corpo-território é explorado também em sua positividade: erotismo, desejo, paixão. Potências sendo descobertas e revisitadas. Contudo, não desacompanhadas da violência do padrão estético, do assédio e do estupro. A memória discursiva é potencializada em *DIA 15. 1ª EUCARISTIA*, a partir do qual passado e presente se tocam e fazem reverberar a intensidade dos muros construídos a fim de cercar a existência do corpo-mulher. Fixar-lhe identidades, o ideal de mulher-mãe-gentil, “corpo-a-prêmio” dentro dos grandes agenciamentos, posições marcadamente específicas: “passatempo do feitor”, esposa e mãe, idealizadas e certificadas pelo “homem de bem”.

⁵⁷ DIA 8. CLÁUSULA ADICIONAL.

⁵⁸ DIA 1. NOME COMPLETO.

⁵⁹ CAPÍTULO 1_GENEALOGIA e CAPÍTULO 2_DESCOBRIMENTO.

CAPÍTULO I. GENEALOGIA

DIA I. NOME COMPLETO

eu queria escrever a palavra br*+^%
 a palavra br*+^% queria escrever eu
 palavra eu br*+^% escrever queria
 BRASIL
 eu queria escrever a palavra brasil

aquela em nome da qual
 tanto homem se faz bicho
 tanto bandido general
 aquele em nome de quem
 a borracha vira bala
 a perversidade qualidade de bem

aquela empunhado em canto
 atestada em docs
 que esconde pranto
 mãe do dops

eu queria escrever a palavra brasil
 mas a caneta
 num ato de legítima revolta
 feito quem se cansa
 de narrar sempre a mesma trajetória
 me disse “PARA
 e VOLTA
 pro começo da frase
 do livro
 da história
 volta pra cabral e as cruzes lusitanas
 e se pergunte
 DA ONDE VEM ESSE NOME?”

palavra-mercadoria
 brasil

PAU-BRASIL
 o pau-branco hegemônico
 enfiado à torto e à direto
 suposto direito
 de violar mulheres
 o pau-a-pique
 o pau-de-arara
 o pau-de-araque
 o pau-de-sebo
 o pau-de-selfie
 o pau-de-fogo
 o pau-de-fita

A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO
 matas virgens
 virgens mortas
 A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO

pedro ejaculando-se
 dom precoce
 deodoro metendo a espada

Figura 10: DIA I. NOME COMPLETO.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

entre as pernas
de uma princesa babel
costa e silva gemendo cinco vezes

AI AI AI AI AI

getúlio juscélino geisel
collor jânio sarney
a decisão parte da cabeça
do membro ereto
de quem é a favor da redução
mas vê vida num feto
é o pau-brasil
multiplicado trinta e três vezes
e enterrado numa só garota
olho pra caneta e tenho certeza

não escreverei mais o nome desse país
enquanto estupro for prática cotidiana
e o modelo de mulher
a mãe gentil

Iniciando o *CAPÍTULO 1_GENEALOGIA*, por *DIA 1. NOME COMPLETO*, a dificuldade ao tentar escrever o nome deste país não se dá ao acaso. As estratégias estilísticas que atravessam a máquina-escrevente reiteram a presença marcante da sonoridade e do ritmo, os quais se encontram com o sujeito na posição de leitor e fazem alastrar fluxos impregnados pela memória. O domínio de memória a que se ligam - ou, que sacodem - as sequências enunciativas que emergem de *DIA I.*, constitui-se por formações discursivas e não discursivas, como tratados, processos econômicos, administrativos e arquitetônicos, e práticas, que se mantêm interligados por tensionamentos que ultrapassam características como datação, similaridade ou simples reprodução. Expliquemos: o que se entende por domínio de memória a partir de *Sangria* não se trata de acontecimentos contínuos recortados de certa época, como o período de tomada das terras ameríndias por “cabral e as cruzes lusitanas”, mas de uma complexa trama que reúne elementos heterogêneos, cuja tecitura pode ser atualizada conforme as mudanças histórico-sociais e que puxam mais fortemente, conforme a irrupção dos enunciados, um acontecimento ou outro.

A História do “*BRASIL*”, palavra “aquela em nome da qual tanto homem se faz bicho”, recupera a trajetória sangrenta de povos torturados e tocados como bichos selvagens para fins econômicos, de distração e sexuais. O que reverbera do período escravocrata e das continuidades e descontinuidades da história do Brasil é uma cultura da violência, explícita e velada, justificada pela ordem naturalizada de uma sociedade pautada em classes, meritocracia, desigualdade abismal e autoritarismo que emana das forças policiais, políticas e do próprio círculo familiar patriarcal. Mas no prelúdio do que viria a se tornar Brasil, a “perversidade

qualidade de bem” já imperava. Segundo Holanda (1936/2014), a riqueza almejada pelo português custava ousadia, e não trabalho. Além das expedições em busca de especiarias e metais preciosos, os altos lucros compensavam “o esforço de plantar a cana e fabricar o açúcar para mercados europeus [...] efetuado, de resto, com as mãos e os pés dos negros” (HOLANDA, 2014, p. 56).

Despontando da “volta”, a história começa a ser cantada por um sujeito discursivo que ainda tem lugar destinado à margem. Nesse momento, fundem-se o corpo-país e o corpo-mulher, podendo ser contemplado esse movimento na Figura 10: silhueta brasil-mulher, que em posição fetal é delineada por linhas vermelhas em zigue-zague unidas por correntes. Na lateral da coxa, parte voltada aos olhos de quem observa, a marca trazendo a sigla do país, “BR”. Marca estampada na pele assim como aquela tradicionalmente flamejada no gado. A imagem também é materialidade discursiva. Do gado se espera certo ritmo, comportamento. O gado é marcado, símbolo de propriedade; é tocado, engordado e abatido. O avizinhamo entre os corpos país e mulher com a representação animalesca faz reverberar os limites e as condutas impostas desde a chegada dos povos invasores. Os limites podem ser lidos a partir das linhas que, intensificadas pela presença da corrente, funcionam para delimitar o território brasileiro e os processos de subjetivação: pedaço de terra como território marcado e corpos, ambos como coisa, objetos de pertença (EVARISTO, 2017).

Tal é a aproximação do uso da marca para assegurar propriedade sobre algo ou alguém que, em anúncios de jornais brasileiros no início do século XIX, características como marcas e cicatrizes nos corpos de pessoas escravizadas circulavam a fim de encontrá-las após suas fugas (BRAGA, 2020). Em circunstâncias outras, diferente dos “sinais de nação” ou até mesmo de marcas de alguma “inspiração romântica”, essas cicatrizes em formatos específicos, como letras, poderiam ser “marcas de fogo feitas pelos senhores como sinais de carimbo ou propriedade”, - ou “bandeiras”⁶⁰ - como aponta Braga (2020, p. 74). Desse modo, a catalogação dos corpos permitia não só a lembrança constante de que alguém o havia marcado e o tomado como objeto a bel-prazer como também a identificação desses sujeitos em meio aos demais. Uma identificação permanente que se dá tanto pelos olhos dos sujeitos em posição de senhores, detentores de terras e pessoas, quanto dos sujeitos cujo lugar ocupado é o de mão de obra e existência sub-humana. Lembrete de uma vida cuja finalidade é servir.

A invasão das terras até então desconhecidas também significou a abruta violação dos povos nativos, cuja cultura, língua e crença foram fortemente afetadas pelo eurocentrismo e seu

⁶⁰ DIA 5. LOCAL DE NASCIMENTO.

olhar sobre o mundo. De lá para cá, a “perversidade” continuou a encontrar terreno propício para se alastrar como necessidade justificada ou “qualidade de bem”. No ano de 2017, um jovem foi torturado e teve sua testa tatuada com a seguinte frase: “Sou ladrão e vacilão”⁶¹. O ato criminoso cometido por dois homens circulou nas redes sociais enquanto grande parcela da população não poupava elogios à brutalidade, em sinal de concordância e defesa da atitude vista como ‘justiceira’. Dois anos depois desse acontecimento, o Ato Institucional 5 (AI-5) foi defendido publicamente em entrevista pelo Deputado Federal Eduardo Bolsonaro, ao afirmar que o governo poderia “recriar” a repressão caso a esquerda decidisse “radicalizar”⁶². O posicionamento do deputado ganhou adeptos por parte dos apoiadores do atual governo e, reflexo desse assujeitamento, efeitos de sentido - como o apagamento das atrocidades e assassinatos provenientes da perseguição ilegal em período ditatorial brasileiro -, acabaram criando novos efeitos de verdade acerca de um dos atos mais violentos dentro da política do país.

Os 5 “AI’S” de “costa e silva gemendo cinco vezes/ AI AI AI AI AI”, o “dops”, Departamento de Ordem Política e Social criado em 1924, também exemplo de barbárie e de perseguição contra os opositores do autoritarismo, e o pranto daqueles que ficaram e que viram seus familiares e amigos serem vítimas da repressão, do ataque contra a democracia. A máquina de fazer sangrar chacoalha a história pacata e empoeirada de uma narrativa única e exclusiva da figura molar. Narrativa seletiva que arquiva e “atesta em docs” o ‘inarquivável’ sugerindo o esquecimento. Na retomada descontínua da historicidade brasileira, a sangria desata na tomada de decisão, na postura incisiva que anuncia a “volta” e questiona: “DA ONDE VEM ESSE NOME?” Brasil, “palavra-mercadoria”, “PAU-BRASIL”, o “pau”.

Nesse instante, o que atravessa a materialidade discursiva retoma o falocentrismo também presente na língua portuguesa, com destaque em “pau-de-arara” e “pau-de-fogo”, os quais, respectivamente, retomam as práticas de tortura e a mortalidade das armas de fogo. Da cultura do “pau”, pau-mercadoria e extração incessante para fins lucrativos valendo-se do trabalho escravo, o que se segue é “o pau-branco hegemônico/ enfiado à torto e à direito/ suposto direito/ de violar mulheres”. As sequências enunciativas seguintes, as quais denunciam que “A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO” e que “A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO”, estão enredadas em mesma formação discursiva (FD): uma FD constituída por

⁶¹ Ver mais em: <https://ponte.org/as-idas-e-vindas-de-ruan-o-jovem-que-teve-testa-tatuada-no-sistema-prisonal/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

⁶² Ver mais em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/31/entenda-o-que-foi-o-ai-5-ato-ditatorial-defendido-por-eduardo-bolsonaro>. Acesso em: 02 jan. 2022.

práticas e discursos machistas, misóginos, racistas. Rede que também é formada por dispersões de enunciados religiosos e autoritaristas. O pau-brasil, madeira de cor avermelhada que inspirou o nome deste país, noutro viés, é pau instrumento de violação, que no derramamento de sangue - vermelho - do corpo invadido, é ato mais um nas estatísticas.

A “legítima revolta” da caneta na máquina-escrita marca a resistência e convoca o sujeito-leitor a olhar diferente para a história: para o ontem, para o hoje, para o que se é. Não é recente a normalização de práticas arcaicas que condicionam aos corpos lugares específicos e que, diante disso, autoriza-se o que falar, o que fazer, vestir ou ser. Mas, em particular, à figura detentora do falo está destinado tudo poder. Das “matas virgens” desbravadas, às “virgens” cujas vidas foram ceifadas. Ainda, o hábito de querer tornar qualquer lugar um lugar-propriedade, permanece. A violência de gênero escancara a difícil realidade de ser mulher em um país onde a cultura do estupro é dia a dia reproduzida e atualizada pelos sujeitos que com ela compactuam. Corpo-mulher visto como lugar para se tornar propriedade; território onde se instala sem licença, porque do homem se espera virilidade, é “dom precoce”. “é o pau-brasil/multiplicado trinta e três vezes/ e enterrado numa só garota” - referência ao estupro coletivo que fez vítima uma jovem de 16 anos, no Rio de Janeiro; estuprada por, pelo menos, 33 homens⁶³.

Se “a decisão parte da cabeça/ do membro ereto”, a autonomia para decidir o que fazer com o próprio corpo no que se refere à gravidez não cabe às mulheres, mas a um sistema majoritariamente regulado e pensado por homens. A luta pela descriminalização do aborto e pelo autocontrole do corpo desvela como os discursos atravessam e constituem os sujeitos à medida que corroboram efeitos de verdade a partir das relações de saber-poder de uma dada conjuntura. Amparada pelo Código Penal, “de quem é a favor da redução/ mas vê vida num feto”, a retirada da liberdade e do governo de si ainda permanecem, enquanto mulheres e adolescentes atentam contra suas vidas quando decidem a retirada de um feto, pois estão desamparadas e lançadas para fora da esfera da saúde pública. Paradoxalmente, o que forma esses grandes agenciamentos (judiciários, penais etc.) também defende o encarceramento precoce.

Em oposição ao que intitula o primeiro dia do livro-calendário, “pedro, deodoro, costa e silva, getúlio, jucelino, geisel, collar, jânio, sarney” estrategicamente são grafados de forma incompleta e sem o uso da letra maiúscula no início de nomes próprios. O recurso estilístico relaciona as personalidades|sujeitos de autoridade a mais um indivíduo que assume um lugar

⁶³ Ver mais em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>. Acesso em: 02 jan. 2022.

de sujeito específico, engendrado pelo mandonismo. O autoritarismo falocêntrico que impregna o “padrão-homem”⁶⁴ é parte latente da seletividade responsável pela valoração atribuída aos sujeitos. Cabe, portanto, retomar o que nomeamos de *corpo-mulher-coletivo*⁶⁵, na intenção de esmiuçar seu significado. Em dia *DIA I.*, quando se recupera a memória dos povos escravizados, do cerceamento da liberdade das mulheres e os discursos favoráveis à redução da maioria penal, reúne-se o desviante; o que foge ao padrão-molar.

Dessa maneira, entendemos como *coletivo* essa forma minoritária que compreende corpos relegados: mulheres, indígenas e quilombolas, população negra e LGBTQIA+, Pessoas com Deficiência (PCD) e que vivem em situação de vulnerabilidade. Marginalizados, esses sujeitos sofrem, em seus corpos e subjetividades, uma diferença negativa, cujos fluxos que os atravessam advêm de forças repressoras e excludentes, transformando-os em “estrangeiros em sua própria terra” (SCHWARCZ, 2019, p. 173). Assim, das sequências enunciativas que emergem da materialidade em questão, não são escassas as possibilidades de leitura. Dos alguns fios que percorreremos, destacamos que a análise discursiva proporciona pensar sobre a constituição das mulheres enquanto sujeito discursivo em posições variadas, mas num gesto de não ignorar as muitas outras existências que assim como as mulheres, são cercadas pela violência. Daí a presença marcante de um devir-menor capaz de passar *entre* os pontos arborescentes que formam o sistema molar, a maioria-homem:

branco, macho, adulto, "razoável", etc., em suma o europeu médio qualquer, o sujeito de enunciação. Segundo a lei da arborescência, é esse Ponto central que se desloca em todo o espaço ou sobre toda a tela, e que vai alimentar a cada vez uma oposição distintiva conforme o traço de rostidade retido: assim macho-(fêmea); adulto-(criança); branco-(negro, amarelo ou vermelho); razoável-(animal) (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 94).

Enquanto o homem é o ponto de ressonância de padrões, os processos de subjetivação e de diferenciação produzem abalos nas estratificações. A máquina de fazer sangrar empreende esse deslocamento, pois é máquina entoada por muitas vozes. Assim, a “legítima revolta” da caneta ao escrever novamente a mesma narrativa é a revolta dessas tantas vozes que enunciam de variados lugares e que reivindicam e tecem, ao mesmo tempo, outra *Genealogia*. Caracteriza-se no conhecimento de uma história pautada na contradição, pois da exploração dos corpos se têm a movimentação da economia, da extração e circulação dos bens e produtos

⁶⁴ Tomando como empréstimo o termo utilizado por Deleuze e Guattari (2012b, p. 92).

⁶⁵ Salientamos os estudos publicados por Lousa (2019), em “Da genealogia ao sangue: o corpo coletivo em Sangria, de Luiza Romão” e por Medeiros (2020), em “Do Corpo-país-invadido ao Corpo-mulher-violada: Nuances da Invasão em Sangria (2017), de Luiza Romão”, que também apontam para esse movimento de análise sobre o corpo em *Sangria* (2017).

sobrepostas ao massacre dos corpos d’antes e de agora. Degradação humana mais tecnicizada e sutil que se espalha e arrebanha pessoas enquanto ‘vidas úteis’ a servir às engrenagens capitalísticas (KRENAK, 2020). Do ciclo de 28 *DIAS* de *Sangria*, o primeiro dia se encerra reiterando a recusa do apagamento que se repete cotidianamente ao ignorar um Brasil nascido da exploração e da matança, valendo-se da “capacidade de recriar o passado e obscurecer o papel das populações que viveram e criaram outras histórias”, como pontua Schwarcz (2019, p. 40) sobre a influência de projetos autoritários.

O Brasil nasce de um projeto autoritário, “na chegada/ enviado da corte/ fruto de cortes/ fundos na pele/ sempre mestiça”, como emerge de *DIA 2. DATA DE NASCIMENTO*.

DIA 2. DATA DE NASCIMENTO

um país nasceu
não de parto
nem de partida
mas de chegada
enviado da corte
fruto de cortes
fundos na pele
sempre “mestiça”

um país nasceu
foi de cesárea
enviado dos césaes
lusitanos caídos
tempos idos
minas não mais

um país nasceu
e já engatinha
cedo engatinha
o tiro certo
de quem corre
antes de andar

um país nasceu
de perna direita
ausente a esquerda
do menino-saci
(o capuz
antes vermelho
agora não serve
apenas ordena)

um país nasceu no futuro
promessa de vida
dívida eterna
em lista de espera

um país nasceria outro
sempre possível
quase concreto

Figura 11: DIA 2. DATA DE NASCIMENTO.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

na instância de vir
 um país nasceu
 mas 'inda hoje
 mais que século vinte
 pra cada germen de insurreição
 uma pílula
 do dia seguinte

A invasão das terras até então desconhecidas pelo povo português, com sua chegada, trouxe nova forma de exploração: “minas não mais”; a extração do pau-brasil até sua escassez, a implantação dos grandes latifúndios de cana-de-açúcar. Processos às custas de outro tipo de exploração que já bem conhecia o português, a escravização. Contudo, diante do amplo conhecimento que os povos originários tinham de suas terras, os europeus não conseguiam ter completo controle sobre o trabalho que deveriam desempenhar os braços indígenas. Assim, Holanda (2014, p. 55) explica que, embora “prestimosos colaboradores na indústria extrativa, na caça, na pesca, em determinados ofícios mecânicos e na criação do gado”, “[...] a presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais”, em vista das discordâncias recíprocas no que concernia a “ordem, constância e exatidão”. Dá-se, então, uma série generalizada de violências que não se contentava em atingir os nativos da terra colonizada com suas doenças e supressão de toda forma de vida precedente. Subtraídos de suas nações, os povos africanos passaram a integrar um cenário sangrento também fora de casa.

A partir desse cenário de subtração e repressão, a Figura 11 faz ver uma posição de quem se prepara para ser abordado. Mãos para trás e alinhadas à cabeça marcando a fragilidade de quem, de costas para aquele que fiscaliza/revista, está despido não apenas de vestimentas, pois se vê destituído de qualquer reação; vê-se vulnerável diante do controle do outro. As linhas vermelhas em zigue-zague, costurando um objeto longo e ferroso, formam um arquétipo de grades ao passo que também figuram compridas lâminas. Da imagem, vê-se|lê-se a tomada dos corpos, assemelhando-se à invasão e ao domínio das terras. Nesse embalo, os cortes “fundos na pele” inauguram a mais uma colônia. E enquanto o útero é órgão-fêmeo cuja função biológica é gerar, o território apropriado pelas forças monárquicas se prepara para se tornar “um país” nascido à força, gestado num ciclo de ordem hegemônica artificial e predatória. Desse modo, tal “relação de coação”, como explicara Foucault (2009, p.14), era responsável por “impedir o campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer”, pois as práticas de resistência só são possíveis entre os sujeitos livres.

Da sequência enunciativa destacada por nós da primeira estrofe do *slam*-poema, a constar “na chegada/ enviado da corte/ fruto de cortes/ fundos na pele/ sempre mestiça”, a concepção de um povo mestiço também convoca um domínio de memória que une acontecimentos descontínuos ao cantar a história do Brasil sob um “modo fêmeo”. As palavras empregadas por Borges (2020, p. 2) se justificam pela tentativa de distanciar as

estereotípias mais constantes quando se fala em feminilidade e escrita de mulheres, sendo que a feminilidade, contaminada por seus modos usuais de interpretação derogatória no Ocidente, sempre necessitou que os sujeitos que a representam, as mulheres, lutassem para se salvar de desse lugar de *Outro*, conforme pensamento fundador de Simone de Beauvoir (1980).

Assim, a pele “sempre ‘mestiça’”, processo de mestiçagem como adjetivo que aparece entre aspas, remonta a um dos mais importantes elementos para a permanência dos europeus nas terras desconhecidas (HOLANDA, 2014). Embora descrita como um processo “normal”⁶⁶, a mestiçagem é sustentada tanto pelo período escravocrata quanto inversamente, respaldando-se em mesmo sistema repressivo. Nossa afirmação advém das muitas coerções sexuais e estupros cotidianos dos corpos negros, das senzalas às ‘casa grande’, pois, como explica Braga (2020, p. 70), além do interesse sexual, também existia por parte do branco “[...] um interesse econômico: era o ventre negro que assegurava o crescimento de sua posse”. Instaurava-se uma economia sustentada pelas mãos e pés do povo escravizado, e por ventres invadidos, bem como apresenta a sequência enunciativa “Miscigenar/ verbete bonito/ estilo requintado/ mas que camufla o ventre violado”⁶⁷, recortada de antemão do *slam*-poema que se segue. Assim, nasce um país que após o movimento abolicionista, encontra no multiculturalismo uma forma de se identificar a partir da “inclusão cultural”, mas que, contraditoriamente, “desenvolve um racismo dissimulado, cuja prática inclui o ato de delegar à polícia o papel de performar a discriminação” (SCHWARCZ, 2019, p. 178).

Ainda que a formação discursiva a que se insere o enunciado “mestiça” esteja atravessada por atualizações que funcionam produzindo certo abafamento da violência patriarcal e eurocêntrica presente nas práticas em solo brasileiro, no cotidiano mesmo é que se vê como a herança branco-hegemônica é força motriz para a permanência de uma sociedade elitista e preconceituosa: 78% do total de pessoas mortas por armas de fogo no Brasil são de pessoas negras, conforme aponta um estudo feito pelo Instituto SoudaPaz, divulgado neste ano (INSTITUTO, 2021). Soma-se a isso o desigual e dificultoso acesso e seguridade dos direitos sociais dispostos no Art. 6º da Constituição Federal de 1988 a toda a população: “são direitos

⁶⁶ Ibid., p. 77.

⁶⁷ DIA 15. 1ª EUCARISTIA.

sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (BRASIL, 1988).

Indubitavelmente, as marcas da colonização deixaram, para além de cortes fundos na pele, sequelas e cicatrizes estruturais, “diferenças socioeconômicas aglutinadas em torno de raça, gênero, geração e região, [...] numa combinação impiedosa de vulnerabilidade social e racismo que os acompanha pela vida inteira” (SCHWARCZ, 2020, p 177). Relegados a viverem sem qualquer apoio para sua inserção social, os recém-libertos acabaram condicionados a continuar servindo aos brancos, como é o caso da prostituição, mediante o que apresenta Braga (2020) sobre a situação das mulheres em busca de subsistência nas cidades grandes. Ocorre que, em *DIA 2.*, encontra-se a transposição dos acontecimentos passados no hoje, por meio de reflexos na história do presente e, conseqüentemente, nos corpos dos sujeitos. Nasce, então, um país cujo povo não cessa de ser colonizado. Corpos e subjetividades colonizadas.

Para fundamentar nossa reflexão, retomamos a análise de Fernandes (2020, p. 147) acerca do corpo como materialidade discursiva, o qual afirma que, em geral, funciona como tal “pelas próprias caracterizações que porta; aspectos que podem ser observados pela cor da pele, pelo gênero, pelas vestimentas ou ausência de vestiduras, formas de presença nos espaços sociais etc.” Significa que, por essa perspectiva, torna-se possível afirmar que os sujeitos, “inda hoje/ mais que século vinte”, têm suas subjetividades colonizadas, pois mesmo que o processo abolicionista tenha sido decretado em 1888, os sujeitos seguem divididos em identidades prestigiosas e marginalizadas socialmente; lugares que passam a ocupar tanto por serem objetivados quanto por responderem aos requisitos que esta ou aquela posição regula dentro das relações de saber-poder. Desse modo, a constituição dos sujeitos lançados à margem também compreende uma ordem discursiva materializada no corpo.

No funcionamento da sociedade, certos elementos atuam como “marcadores sociais da diferença”, “categorias classificatórias compreendidas como construções sociais, locais, históricas e culturais” (SCHWARCZ, 2019, p. 175), que tornam as experiências dos sujeitos limitadas, sob a prerrogativa de que são menos qualificados para atuarem diferente do que lhe fora ‘predeterminado’⁶⁸ em dado regime de verdade. No *slam*, há a denúncia de um sistema que

⁶⁸ Colocamos o termo ‘predeterminado’ em destaque porque entendemos que a constituição dos sujeitos nesta ou naquela formação discursiva é um processo ativo. Assim, não encaramos o funcionamento dos discursos, dos dispositivos e o próprio agenciamento como predeterminados, pois este mesmo sujeito participa de sua inserção e permanência na posição que ocupa, assim como pode alternar de posição ao passo que se subjetiva e que também é objetivado, agenciado. Se fazemos uso da referida expressão, deve-se aos marcadores sociais, ou estigmas sociais que acompanham grande parte das vidas dos sujeitos e que refletem em seus corpos elementos diferenciadores numa sociedade erguida pelo patriarcado.

ao valorar um grupo em detrimento de outros, coloca “em lista de espera” (assim como as longas filas de espera nos sistema de saúde público) a esperança de um futuro mais justo, no qual a fome, a miséria, a precariedade e a violência não sejam realidade diária.

Ao mesmo tempo, a denúncia também implica pensar a transgressão, pois o tensionamento das estratificações não está fadado ao imutável ou à certeza de uma repressão absoluta. Fluxos desterritorializantes, produtores da diferença, inserem singularidades nas continuidades das linhas molares que operam sobre os sujeitos. O “gérmen de insurreição” é embrião pronto para nascituras outras, essas que se cansam de “efetuar” as mesmas “formas socialmente disponíveis” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 9). Mas assim como a interrupção da fecundação pelo uso emergencial de “uma pílula/ do dia seguinte”, a máquina abstrata é incorporada pelos agenciamentos estratificados.

E se nos demoramos em uma espécie de esboço desse tempo, é porque vemos em muitas dessas linhas que bordam os oito dias da *Genealogia de Sangria*, intensidades que fazem pulsar, - como o útero inchado e enxarcado pelo sangue menstrual ao iniciar um novo ciclo -, e que se preparam para percorrer ainda mais profundamente a relação dual entre corpo-mulher e território a partir de *Descobrimento*, Capítulo 2. Da segunda parte da obra, separamos para este estudo o *DIA 15. 1ª EUCARISTIA*, a fim de analisar como o sujeito discursivo está atravessado por grandes agenciamentos, como o religioso e, por ele, é vítima de violências justificadas e encobertas por certa crença. É preciso ressaltar, porém, que o capítulo é composto por oito DIAS, os quais englobam o *Descobrimento*, as primeiras experiências do que pode o corpo - *DIA 9. 1ª MENSTRUACÃO*, *DIA 10. 1ª MASTURBAÇÃO*, *DIA 12. 1ª PAIXÃO*, *DIA 13. 1ª TRANSA* - e o que frequentemente acontece com ele - *DIA 11. 1ª CULPA*, advinda do padrão estético forjado principalmente pelo dispositivo midiático e mercadológico, *DIA 14. 1º ASSÉDIO*, *DIA 15. 1ª EUCARISTIA* e *DIA 16. 1º ESTUPRO*. Dessarte, vez ou outra poderemos recortar algumas sequências enunciativas de outros DIAS que mantêm aproximações com as de *1ª EUCARISTIA*.

CAPÍTULO 2_ DESCORRIMENTO

DIA 15. 1ª EUCARISTIA

tire sua cruz do caminho
já não bastou caminha
e anchieta
querendo lacrar
minha bu...chega
que esse papo eu decorei
que esse papa não é rei
orei
pelo fim dos ianques
vejo cristo sobre tanques
lugar de fé é no altar
não no palanque

fomos tantas
tanto tempo
silenciadas
joanas d'arc estrangeiras
nossa guerra dos cem anos
é dentro da fronteira

fomos matéria-prima
corpo-a-prêmio
passatempo de feitor
em nome do pai
do marido
e do espírito do pastor
se falas tanto em igualdade
pra que manter um senhor?

com seu bom partido
não quero aliança
suas bodas de ouro
suas botas de chumbo
só multiplicam defunto

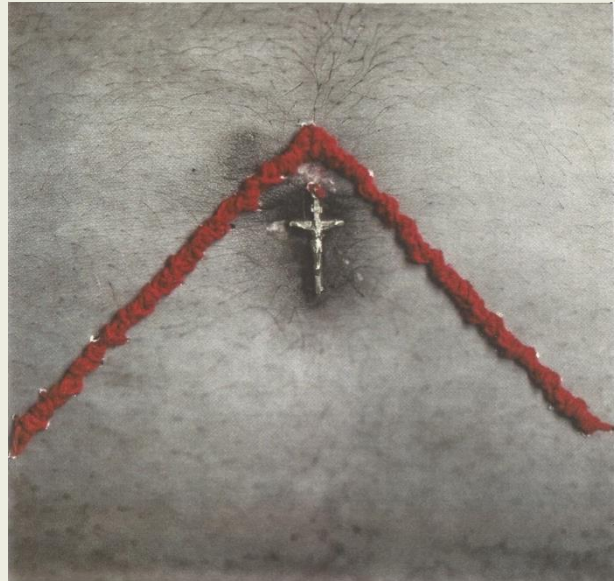
solteira viúva casada
que importa
meu estado civil é laico
e seu paradigma
arcaico

arque com as consequências
de ser nação-bastarda de nascença
o nome ausente
vazio de progenitor
de quem se nomeia patriarca
mas não passa de estuprador

miscigenar
verbete bonito
estilo requintado
mas que camufla o ventre violado

mas isso não existe
imagina

Figura 12: DIA 15. 1ª EUCARISTIA.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

tantos querendo ordenhar minha
 va...xinga
 de mal-amada
 mal-comida
 mal-educada
 mas pro homem de bem
 sou o mal-encarnada

Os campos associados não param de se formar. Exemplo disso é o enunciado “homem de bem”, inserido no discurso conservador, que na atual conjuntura política vem sendo atualizado de maneira a separar aqueles que merecem ou não dignidade e respeito. A posição de “cidadão de bem” só pode ser ocupada por indivíduos atravessados pelas tecnologias de poder que legitimam saberes de instâncias que não escapem às condutas requisitadas pelas estruturas patriarcais. Porém, antes disso, o sujeito que emerge do poema enuncia: “tire sua cruz do caminho!” e reitera: “já não bastou caminha/ e anchieta/ querendo lacrar/ minha bu...chega”. Acentua-se o batimento histórico-descontínuo colocando o corpo-mulher agora, em maior intensidade, iniciando um tipo de transição quando observada a máquina de fazer sangrar em seu todo: território Brasil-colonizado ao território corpo-mulher-colonizado. O recorte enunciativo “tire sua cruz do caminho”, por seu turno, funciona como reatualização de enunciados anteriores, como “Tire o seu sorriso do caminho/ Que eu quero passar com a minha dor”, que irrompe do samba *A flor e o Espinho* (1973), de Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito e Alcides Caminha; e “Tire o seu piercing do caminho/ Que eu quero passar/ Quero passar, com a minha dor”, em *Piercing* (1999), de Zeca Baleiro, representado também pela Figura 12.

O enunciado atualizado em *Sangria* forma campos associados com a carta de Pero Vaz de Caminha, enviada à coroa portuguesa. Nela, a concepção de um povo selvagem que precisava ser salvo aparece reiterada especialmente em: “Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação” (CAMINHA, 1997, p. 47). Duplo movimento que por um lado pregava a disseminação cristã como gesto honroso e, por outro, artifício exploratório. Assim, enquanto as cruzes indicavam o domínio cristão, “caminha”, “anchieta” e a condução jesuíta que investiam sobre os povos seus modos de pensar, vestir, falar e educar em gesto de ‘salvação’ por meio do “princípio da disciplina pela obediência” (HOLANDA, 2014, p. 45) em tempos mais remotos, hoje, simbolicamente, o mesmo objeto representa a certeza da paz e da disciplina em esferas como a política.

A exemplo disso, no dia 27 de novembro de 2021, a frase *slogan* da campanha do atual presidente do Brasil fora materializada em painel de 10 metros de largura disposto no Palácio

do Planalto, em Brasília (DF). “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos” é o que intitula a obra produzida por Heinz Budweg, e divulgada por Bolsonaro como “arte de verdade”⁶⁹. A mesma sequência enunciativa, em forma de enunciado reitor, aparece “no palanque”, não apenas “no altar”: em comerciais e pronunciamentos políticos, publicidades, manifestações e publicações de apoiadores do governo. Vê-se, a partir do exposto, o enlace dos discursos religioso, político e até mesmo o campo das artes articulados em comunhão, no intuito mesmo de que sejam reproduzidas e reforçadas as tendências políticas da regência por parte da população.

Além desses, o discurso médico também é reivindicado ao passo que o foco, desta vez, é o governo do corpo das mulheres. A característica biológica de gerar é motivo fundante para o controle e intervenção por parte das instituições (judiciária, religiosa, familiar etc.), que lançam contínuas forças territorializantes sobre esses corpos. São relações éticas estabelecidas que condicionam às mulheres, desde muito jovens, um futuro voltado à maternidade, às experiências limitadas do *ser-mãe* e *ser-esposa*. Isso não significa que estamos afirmando que optar por assumir a posição de mãe ou esposa sejam experiências menos qualificáveis que outras, mas sim, que entendemos a dificuldade da liberdade de escolha como um importante fator limitador de outras experiências. Trata-se de um corpo regulado por certa “heterossexualidade institucional [que] exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema de gênero binário oposicional” (BUTLER, 2020, p. 52), já que a partir do pensamento único, anulam-se as multiplicidades dos corpos, dos sujeitos e das experimentações. Sistema amparado pelos ideais patriarcais, misóginos e sexistas que conferem ao modelo universal homem a ideia de que tudo se pode conquistar, ou invadir; semelhante a um contrato em que apenas uma das partes redige e, por si só, valida-o [vitalício?].

Destacamos, nesse sentido, a partir dos estudos de Butler (2020, p. 17), a concepção de Beauvoir sobre a “categoria mulher”, a qual é designada como o “Outro” e marcada em relação ao gênero masculino, por sua vez, modelo universal. Assim, ao afirmar, em *O Segundo Sexo* (1949), que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, a filósofa francesa defende que o gênero é uma construção da qual um agente se apropria. Tecendo algumas ponderações sobre essa afirmação, Butler (2020, p. 29-30), por seu turno, problematiza o sentido de “construção” e convoca refletirmos sobre o corpo para além de “um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou

⁶⁹ Ver mais em: <https://www.metropoles.com/brasil/painel-com-slogan-da-campanha-de-bolsonaro-e-exposto-no-planalto>. Acesso em: 05 jan. 2022.

interpretação determina o significado cultural por si mesma”. O movimento efetuado por ela converge no pensamento de que o próprio corpo é uma construção socio-histórico-cultural e, por isso, reitera a existência de condições de possibilidade para a existência de certas configurações em dada época, “configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura” (BUTLER, 2020, p. 30).

Desse modo, os gêneros, independentes de sua relação com o sexo, estão inseridos nas tramas de saber-poder e são desempenhados pelos sujeitos por meio de performances, da reprodução de padrões ligados a esta divisão binarizada. Quando afirmamos a secção entre as noções de gênero e sexo, é porque consideramos que Butler compreende as características biológicas também como um processo produzido em ordem discursiva. Para a estudiosa, o “‘sexo’ não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa”; é, pois, “um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo” (BUTLER, 2019, p. 194). Em conformidade, as forças coercivas atreladas à “categoria mulher” emergem e continuam sendo atualizadas porque encontram condições propícias para isso. Ao se assujeitarem, os indivíduos (agora, sujeitos), são agenciados e, portanto, fazem persistir performances atreladas aos gêneros sob pressuposto determinista.

À mulher, o silêncio, as atitudes responsivas, o corpo casto e alma pura, o cuidado e a disciplina constantes para que não ceda à luxúria; ao homem, o modelo primeiro dotado da razão, do controle e cujo apetite sexual é fruto de sua natureza, sinal de virilidade. Foucault (2020, p. 229) expõe que, no século IV, autores que discutiam sobre a moral cristã retomavam, inclusive, o que pensavam os filósofos sobre o matrimônio e, conseqüentemente, sobre a influência da mulher na vida do homem. São Jerônimo, citando Teofrasto, filósofo da Grécia Antiga, afirmara que não é possível se dedicar simultaneamente à vida filosófica e à matrimonial, pois existiam defeitos intrínsecos das mulheres, como “seu ciúme, sua avidez, sua inconstância; a perturbação que elas provocam na alma e na existência de seus esposos; preocupações com dinheiro [...] ou necessidades de uma vigilância”. Além da explícita perturbação que era atribuída às mulheres, São João Crisóstomo complementara que agem como “um obstáculo à vida espiritual do homem” (FOUCAULT, 2020, p. 241) após a *Queda do Homem*⁷⁰.

Em linhas anteriores, perguntamo-nos se seria vitalício esse sistema que alude a um contrato social estendido ao longo dos séculos. A máquina-escrevente atesta que não, pois há outras existências possíveis para esses corpos. Esse movimento, que desliza entre as

⁷⁰ Concepção proveniente da interpretação bíblica de que a desobediência de Eva e, posteriormente, a de Adão, teria acarretado sua mortalidade.

estratificações, é movimento inaugurador de subjetividades: “fomos tantas/ tanto tempo/ silenciadas”. “tantas” funções atribuídas ao sujeito-mulher que, por elas mesmas, são identificadas: mãe, esposa, filha (“da filha do coronel/ não se conhece o nome/ só o dote e a data/ do punho firme”⁷¹), amante etc. E o que deve esse corpo? Gerar, cuidar, obedecer, agregar. Para além das funções, este mesmo corpo é designado a pertencer a outrem, como terra fértil pronta para ser cavada, penetrada e explorada. “Fomos matéria-prima/ corpo-a-prêmio/ passatempo de feitor/ em nome do pai/ do marido/ e do espírito do pastor”.

Pensar com essa literatura é, certamente, fazer sangrar o instituído, desterritorializando-se enquanto as linhas moleculares entremeiam as máquinas capturantes em sentido de produções inventivas; iniciar processos de dessubjetivações para que novas subjetivações possam surgir. Inventar com esse corpo reivindica pensar sobre sua própria constituição e o que lhe atravessa; abrir-se ao novo provocado por uma centelha que lhe toca e que faz escapar. As engrenagens da máquina de fazer sangrar convocam sim, um domínio de memória, mas incluem também a provocação do desconforto de permanecer. No limite do tensionamento verbo-literatura-performance, a denúncia se torna convite e ferramenta produtora de experimentações, deslocando de suas atuações funcionalizadas ao cuidado de si.

Afirmar-se é, pois, subjetivar-se: “joanas d’arc estrangeiras/ nossa guerra dos cem anos/ é dentro da fronteira”. O levante se dá à medida que o contágio acontece; e dentro da fronteira é onde se formam as zonas de vizinhança, de indiscernibilidade entre dois estados distintivos, “que fazem bloco numa linha de fuga onde se precipita a pressão seletiva” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 96); questão de devir. Assim, pensar com essa máquina significa ressignificar modos de existência, liberar linhas que passem entre os sistemas de territorialização, arborescentes, produzindo outros tipos de realidade. A fronteira é isto: zonas de contágio, abertura ao dinâmico (oposto ao que visa a barreira - permanência). Na poesia romaniana, deparamo-nos com discursos e práticas que engendram projetos de fixidez, que cristalizam as identidades sempre como opostas em seu sistema dual e de privilégio masculino. Mas o que encontramos não é denúncia encerrada em si mesma, pois da negação que revela o autoritarismo e a objetificação do corpo feminino, “com seu bom partido/ não quero aliança/ suas bodas de ouro/ suas botas de chumbo/ só multiplicam defunto”; da insatisfação com a imposição de um organismo social classificado e sentenciado pela categoria estado civil (relação de pertencimento), “solteira viúva casada/ que importa/ meu estado civil é laico/ e seu paradigma/ arcaico”; e do patriarcado “que camufla o ventre violado”, vê-se a

⁷¹ DIA 7. NOME DO PAI.

desterritorialização “tomando o território por inteiro” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 143).

E, por isso, o fazer sangrar que empreende *Sangria* destaca também o efeito produto da transgressão: “mas pro homem de bem/ sou o mal-encarnada”. Chamamos de transgressão pois a produção da diferença, das práticas de resistência, causa não só desconforto, mas faz movimentar os grandes agenciamentos em busca da rápida incorporação e captura do que transgride, do anômalo. Os corpos que se diferem ou que provocam alguma agitação que não a reprodução dos códigos instituídos, são por vezes, relacionados ao danoso, nocivo: “va...xinga/ de mal-amada/ mal-comida/ mal-educada”. Quando colocamos em destaque o enunciado “cidadão de bem”, podemos analisá-lo como mecanismo de separação entre um grupo e os demais, legitimando certas práticas e discriminando ou criminalizando outras. Pois, para ocupar e assumir a posição de “homem de bem”, é necessário responder a requisitos específicos, especialmente calcados em uma concepção de cidadania fraturada. Esse binarismo é característico de nossa formação histórica atual, cujas memórias dialogam com práticas do passado. Dentro dessa formação histórica que faz ver e falar sobre a oposição citada, os enunciados do poema sinalizam para discursos outros; estes que marcam práticas de resistência e recusam a continuidade de tanta violência.

Sobre isso, a análise empreendida por Costa (2021 p. 4) aponta algumas sequências enunciativas que emergiram e ainda circulam no tecido social, como: “direitos humanos para humanos direitos”, “direitos dos manos”, “bandido bom é bandido morto”, “o cidadão de bem está preso em sua casa enquanto os bandidos estão soltos”, “CPF cancelado”. As materialidades recortadas integram o que seria a construção dessa identidade de “cidadão de bem” pela qual muitos sujeitos são atraídos e nela se reconhecem e assumem posições nos discursos. Tais conjuntos de enunciados reforçam a diferenciação valorativa entre ‘nós’ e ‘eles’ tanto discursivamente constituindo os sujeitos quanto resultando em práticas violentas e coniventes, como “linchamentos públicos, a conivência com as operações policiais homicidas e o forte apelo por armas de fogo para civis” (COSTA, 2021 p. 4).

Nota-se, novamente, o viés coletivo constituinte do corpo-mulher enquanto sujeito discursivo a partir da máquina-escrevente, pois os sistemas de dominação, traçados nas redes das relações de saber-poder, são responsáveis por estratificar as existências em ritmo designador de funções, de importância e de utilidade. Dessa forma, o corpo-insurgente é alinhavado por linhas de absoluta desterritorialização, estas que fazem implodir os segmentos identitários. É como apresenta as sequências enunciativas abaixo, destacadas do *slam DIA 9. 1ª MENSTRUAÇÃO*:

[...]
 dos saltos
 só conheço os que fazem voar
 tenho fúria muita
 e infâmia sem pesar

quando virei mocinha
 me queriam abas
 patas-fincadas
 mas sou ave rapina
 do anjo
 roubei as asas

Ave rapina, animal predatório e não presa. Os voos alçados pelo corpo-mulher adentram em zonas fronteiriças, num devir-mulher inaugurador de sensações, gestos e jeitos, gostos e outramentos. É pelo órgão-fêmeo que “a mulher se confunde com seu sexo e se reduz a ele, que marca sua função da família e seu lugar na sociedade” (PERROT, 2019, p. 64). Das entranhas que categoriza a mulher, revira-se o órgão mais característico (condição à objetivação do sujeito) acionando outras maneiras de fazer sangrar, pois “há algo que lateja pra além do útero”⁷². Os enunciados que se seguem, “e se eu não quiser casar?/ será eterna essa chaga/ de carregar o ventre livre/ e a carne viva?”, embalam a constituição de um sujeito que agita a representação do sexo feminino em sua caracterização de inacabamento e passividade, como pensado por Aristóteles e Freud, e suscita o que pode esse corpo para além da avidez e da frigidez. Esses dois polos contrários, como define Perrot (2019, p. 65), são, “no limite da histeria”, as necessidades infindáveis e, no oposto, a ausência de prazer próprias da construção do que seria a sexualidade das mulheres. Nota-se, portanto, que a compreensão acerca da sexualidade das mulheres se dá, sempre, em oposição ao homem e sua própria visão sobre o que considera objeto de estudo, um mistério a ser resolvido.

A história cantada a partir de Romão ganha outros contornos, uma vez que a perspectiva do útero atravessa a concepção masculinista de feminilidade e fabrica ineditismos com e a partir do corpo. Questiona-se o ideal de corpo aceitável e construído por dispositivos como o midiático, produtores de uma estética de si regulada pelo imperativo de corpos iguais e simétricos, sem marcas ou pelos, “quarenta de cintura/ trinta de quadril/ quantos suicídios/

⁷² DIA 10. 1ª MASTURBAÇÃO.

cabem numa fita métrica?”⁷³. Em contexto contemporâneo, a pressão pelo padrão estético inalcançável se acentua ainda mais no campo virtual e se alastra em como o sujeito se vê e percebe o mundo. Atualmente, o fenômeno dos filtros, espécie de edição de fotos e vídeos que circulam nas redes sociais, tem resultado em grave distorção de imagem, já que, sem o recurso, muitas pessoas não compartilhariam os mesmos conteúdos com outros internautas e nem se reconheceriam ao se olharem no espelho. Esse dispositivo de dismorfia corporal, como aqui chamaremos, é formado por uma série de discursos de beleza veiculados por publicidades, influenciadores digitais e até mesmo por elementos de outra ordem, de visibilidades, como sistema de dados e algoritmos que norteiam o que aparecerá para cada usuário. Esse dispositivo, assim como o dispositivo patriarcal, age de forma a modelar e a reforçar processos encarceradores de subjetividades que fujam ao pretendido.

Nesse ritmo, integram um complexo discursivo e de outras práticas que fortificam a ideia de corpos disponíveis, que agradam não somente aos olhos (questão de estética), mas que também são corpos dispostos a serem utilizados, pois são “provocativos” e “pedem” para serem invadidos. Assim, cultura do estupro segue sendo atualizada no campo social, refletindo na pele, o medo diário. “O corpo das mulheres está em perigo” (PERROT, 2019, p. 65). As vestes, o batom vermelho, o horário inapropriado, sem companhia, um gesto sedutor etc. São muitas as justificativas utilizadas para o que se concentra apenas na certeza do pertencimento, do corpo-mulher-objeto: “mais uma mulher na prateleira”⁷⁴. Os sujeitos que compactuam com esses discursos dão continuidade a um modo de violência que embora arcaico, segue sendo legitimado: “é velada/ a violência que irrompe/ o lacre o esqueleto o afeto/ é velada/ a palavra que faz do corpo/ mercadoria caixa barata”⁷⁵. É o que Schwarcz (2019, p. 192) descreve como a imbricação entre “ato criminoso e negação, silêncio, individual e coletivo”.

Assédio, importunação sexual e estupro são práticas cotidianas, a ponto de passado e presente se confundirem a cada instante. A exemplo, dados relativos a 2019, divulgados no *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*, mostram que a cada 2 minutos uma mulher sofre violência doméstica e, a cada 8 minutos, uma é vítima de estupro (FBSP, 2020). Outra pesquisa publicada em 2021, desenvolvida entre os anos de 2017 e 2020 pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em conjunto com o Fórum Brasileiro de Pesquisa de Segurança Pública (FBSP), evidencia que de 179.277 casos registrados de estupro contra crianças e adolescentes, 80% desse total é representado por meninas numa faixa etária de 10 a

⁷³ DIA 11. 1ª CULPA.

⁷⁴ DIA 14. 1º ASSÉDIO.

⁷⁵ DIA 14. 1º ASSÉDIO.

14 anos. O estudo ainda explica que além dos casos que não chegaram a ser registrados, o ano de 2020 apresentou uma queda sutil quando comparado aos demais, mas que provavelmente se deve ao período de rígido isolamento social, o qual pode ter dificultado as denúncias (subnotificação). É perceptível, portanto, como os corpos das mulheres, desde bem cedo, são reduzidos à objetificação e sucumbidos à disponibilidade de uso. Tudo, em razão de uma cultura que, “velada”, normaliza a disparidade de gênero e “funciona como uma segunda natureza”, cuja “inclusão no cotidiano é feita de muita construção política, social e humana” (SCHWARCZ, 2019, p. 189).

É nessa frequência que as engrenagens da máquina de fazer sangrar, impregnada pelos acontecimentos histórico-discursivos, se prepara para acionar as descontinuidades da história do Brasil, desvelando no domínio de memória pontos de esquecimento: “de quem eram os corpos?/ de quem somos a memória?”⁷⁶. Agitam-se os múltiplos fios dos tensionamentos, e o que atravessa esse sujeito discursivo produz alterações análogas aos efeitos do ciclo menstrual: ocasionam mudanças no corpo, seus sentidos, dores, inquietação, inchaço, *DIA 17. CÓLICA, DIA 18. NÁUSEA, DIA 19. FEBRE, DIA 20. FADIGA, DIA 21. VERTIGEM*; alterações que anunciam a futura descamação do endométrio, a menstruação. Na *TENSÃO PRÉ-MENSTRUAL*, terceiro capítulo de *Sangria*, *DIA 18. NÁUSEA* e *DIA 19. FEBRE* são sintomas advindos dos esquecimentos em favor do protagonismo masculino atrofiado nas narrativas únicas, “uma amnésia com gosto de mulher”⁷⁷.

⁷⁶ DIA 18. NÁUSEA.

⁷⁷ DIA 18. NÁUSEA.

CAPÍTULO 3_ TENSÃO PRÉ-MENSTRUAL

DIA 18. NÁUSEA

atravesse seu deserto
poderia ser um mantra hindu
um slogan motivacional
uma frase de cartão postal
mas não é

só fui ter dentes aos quatro
daí aprendi a babar
quando tinha medo
você sabe quantas vezes
uma mulher imagina o corte?
especialistas discutem o verbo infibular
canonizam a violação como maior ato de
barbárie
mas alguém se lembrou de quitéria?
o depoimento de olga benário apodrece
num campo de concentração qualquer

decoremos
a fala é inerente a todos os animais
a capacidade de escuta, não
(isso poderia ser uma tese de doutorado
mas escrevo melhor cartazes de rua)

a guerra do paraguai um massacre
cangaceiros em greve
carpideiras em extinção
uma amnésia com gosto de mulher
de quem eram os corpos?
de quem somos a memória?
tentei vomitar
mas faltou convicção
até pra indigestão é preciso habilidade

Figura 13: DIA 18. NÁUSEA.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

Joana d’Arc, Olga Benário, Maria Quitéria de Jesus - baiana, combatente da Guerra da Independência do Brasil -, carpideiras, enfermeiras, soldadas, esposas, costureiras, vivandeiras etc. Quantas mais se perderam pelo apagamento? Quitéria, por exemplo, faleceu no anonimato em 1853, e só após completar 100 anos de sua morte, seu nome entrou para o *Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro* como patrona. Em um salto temporal, já em 2018, foi incluída no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*, em Brasília. Os contrastes na máquina-escrita podem ser vistos como as contradições presentes nos fatos humanos e em sua relação com as coisas do mundo. A ideia de uma história única não é capaz de comportar a importância dos desvios. No que se refere às mulheres, “a insaciável ‘vontade de saber’ o sexo, fundamento da identidade e da história dos seres”, identifica-as “com o seu sexo, que a absorve e a impregna completamente” (PERROT, 2019, p. 64, grifo da autora).

Assim, limitam-se suas experiências e fixam-lhes posição figurante ou, na melhor das situações, coadjuvante. Pouco difere se protagonizaram grandes feitos ou se se tornaram estatística, pois para o que permanece contínuo, as estruturas patriarcais prolongam o universalismo masculino e fortificam sua posição de benfeitor. Ao contrário da posição de conforto, a questão: “Você sabe quantas vezes/ uma mulher imagina o corte?”. O corte, fundo na pele e na demanda por subjetividades moduláveis, é previsto desde seus primeiros passos, uma vez que a construção performativa de gênero, associada à característica biológica e à concepção de um sexo feminino, atrai a ideia de que devem ser protegidas, guiadas, instruídas, passivas e, por fim, dominadas. O domínio sobre as mulheres é exercido em muitas configurações - agenciamentos como familiar, conjugal, religioso, profissional, político -.

Anteriormente, tentamos tecer sobre algumas dessas configurações percorrendo certos pontos da história descontínua para que fosse possível entender de que formas esse corpo foi sendo modulado e ainda segue sendo atualizado no cotidiano. Contudo, o fazer sangrar que emerge do livro-calendário, em movimento de desterritorialização, faz agitar as continuidades lacerantes e o silêncio ensurdecido das incontáveis mulheres que tiveram suas vidas ceifadas e lembranças apagadas: “de quem somos a memória?”. O sujeito discursivo que irrompe de *Sangria* é constituído pela memória coletiva: mulheres-multiplicidade, “mulheres em gesto e ação” (ROMÃO, 2015, p. 22), e que integram o que corresponde a um massacre contra esses corpos. O enunciado que levanta o questionamento “de quem eram os corpos?” dialoga diretamente com os que emergem em *DIA 19. FEBRE*.

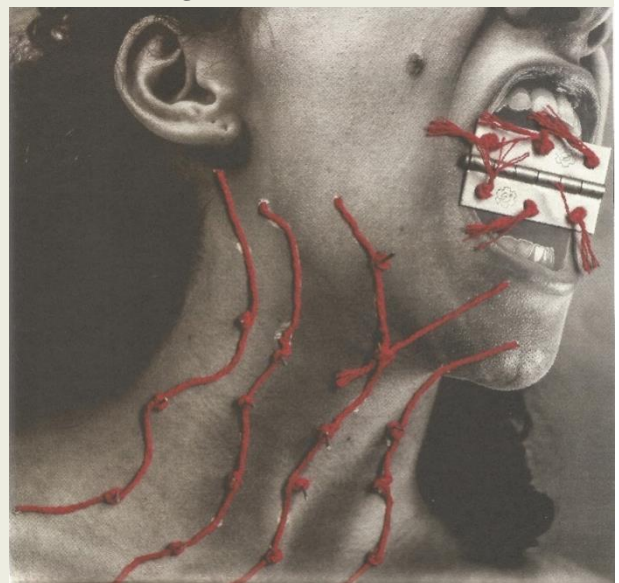
DIA 19. FEBRE

carne viva
em terra quente
carne quente
enterrada viva

antígona ao contrário

de cada desaparecida
desenterrar
os ossos
o nome
o algoz

Figura 14: DIA 19. FEBRE.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

De acordo com o *Atlas da Violência 2021*, somam-se aos 3.737 casos registros de vítimas de feminicídio, em 2019, as Mortes Violentas por Causa Indeterminada (MVCI), que atingiram um número expressivo de 3.756 mulheres no mesmo ano (CERQUEIRA *et al.* 2021). Ainda conforme o documento, há divergências concernentes às oscilações das taxas de feminicídio encontradas no próprio *Atlas* e no *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*. O primeiro indica que este crime diminuiu 10,2% entre os anos de 2018 e 2019, enquanto o *Anuário* aponta para o aumento de 7,1%. Essa discrepância pode estar relacionada ao fato de o próprio sistema de saúde colaborar para a subnotificação de homicídios, que passam despercebidos como MVCI. Outro agravante diz respeito aos registros de violência doméstica, que atrelados ao salto de 10,6% dos casos de feminicídio dentro das residências, indicam corresponde aumento. Desse modo, é visível que as estatísticas divulgadas são indicadores variáveis, que representam números baixos em relação ao que de fato acontece todos os dias.

As causas e os efeitos da subnotificação das vítimas não se devem restritamente à não denúncia dos casos de agressão ou de violência letal, mas também a uma questão burocrática e clínica: a *Lei do Feminicídio* (13.104/2015) não está inserida nas categorias dos atestados de óbito do sistema de saúde, “uma vez que a tipificação legal é de responsabilidade das instituições do sistema de justiça criminal” (CERQUEIRA *et al.* 2021, p. 41). Essas informações nos ajudam a perceber como no campo das instituições, a falibilidade nos processos oficiais de tipificação legal interfere largamente na catalogação da violência contra a mulher e na circulação de informações que realmente busquem transparência e alertem a gravidade do que vem se estendendo a cada ano. A memória das mulheres vitimadas pela violência letal ou marcadas pelas diferentes estratégias sexistas segue tendo sua proliferação dificultada, seja entre os próprios sujeitos ou partindo de setores reguladores.

Dessarte, “carne quente/ enterrada vida” denuncia o apagamento das existências e o silenciamento em vida e póstumo das mulheres assassinadas; “antígona ao contrário”, sequência enunciativa que recupera a tragédia grega de 442 a.C, do dramaturgo Sófocles. Antígona, protagonista de nome homônimo ao da peça teatral, arrisca-se em busca de honrarias e sepultamento de seu irmão, Polinice. Mediante associação, estratégia empregada por Romão em conjunto com os jogos de enunciados, o poema recupera a memória dos corpos desaparecidos que não puderam ser devidamente sepultados e, também, daqueles que, por algum motivo, não chegaram a ter sua causa efetivamente atribuída, designadas apenas como Mortes Violentas por Causa Indeterminada (MVCI). A ausência de procedimentos socialmente instituídos desvela a precariedade de políticas públicas de qualidade e de medidas governamentais que seriam responsáveis pelo processo de identificação e registro adequados

dos óbitos. Logo, a tragédia grega se dá às avessas, pois enquanto Antígona luta para preservar a lembrança de seu irmão e manter as tradições no sepultamento - momento socialmente compreendido como final, de despedida -, em contexto recente, os meios formais e processuais parecem corroborar o esquecimento e a falta de dignidade.

Por seu turno, chamamos atenção às linhas pontilhadas que percorrem a Figura 13 e ganham mais consistência na passagem para a outra imagem, ao passo que a fotografia é capturada de forma a contemplar parte do rosto. Na Figura 14, a expressão facial acompanhada pela dobradiça costurada entremeio aos dentes pode ser lida tanto como a interdição da denúncia, a voz inaudível - “a fala é inerente a todos os animais/ a capacidade de escuta, não”⁷⁸, quanto da iminência do desprendimento, a aproximação do levante. A segunda análise da materialidade visual se aproxima do último verso de *DIA 19. FEBRE*: “de cada desaparecida/ desenterrar/ os ossos/ o nome/ o algoz”, pois o movimento de “desenterrar” o que causou o óbito implica remexer o atestado inerte em busca do algoz. Recuperar a memória de mulheres desaparecidas é prática de resistência constante, pois tende a atualizar as estratégias em meio às relações de poder: revira os estratos, da denúncia à convocação por justiça.

Retrato do que tecemos é o assassinato de Marielle Franco, política e socióloga brasileira, nascida no Rio de Janeiro (1979) e criada no Complexo da Maré, que foi executada a tiros no dia 14 de março de 2018 em uma emboscada, no mesmo município. Ativista de direitos humanos, Marielle foi presidenta da *Comissão da Mulher*, na Câmara do Rio de Janeiro, e membra da comissão que investigava os abusos das Forças Armadas e policiais na área da Segurança Pública. Sua atuação se dava em favor da cidadania mediante uma política ativa e coletiva, amparada nos estudos sobre interseccionalidade. É o que a Deputada Estadual Mônica Francisco observa: “Não se trata de política identitária, mas da classe trabalhadora com seus vários recortes, que tem que ser vista à luz da interseccionalidade. A classe trabalhadora é preta e parda, pobre, nordestina, é feminina majoritariamente. O que a gente está dizendo é que a violação tem cor, tem gênero” (BARDANACHVILI, 2021, n.p.). A voz de Marielle, que defendia a urgência por uma prática efetiva que alcançasse todos os espaços, produzia ressonâncias tamanhas a ponto de ter sido vítima de um atentado que também ceifou a vida de Anderson Pedro Gomes, motorista que a acompanhava.

O crime político teve e ainda tem ampla repercussão, mas ainda em 2022, não se sabe quem mandou matá-la. Contudo, a política interventiva de Marielle continua a fabricar novas tecituras, como ela mesma afirma em seu pronunciamento na Câmara dos Vereadores sobre o

⁷⁸ DIA 18. NÁUSEA.

Dia Internacional da Mulher, “As rosas da resistência nascem do asfalto”. A sequência enunciativa que circulou em diferentes suportes após o ataque letal, marca o posicionamento de um sujeito que provoca inversões dentro de esferas estrategicamente enrijecidas e que, por esse motivo, teve sua morte encomendada. De 2018 para cá, “as rosas da resistência” continuaram a insurgir, a se alastrar feito rizoma, ainda que empurradas ao silêncio. “Ela virou símbolo da luta das minorias por um Brasil mais cidadão e inclusivo” (SCHWARCZ, 2019, p. 181). “Desenterrar o algoz” é, portanto, olhar criticamente o presente como produzido por acontecimentos que não se dão ao acaso. Não se trata de um fazer justiça que se encerra ao definir de que maneira vidas foram tomadas e responsabilizar a autoria dos crimes. É, antes, entender como essa violência ainda encontra condições de possibilidade, hoje e como se mantém endereçada à parte da população, esta alocada à margem.

E é nesse sentido que caminha a escrita romaniana, porque olhar para o passado também é fazer desvios, movimento zigue-zague com as atualidades. Não por acaso, o *CAPÍTULO 4_CORTE* está disposto em 4 pílulas. As pílulas substituem os dias em efeito de interrupção de nascituras, de possíveis transformações, tal qual a reação do uso do método contraceptivo emergencial. Os cortes configuram processos criativos de constatação, visto que articulam os acontecimentos do passado, suas estratégias, discursos e práticas, agora, em contexto político recente. *PÍLULA 1 (DIA 1º DE SETEMBRO)*, *PÍLULA 2 (DIA 13 DE MARÇO DE 2015)* e *PÍLULA 3 (DIA 18 DE ABRIL DE 2016)* são reservadas aos contrastes na política em período específico, quando formações discursivas autoritárias e misóginas se tornaram o esteio principal de condutas antidemocráticas. A última, *PÍLULA 4 (DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2017)*, articula diferentes configurações da linguagem, incluindo transcrição fonética e jogos de palavras instaurados mediante o emprego das línguas portuguesa e inglesa.

CAPÍTULO 4_ CORTE

PÍLULA 4 (DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2017)

"Dona Marisa, ex-primeira dama, morre em SP"
(Gl.globo)

"Estilo de vida que valoriza aconchego e
simplicidade é moda no Reino Unido"
(Jornal Hoje)

desde o começo foi uma questão de grafia
como se a língua
my motherland is my tongue
não suportasse a inversão vocálica
o toque suave no palato mole
o deslizar triste por entre dentes
da letra "a"

sorry
/ei/

desde o começo foi uma questão de falar correto
perfect accent perfect grammar
uma questão de whisky — book on the table
or vermouth carpano punt

desde o começo foi uma questão de verbete
de rigor acadêmico uma questão de classe
semântica
(of course)

after all como deixar uma mulher comandar o país
se "presidentA" não existe?

Figura 15: PÍLULA 4 (DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2017).



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

A dança verbal e sonora também aparece na Figura 15, representada pelas linhas vermelhas, nós e elementos ferrosos, também embalados pelo ritmo da ironia, da crítica e da denúncia. A linguagem, artifício poético-criativo, é agora confrontada: “como se a língua [...] não suportasse a inversão vocálica”. A alternância vocálica tão questionada desde a candidatura da ex-Presidenta Dilma Vana Rousseff, manteve-se acentuada e em repercussão mesmo quando foi eleita e assumiu o governo do país em 2011 e em 2014, período em que foi reeleita. A ideia de que “‘presidentA’ não existe” adquiriu função enunciativa e foi assumida por uma parcela da população, a qual ocupara lugar de oposição. Contudo, a ‘estranheza’ atestada à flexão do substantivo em sua forma feminina pouco se relaciona a uma questão gramatical, de formação e estrutura das palavras; mas sim, a efeitos de um contexto sócio-histórico e culturalmente produzido, erguido pelo por formações discursivas patriarcais. A negação de que o substantivo feminino não é aceitável advém, portanto, de estratégias discursivas que impugnam lugares de visibilidade e prestígio assumidos por mulheres.

No que concerne à ex-Presidenta Dilma, não se tratava de colocar em pauta a sua competência, como é usual debater sobre a condução de políticos e governantes, mas de negar sua atuação ou de reduzi-la à incapacidade de gerir, exclusivamente por ser mulher: “after all como deixar uma mulher comandar o país”?. É nesse enredo sustentado por um aparato misógino, que o discurso da loucura também ganha lugar, como é possível analisar a partir das manchetes veiculadas pela *Revista e site IstoÉ* “As explosões nervosas da presidente”/ “Uma presidente fora de si”⁷⁹. A histeria atribuída às mulheres atravessa os séculos, fazendo-se atual mediante reproduções e atualizações de enunciados e performances reproduzidas dentro da concepção de gênero heterossexual dualista. A emergência e a circulação de sequências enunciativas como essas soaram decisivas para que, colocada em dúvida sua capacidade de governar, Dilma fosse destituída do cargo no dia 31 de agosto de 2016.

Dentre os artifícios poéticos e estéticos, a mescla entre as línguas portuguesa e inglesa, como em “book on the table”, proporciona a leitura de uma dependência seguida de conformidade a partir de interesses econômicos que, arrastando-se no tempo, coloca o Brasil em posição de subserviência. Tamanha é a influência, que a ideia de uma brasilidade contemporânea não se distancia da constante interferência de expressões estrangeiras, as quais acabam ocupando lugar de prestígio por serem vistas como sinônimo de avanço em detrimento das línguas indígenas destas terras, por exemplo. Para além de aspectos linguísticos, há real interferência dos Estados Unidos, especificamente do Departamento de Justiça dos Estados Unidos (DOJ), no processo que destituiu a ex-Presidenta do Brasil e nas investigações da *Lava Jato*, como evidencia Mark Weisbrot, co-diretor do Centro de Pesquisa Econômica e Política em Washington, em entrevista à *Revista CartaCapital*⁸⁰.

A leitura uterina da história cantada em *PÍLULA 4* também lança luz ao dia 04 DE FEVEREIRO DE 2017, quando falece Dona Marisa Letícia, ex-Primeira Dama e esposa do ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Em meio ao luto da perda, o período também produzira indiferença a ponto de se tornar piada entre opositores e os próprios procuradores da *Operação Lava Jato*. Mensagens vazadas pelo *site The Intercept Brasil* revelaram que a causa da morte de Dona Marisa Letícia se tornou pauta sob tom satírico entre os procuradores da *Operação*, que discordavam da ida de Lula ao sepultamento da esposa: "Só falta dizer que a Lava Jato

⁷⁹ Ver mais em: https://istoe.com.br/edicao/894_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁸⁰ Ver mais em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/sem-trump-colaboracao-antidemocratica-dos-EUA-com-governos-de-direita-deve-acabar-diz-mark-weisbrot/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

implantou 10 anos atrás um aneurisma na cabeça da mulher"⁸¹. O que se observa são regularidades que perpassam formações discursivas excludentes e sexistas. No âmbito político, majoritariamente ocupado por homens⁸², quando mulheres são eleitas, é como se aguçasse ainda mais os pontos de tensão entre as categorias de gênero, pois ocupar esses lugares de prestígio e privilégio masculino, significa mobilizar resistências, disseminar outras posturas e olhares a partir de lugares historicamente excludentes.

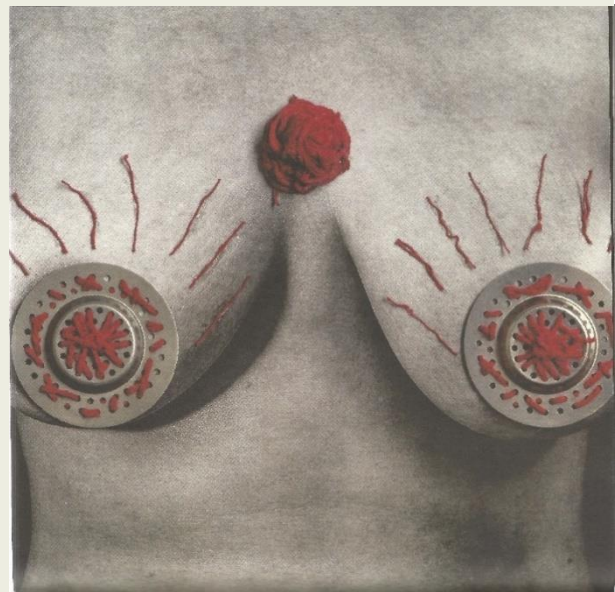
CAPÍTULO 5_ OVULAÇÃO

DIA 26. PERÍODO FÉRTIL (2002-2016)

mas as contrações
foram mais fortes
que as contrações

do lado esquerdo
o ovário atrofiou

Figura 16: DIA 26. PERÍODO FÉRTIL (2002-2016).



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

Assim, *DIA 26. PERÍODO FÉRTIL (2002-2016)* encerra um período do ciclo da máquina de fazer sangrar, leitura deste tempo mais próximo por uma perspectiva à “contrapelo”⁸³. As manifestações contra os governos vigentes marcam a fratura da democracia a partir do processo de *impeachment* que afastou determinadamente a ex-Presidenta do Brasil,

⁸¹ Ver mais em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/morte-de-marisa-leticia-virou-piada-entre-procuradores-da-lava-jato/>. Acesso em 10 jan. 2022.

⁸² Em nota, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) comemora o aumento de mulheres eleitas no processo eleitoral de 2021. Os dados revelam aumento no número de vereadoras escolhidas em comparação ao processo de 2016: de 13,5% para 19,2% de vereadoras eleitas no ano de 2021. Por sua vez, no âmbito municipal, 12% dos postos foram ocupados por mulheres, enquanto em 2016 esse número estava em 11,5%. Ver mais em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/janeiro/governo-comemora-aumento-da-representatividade-feminina-na-politica#:~:text=No%20processo%20eleitoral%20de%202016,e%20neste%20ano%2C%2012%25>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁸³ PÍLULA 3 (DIA 18 DE ABRIL DE 2016).

em 2016. “As contratações” momentaneamente mais fortes que as inversões, seguiram para o que define a sequência enunciativa: “do lado esquerdo/ o ovário atrofiou”. Em diálogo com o poema, a Figura 16 é imagem composta por linhas vermelhas e duas placas circulares de metal costuradas aos seios. Fios cortados e separados estão dispostos lado a lado ao redor da parte superior dos círculos e, entre os seios, no corpo do esterno, um pequeno novelo. A dualidade presente na arte visual é a expressão de um país dividido e que, em razão de múltiplas estratégias, tende a adotar mais firmemente a postura do tempo d’antes. A mudança de cena da conjuntura política funciona como um abruço abafamento das muitas lutas por uma política mais inclusiva, ativa e para toda a população. Em contrapartida, as “contrações” que cessam em *DIA 26* dão lugar à *DIA 27. SANGRIA*.

CAPÍTULO 6_MENSTRUACÃO

DIA 27. SANGRIA

ventosas na coluna vertebral

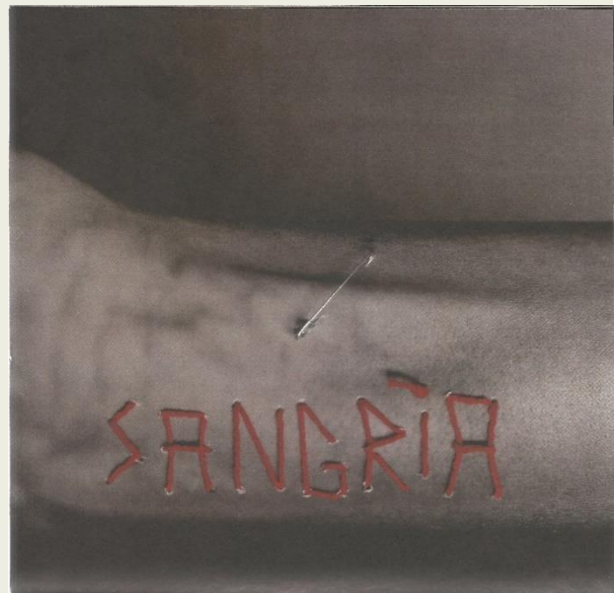
para hipócrates
tudo era uma questão de humor
o fígado vertendo em bile
aquilo que foi soco
que foi baixa-a-cabeça
tanque-louça-colchão

não
não quero "limpar as veias"
vá embora com seu bisturi
luvas brancas cortando o mapa
joão baptista de larcerda
construindo a europa aqui

café ouro borracha
ciclos dentro e fora de mim
sanguessugas de cartola inglesa
mamando-me até o fim

sou a terra que absorve a seiva
a barragem prestes a eclodir
SEI SANGRAR POR MIM MESMA
meu útero é uma bomba
e não precisa de fósforo
para explodir

Figura 17: DIA 27. SANGRIA.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

Compreendemos o último período do ciclo que empreende o livro-calendário, como o levante que propõe a história contada e cantada à luz do útero. O percurso que optamos por seguir, sem dúvida, poderia ter sido outro, visto que cartografar é um método-estratégia construído sob influência da subjetividade do sujeito em posição de analista. Por outro lado,

afirmamos que, com a rica materialidade que compõe o *Projeto Sangria* em seu todo (Trabalho fotográfico e artístico, Literatura, *Poetry Slam* e *websérie*), dificilmente conseguir-se-ia cartografar discursos, dispositivos, agenciamentos, linhas de fuga e práticas de resistência, sem atentar-se às transformações histórico-políticas. O sujeito analisado, corpo-mulher que designamos *corpo-mulher-coletivo*, jamais poderia ser apolítico ou neutro. Neutralidade não cabe em *Sangria*. Para a análise do Brasil que somos hoje e dos corpos que nele e dele existem, há um coletivo diverso de vozes e memória que se inscrevem em cada corpo, o qual é político, discursivo, social e cultural.

Sob esse apontamento, reiteramos que os discursos de denúncia que emergem dos enunciados analisados não se bastam. Esses discursos e práticas atravessados pela repressão e pelo massacre são denunciados e, ao mesmo tempo, marcam a posição de resistência adotada pelo sujeito discursivo. Em *DIA 27*, a negação do “que foi baixa-a-cabeça/ tanque-louça-colchão”, das funções e lugares destinados às mulheres, trata de apontar para outros modos de existência. E é isso que vemos em *Sangria*. É preciso revirar os domínios de memória, “café ouro borracha/ ciclos dentro e fora de mim”, para acionar processos de dessubjetivação de sujeitos lançados a performar códigos e padrões estigmatizados alocados à perspectiva de gênero. A proposta de Foucault (2010, p. 291) sobre instaurar dessubjetivações tem a ver com o deslocamento do sujeito ao passo que seja possível arrancá-lo de si próprio, “de fazer com que não seja mais ele próprio ou que seja levado a seu aniquilamento ou à sua dissolução”, como explica em referência à experiência em Nietzsche, Blanchot e Bataille. O ‘desmanchar-se’ do sujeito leva-o ao limite, podendo desencadear seu abandono total. Milanez (2021, p. 23) considera que esse processo do sujeito sobre si pode tanto agir em função de se construir diferente e ressubjetivar-se depois, como ser levado ao seu próprio extermínio ao dessingularizar-se em vias de se tornar “sem eco social produtivo”.

Tomemos, então, a lógica dessa noção como a possibilidade de arrancar o sujeito de si e de, em embate posterior, ressubjetivar-se em condições novidadeiras. Aqui, propomos uma aproximação cautelosa entre a noção foucaultiana, tomando o princípio de apagamento do indivíduo em razão dos processos de subjetivação e as variações que deles ramificam, e o conceito de devir-mulher, a partir da filosofia deleuzo-guattariana. O último, tão importante para este estudo e que, não por acaso, intitula esta seção, compreende o contágio: “nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma microfeminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 71).

A mulher molecular surge na fronteira, e não produz outra coisa que não ela própria. A ideia de um devir-mulher que atravessa e faz fugir não tem a ver com uma identidade mulher desviante ou assumir uma identidade mulher afirmando-se molar. Entrar em zonas de contágio e devir-mulher se aproxima da desterritorialização molecular que toma o corpo por inteiro e passa *entre* as estratificações e as formas de existência do ‘ser-mulher’ organizado e escandido conforme o sistema traçado pela linha molar, despontado do modelo de homem universal. Daí o que Deleuze e Guattari (2012b, p. 33) afirmam acerca do “particular poder de introdução” do devir-mulher sobre os outros devires, pois se todos eles são minoritários, moleculares, são atravessados pela vontade de potência própria ao devir-mulher.

A fronteira em *Sangria* é a experiência-limite onde as possibilidades criativas se fazem presentes. O que constitui a fronteira é o limiar entre passado|presente e presente|passado em batimento, como as contrações uterinas que anunciam o movimento, nunca o estático. No contraste das linhas que costuram o sujeito-mulher, a força da linha de fuga explode os segmentos e dá lugar ao devir-mulher, acentuando sua potência. Ser a “terra que absorve a seiva/ a barragem prestes a eclodir” é olhar e gesto do sujeito para consigo mesmo: a iminência do novo. Ao contrário de afirmar-se nesta ou naquela posição, fincando suas experiências em lugares identitários, o sujeito que emerge da máquina de fazer sangrar adverte: “SEI SANGRAR POR MIM MESMA/ meu útero é uma bomba/ e não precisa de fósforo/ para explodir”. Assim, desloca-se a sangria proveniente da violência e da repressão ao *fazer sangrar* enquanto prática emancipatória que não se limita a anunciar o que se deve ser, fazer ou qual posição ocupar, mas que funciona a reiterar que aquele corpo pode por si mesmo. Desloca-se do dualismo limitador e designador de funções que caracteriza o corpo-mulher e designa processos de subjetivação esperáveis. O que a máquina de fazer sangrar propõe é rachar o instituído e criar para si outras existências, recuperando o corpo surrupiado.

É que a questão não é, ou não é apenas, a do organismo, da história e do sujeito de enunciação que opõem o masculino e o feminino nas grandes máquinas duais. A questão é primeiro a do corpo — o corpo que nos roubam para fabricar organismos oponíveis. Ora, é à menina, primeiro, que se rouba esse corpo: pare de se comportar assim, você não é mais uma menininha, você não é um moleque, etc. É à menina, primeiro, que se rouba seu devir para impor-lhe uma história, ou uma pré-história. A vez do menino vem em seguida, mas é lhe mostrando o exemplo da menina, indicando-lhe a menina como objeto de seu desejo, que fabricamos para ele, por sua vez, um organismo oposto, uma história dominante. A menina é a primeira vítima, mas ela deve também servir de exemplo e de cilada. É por isso que, inversamente, a reconstrução do corpo como Corpo sem órgãos, o anorganismo do corpo, é inseparável de um devir-mulher ou da produção de uma mulher molecular. (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 72-73).

O que Deleuze e Guattari (2012b) colocam sobre o corpo-organismo muito se aproxima do que tecemos acerca da constituição desse sujeito discursivo a partir dos acontecimentos, pois quando afirmamos que os agenciamentos, os dispositivos e os fluxos molares que o atravessa estrategicamente capturam e produzem lugares de sujeito possíveis em dada racionalidade histórica, também se faz preciso ponderar sobre como são atualizáveis os processos de assujeitamento. É aí que se encontra a possibilidade de produzir “invenções de subjetividade”, como propõe Rago (2013), e fazer escapar produções de singularidades em meio às falhas dos moldes que tanto agem para formatar padronizadas posições para esse sujeito. Descolonizar as subjetividades: esse movimento é mais intensamente percebido no último *slam*-poema de *Sangria*, intitulado *DIA 28. LÚTEA*.

DIA 28. LÚTEA

ele diz que tem medo
já eu adoro cair
chão acolhe mais do que casa
abismo está dentro da gente
só se aprende a andar
aos tropeços

me sinto como uma menina de dois anos
que mal para sobre as pernas
estar de pé é resistir à gravidade
das coisas dos fatos
do próprio peso

se caiu palmares caiu bizâncio
caiu a bastilha
porque não cairia eu
se caiu as torres gêmeas
a ditadura, o muro de berlim
porque não haveria de cair
esse maldito sistema

faremos o levante
sobre as ruínas do velho mundo
eternidade é só para os deuses

a noite precisa desabar para o sol nascer

paredes se desfazem mês a mês
a hemorragia se torna alívio
e bandeira

se meu mundo cair
farei uma festa
se meu mundo cair
é sinal da revolução

então
quando vires meu contorno

Figura 18: DIA 28. LÚTEA.



Fonte: Fotografia por Sérgio Silva, digitalizada a partir de Romão (2017, n.p.).

estendido no chão
comemorem

nossa utopia não é mais ficção

O corpo “que mal para sobre as pernas” é efeito das muitas movências e atualizações que passam tanto o sujeito quanto o contexto a sua volta. Novamente, a sangria é retomada, agora, em sentido de alívio e marca: “paredes se desfazem mês a mês/ a hemorragia se torna alívio/ e bandeira”. O registro do fazer sangrar em forma de bandeira é a resignificação de vidas e corpos violados, pois, noutra olhar, a “hemorragia” será a face do “levante” após rachar com as velhas pavimentações que insistem em se fazerem novas e soterrarem as nascituras (“faremos o levante/ sobre as ruínas do velho mundo”). O sangue adquire outros significados por meio da linguagem, e o corpo-mulher, outras possibilidades, aguçadas pelo contágio e “atravessando de fora a fora as máquinas duais” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 73, adaptado). Assim, o devir-mulher, vetor de força poética na literatura de Romão, também funciona como prática de resistência a partir do momento que o sujeito se abre aos deslocamentos e às fissuras. O devir-mulher que atravessa o sujeito discursivo é este que anseia pelo inacabamento, para que vidas futuras sejam realidade. A máquina de fazer sangrar está, pois, impregnada por fluxos desterritorializantes, por onde passam as linhas de fuga traçando para outros modos e técnicas de si.

A partir da sequência enunciativa “eternidade é só para os deuses”, é reiterada a possibilidade de alterar o cenário cantado, pois esse também não é eterno, em razão da alternância de posições e das irregularidades que inserem os sujeitos nos códigos, nas performances e no contexto social, funcionando como “gêrmens da insurreição”⁸⁴. Desconstruir as subjetividades colonizadas é trabalho árduo, pois as estratégias de fuga são constantemente incorporadas pelos fluxos molares. É então que encontramos os devires como estratégias de resistência, pois frutificam variações e potencializam os afectos. Nesse sentido, concordamos com Butler (2020, p. 69, *grifo da autora*) quando vê na afirmação de Beauvoir, especificamente em “*tornar-se* mulher”, a atuação do devir, “um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a invenções e resignificações.” Desse modo, o caráter estratégico pode agir como ferramenta propulsora da diferença dentro dos movimentos feministas.

Quando pensamos em uma teoria feminista crítica e ativa, que movimente as estreficações sem se tornar também um projeto identitário e estruturante, é porque acreditamos

⁸⁴ DIA 2. DATA DE NASCIMENTO.

que as perspectivas feministas, especialmente estas mais recentes, decoloniais, podem ser portas ‘de saída’, e não ‘de entrada’, para as transformações. Os movimentos feministas podem sim, ampliar suas potências em ritmo emancipatório, mas distanciando-se da necessidade de presumir uma identidade para ‘mulheres’, instaurando “[...] uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político” (BUTLER, 2020, p. 25, adaptado). Só assim “a ideia de ‘representação’ fará realmente sentido para o feminismo”⁸⁵. Olhar para o corpo-mulher-coletivo entendendo-o como construção em movimento, como vontade de potência que flui em busca de desfuncionalizá-lo e criar para si um Corpo sem Órgãos; de extrair das formas que se têm e do sujeito que se é, intensidades produtoras de singularidades.

Assim, *Sangria* se materializa como um projeto artista que propõe a leitura e a análise da história do Brasil por meio de ciclos de ordem econômica e biológica que se costuram, fundem-se para narrar ao mesmo tempo, as experiências da categoria mulher, a qual também é costurada em um profundo projeto fálico de controle dos corpos. Mas é também manifestação, ou melhor, uma *Declaração devir-mulher* onde práticas de resistência se alastram em sentidos novidadeiros. A “revolução” entoada pelo sujeito discursivo é a fratura no país de tempos passados e de agora, que só será possível por meio de uma microfeminilidade, uma “política feminina molecular” que suscite a produção da diferença e rache com a máquina binária (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 71).

Dessa maneira, a máquina de fazer sangrar pode ser entendida também como uma convocação para a “lútea”/luta, pois aponta as estratégias de poder que produzem e que buscam assegurar a cristalização das posições de sujeito, regulando condutas e garantindo a manutenção da disciplina dos corpos de acordo com uma ordem discursiva vigente; ao mesmo tempo que suscita a conversão do olhar do sujeito-leitor para sua constituição e atuação no espaço social, com a possibilidade de também ser atravessado, contagiado por um devir-menor capaz de arrastá-lo para experimentações inauguradoras de subjetividade e, portanto, integrar movimentos coletivos de transformação social.

⁸⁵ Ibid., loc. cit.

CONDISERAÇÕES FINAIS: *mulheres em gesto e ação*

No início deste estudo, as primeiras considerações aparecem acompanhadas do recorte enunciativo “meninas em gestação de ser mulher” e, neste último momento, “mulheres em gesto e ação”. Essas sequências, materializadas em *Coquetel Motolove*, de Luiza Romão (2015, p. 22), foram escolhidas porque compreendem as experiências das mulheres desde sua gestação: a gestação-menina que prepara e molda, ao longo do tempo, as primeiras prescrições, os modos, a conduta enviesada por performances que devem ser repetidas e que se ligam à construção de gênero e sexo femininos. Ao mesmo tempo, as fases finais da gestação podem ser lidas, por um lado, como a conduta disciplinada dessas performances e a apropriação de normas regulatórias dentro do “regime da heterossexualidade [que] atua para circunscrever e contornar a ‘materialidade’ do sexo” (BUTLER, 2019, p. 218), em “gesto e ação”; e por outro, como as possibilidades de si, também em forma de “gesto e ação”, pois significa produzir singularidades nos processos de subjetivação do sujeito, mediante dessubjetivações e ‘invenções de subjetividade’ (RAGO, 2013).

Assim, quando delineamos nossos apontamentos teóricos e analíticos partindo do que entendemos como *Máquina de fazer sangrar*, no Capítulo 1, até a formulação de uma *Declaração devir-mulher*, no Capítulo 3, é porque lemos *Sangria* (2017) como corte. O corte que atravessa as formações que funcionam como um invólucro enclausurador das existências das mulheres, fixando-lhes identidades definidas e que respondem às prescrições estabelecidas dentro de uma concepção dualista de gênero. É corte que faz sangrar as estratificações e as identidades certificadoras atribuídas ao sujeito-mulher e que banha o solo, tornando-o fértil e propício para os nascimentos de subjetividades outras, mediante a criação de frestas e linhas moleculares. Sobre a estética do corte, *Sangria* canta|conta a história do presente mobilizando a linguagem e as continuidades e descontinuidades dos acontecimentos em movimento de zigue-zague que, assim como os cordões vermelhos, vão costurando os enunciados que irrompem dos *slams*-poemas. Um movimento inaugurador de efeitos de sentido.

Os discursos que se materializam nos *DIAS* da sangria se tocam e se vergam diante dos tensionamentos da trama discursiva. Assim, tal rede é possível de ser analisada mediante os nós, pontos em que se acumulam e se encontram os dispositivos e seus elementos, agenciamentos, regimes de verdade e domínios de memória. É assim que percorremos, em gesto cartográfico, alguns desses fios e entrelaçamentos que fiam as mulheres em posição de sujeito discursivo. Se em muitos momentos nos demoramos nas práticas violentas que interferem profundamente nas experiências e na própria vida das mulheres (questão de estar viva), é em vista da forte cristalização e reprodução de discursos e práticas não discursivas que ainda

encontram condições de possibilidade para confrontar e incorporar subjetividades destoantes do ideal de mulher, “pequena, pacata, passiva” (ROMÃO, 2015 p. 13).

Dos dispositivos que emergem da materialidade-calendário (a exemplo, os dispositivos clínico, penal e religioso que guardam os corpos das mulheres para funcionarem como receptáculos, mas que inversamente lhes são destrutivos, seja por meio da ausência de políticas públicas ou por uma ordem discursiva que tutela esses corpos), o dispositivo que depreendemos como colonial é o enlace de muitos elementos atualizados no zigue-zague da história. Esse tipo de dispositivo irrompe dos poemas ao recuperar a memória de práticas invasoras e saqueadoras no corpo-Brasil-território e, de maneira análoga, no corpo-mulher enquanto território onde se “plantam bandeiras”⁸⁶, tomando-o como objeto de propriedade e penetrando-o “com a fúria de um minerador hispânico”⁸⁷.

Inseridas nas relações de poder, essas forças de dominação são acessadas pela perspectiva à contrapelo: de útero, órgão-fêmeo e receptáculo, para útero, máquina de fazer sangrar. Brasil-território gestado mediante vidas perdidas e tomadas como ferramenta, cujo crescimento e expansão se deu a troco da superexploração econômica e humana. É o que mobilizamos em Schwarcz (2019) sobre os projetos autoritários e sua capacidade de recriar a história de forma a apagar e a interromper, como pílulas, as práticas insurgentes. Mas é na guinada do olhar e na relação ética com sua própria constituição que o sujeito discursivo é capaz de passar pelos agenciamentos e inserir pontos de desterritorialização. Pois, do Brasil projeto autoritário, a máquina-escrevente recupera as muitas vozes que alinhavam as mulheres instaurando um projeto molecular pautado na produção da diferença como vontade de potência.

Sob esse viés, a leitura cartográfica do projeto que brota de *Sangria* reflete até mesmo na disposição deste estudo: o Capítulo 1 apresentou as primeiras impressões sobre a *Máquina de fazer sangrar*, nome que designamos a partir do conceito de máquinas e agenciamento em Deleuze e Guattari com aproximações da noção de resistência a partir de Michel Foucault. Desta seção, o subtópico *POETRY SLAM: poesia, arte, ativismo* teve como objetivo central apresentar acerca do *Slam* enquanto manifestação artística, seu percurso histórico e principais características para que fosse possível depreender seu caráter político e de subversão dentro do campo das artes. É sob essas considerações iniciais que as engrenagens da máquina de fazer sangrar foram sendo delineadas, pois o produto livro-calendário nasce da confluência do ativismo participativo e coletivo que engloba o *Poetry Slam*. Já na segunda seção desta

⁸⁶ DIA 5. LOCAL DE NASCIMENTO.

⁸⁷ Ibid., loc. cit.

dissertação vislumbramos pontuar sobre questões de teor teórico para que as análises subsequentes pudessem ganhar certo ritmo.

Corpo-mulher-coletivo se desenvolveu mediante aproximações e ponderações de conceitos e noções advindos das filosofias foucaultiana e deleuziana, pois a proposta aqui empreendida se materializa no conceito de “corpo-mulher-coletivo” como forjado em meio às relações de saber-poder, cujo domínio de memória reúne uma coletividade de sujeitos que mantêm certas regularidades mediante os regimes de verdade produzidos dentro de uma perspectiva dualista, cuja figura universal é o homem molar. Mas é da minoria que os pontos de inversão|práticas de resistência podem ser criados e, nesse sentido, mobilizamos o conceito de linhas a fim de depreender como as linhas de fuga podem ser linhas de vida, propulsoras de devires e de outras experimentações. Em seguida, a subseção *Movimento feminista, fluxos e existências/resistências possíveis* foi desenvolvida mediante breves discussões sobre o movimento feminista e sua potência emancipatória, em sentido de formação discursiva precedente ao livro-calendário e que, a partir da perspectiva decolonial, pode funcionar como estratégias potentes para a libertação de subjetividades marcadas pela colonialidade que se mantém em constante atualização.

Para tanto, propusemos pensar sobre esse corpo-mulher-coletivo como constituído por muitas linhas, mas, em especial, por uma vontade de potência desfuncionalizadora, abrindo-se à produção do novo. Nesse viés, vimos no devir-mulher, a partir da máquina que irrompe de *Sangria*, a potência da multiplicidade capaz de proliferar subjetividades descolonizadas, funcionando como estratégia emancipatória se difundido dentro dos pensamentos feministas. Uma *Declaração devir-mulher* - último capítulo deste estudo - que significa, pois, subverter a fixidez das identidades e, neste caso, subverter a própria identidade de mulher, como problematiza Butler (2020, p. 24, adaptado), quando afirma que a ideia de uma categoria “mulheres” acaba por solapar os objetivos feministas ao fixar uma categoria que “reifica as relações de gênero”, pois “só alcança estabilidade e coerência no contexto da matriz heterossexual”.

Dessarte, ousamos afirmar que quem passa pelo livro-calendário certamente não sai o mesmo, pois os acoplamentos e desacoplamentos das máquinas passam por atualizações e diferenciações, processos agenciadores e, portanto, agenciamentos para experimentações moleculares e intensivas. A esse passo, povoam-se os modos de existência a partir de um devir-mulher que faz vazar as subjetivações duras pautadas em performances predeterminadas e excludentes. E é pensando nisso que insistimos, neste estudo, em aproximar as linhas feministas ao conceito de devir-mulher, uma vez que não desconsideramos o perigo da clareza que passa

pelos movimentos feministas. Ao contrário: entendemos que o fator identitário torna a codificar os fluxos novidadeiros, mas não excluimos a grande relevância de formações discursivas desse aspecto para os lugares de sujeito que podem ocupar as mulheres hoje.

Esse é o vetor de força poética que cruza os domínios da linguagem e encontra no devir-mulher a potência propagadora de linhas de fuga que possibilitam outros processos de subjetivação: traçar para si um corpo-mulher-coletivo molecular. As partículas moleculares trazem o contágio tão caro às existências já abatidas pelo estabelecimento de formas identitárias em prol de corpos educados. O que vemos é um tipo de máquina de guerra que não se cansa de atravessar os agenciamentos molares, passar *entre* os segmentos mais duros e fazê-los fugir. Ritmo e jogos enunciativos, performances materializadas na escrita e nas fotografias, estratégias revolucionárias que encontram na arte e no ativismo as centelhas capazes de arrebatá-lo por inteiro. Assim, a máquina de fazer sangrar é capaz de arrastar também o sujeito leitor ao passo que aciona elementos diversos em certo domínio de memória, convocando-o à conversão do olhar para sua própria constituição enquanto sujeito produzido em contexto sócio-histórico-discursivo.

Então, o que seria constituir-se mulher para além do que nos ensinam desde o primeiro contato com o campo social? Essa questão, pensada a partir do *corpus* que nos propomos a analisar, não tem resposta fechada ou imediata, pois o projeto molecular pautado em um devir menor multiplicador de singularidades é projeto de mulheres-multiplicidade. Uma coletividade-mulher que ao enunciar “SEI SANGRAR POR MIM MESMA”⁸⁸, afirma sua potência criativa, a qual independe das certificações e prescrições da figura molar. Logo, não se limita a prescrever mais modos de existência. O corpo-mulher escandido dentro de uma disciplina codificadora de subjetividades e experiências, agora, é entoado por muitas vozes: vozes que recuperam os corpos anômalos frente a essa maquinaria endurecida. Produzir a mulher molecular é dançar noutro ritmo; forjar até mesmo ritmos novos considerando a beleza dos movimentos singulares e criativos.

Subverter a ordem que prescreve funções aos lugares de sujeito e que também se materializa em seus corpos é o convite urgente que surge da obra de Romão. Sobre esse aspecto, peço licença para expor uma reflexão um tanto particular. Por certo, nesses anos de leitura, não saio a mesma de quando assisti pela primeira vez à exibição de *Sangria: o filme* pela própria Luiza Romão no *Festival Literário de Catalão*, em 2018. A cada imersão no que chamamos de “objeto de pesquisa”, outras formas de mim ecoaram. Pensar com e partir de *Sangria*

⁸⁸ DIA 27. SANGRIA.

adentrando-me nas filosofias supramencionadas possibilitou um olhar crítico, atento e também criativo dos meus próprios modos de existência. Amanda mulher, filha, pesquisadora, aluna, professora; mas e Amanda para além de funções, no atravessamento dos muitos agenciamentos que me constituíram e que ainda constituirão? Por vezes sufocamos nossa sensibilidade e nos alocamos a posições ainda mais enrijecidas, cerceadoras de subjetividades, seja por medo dos fluxos novos ou pela catalogação como desviante. Foi e é dos múltiplos encontros com *Sangria* que as linhas vazadoras de intensidades, entoadas por muitas vozes, proporcionaram-me sede pela movência, pela reinvenção constante que trouxe saúde quando o conforto da permanência e da reprodução do mesmo tanto subtraíam as alegrias.

Desse modo, tornamos a afirmar que os *DIAS* que compõem o calendário, ciclo da sangria que percorre a história do Brasil e a constituição das mulheres enquanto sujeito discursivo, compõem também, um projeto molecular capaz de minar projetos autoritários em ritmo de propagação; pois a narrativa empreendida pinça as descontinuidades contemplando experiências e existências apagadas pela narrativa única. Seja por identificação, provocação ou estranhamento, os enunciados atravessam os sujeitos que se deparam com a máquina de fazer sangrar, fornecendo-lhes estratégias de luta e de fuga mediante o contágio pelo devir-mulher. Salientamos que os *DIAS* também podem ser lidos individualmente e que, ainda sim, são construídos por linhas de desterritorialização que no confronto das formas molares, racham com as coisas dadas.

É nesse sentido que a máquina de fazer sangrar é capaz de passar pelos diversos agenciamentos impregnando pontos de inversão, singularidades que estremecem as prescrições identitárias. Trata-se de um devir-mulher que flui e possibilita outras experimentações, podendo também ser estratégia para novas experiências não apenas às mulheres, mas para todos os sujeitos que se encontram marcados pela disciplina, inseridos num arquétipo que vigia e pune, conforme as prescrições e regimes de verdade. *Sangria* é um projeto para todos os sujeitos, que da convocação para olhar noutra perspectiva a história deste país, também intensifica olhar para si enquanto sujeito capaz de provocar inversões, de fazer-criar outras formas de viver, seja sendo “ave-rapina” ou tendo “fúria muita e infâmia sem pensar”⁸⁹, pois “é no infinito de uma linha de fuga que surge o [a] guerreiro [a]” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 74): do camuflar-se para sobreviver, com as mulheres-multiplicidade esse espaço de camuflagem torna-se “função guerreira” por meio da qual pululam as linhas moleculares e instauram-se os desvios. Resistências necessárias para experimentar e movimentar as linhas, bailar entre os fluxos das

⁸⁹ DIA 9. 1ª MENSTRUACÃO.

relações de poder em movimentação estratégica, incorporando pontos de diferenciação e firmando-se em constante reinvenção, pois “uma mulher descende do sol, ainda que forçada à sombra”⁹⁰.

⁹⁰DIA 5. LOCAL DE NASCIMENTO.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. **Outra Travessia**, Florianópolis, n. 5, p. 1-16, jan. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>. Acesso em 20 jun. 2021.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Prefácio – Diz Positivo: entre o castor e a aranha. In. FERNANDES JÚNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes de (Orgs.). **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Catalão: Editora Letras do Cerrado, 2017, [n.p.].
- ALVIM, Davis Moreira. **Foucault e Deleuze: deserções, micropolíticas, resistências**. Orientador: Peter Pál Pelbart. 2011. 159 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- AMARAL, Felipe Filgueira. **Estudo de aglomerados obtidos com seda de teias de aranha**. Orientador: Marcelo Andrade de Filgueiras Gomes. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado em Física) - Programa de Pós-Graduação em Física, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- BARDANACHVILI, Eliane. Três anos sem Marielle Franco: o legado de uma nova forma de lutar e de fazer política. **ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz**, mar. 2021. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51120>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- BORGES, Luciana. A odisseia mensal do sangue: a poesia artista/feminista em Sangria, de Luiza Romão. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2020v28n166322>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2020.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 191-218.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismos e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil**. Lisboa: Expo98, 1997. p. 1-50.
- CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da violência 2021**. Ministério da Economia, 2021. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP. Instituto Jones dos Santos Neves – IJSN. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em 14 jan. 2022.

COSTA, José Fernando Andrade. Quem é o “cidadão de bem”? **Psicologia USP**, São Paulo, v. 32, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pusp/a/wZ8DHtsYrgSc7tTZKJZSszS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2021.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. Tradução de Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. **Policromias**, Rio de Janeiro – RJ, jun. 2016. Disponível em:

<http://www.labedis.mn.ufrj.br/images/POLICROMIAS/PDF/Jean-Jacques-Courtine-port.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

D’ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo?. In: BALBIER, E.; DELEUZE, G.; DREYFUS, H. L. **Michel Foucault, filósofo**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. [On-line]. Disponível em:

<https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>. Acesso em 04 jul. 2021.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Entr. Claire Parnet. Vídeo. Dir. Pierre-André Boutang, Paris: Canal Arte, 1996. Editado no Brasil pelo Ministério de Educação, "TV Escola", (Orig.) 480 min.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o Teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. Tradução de Fátima Saadi. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Disponível em: <http://clinicand.com/wp-content/uploads/2021/01/Gilles-Deleuze-Sobre-o-teatro.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4**. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DINIZ, Alai Garcia. Literatura entre deslocamentos e fronteiras: mediando vozes. **Revista Literatura História e Memória**, Cascavel - PR, v. 14, n. 23, p. 71-83, 2018. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/19739>. Acesso em: 27 jun. 2021.

ESCALEIRA, Bruna Renata Bernardo. Sangria: palavra de corte de Luiza Romão. **Revista Crioula**, [S. l.], n. 20, p. 503-508, 2017. DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.140450. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/140450>. Acesso em: 27 jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (23min17s). Publicado pelo canal Leituras Brasileiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em 20 mar. 2021.

FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020**. Ano 14, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2022.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. Apresentação de Vanice Sargentini. São Paulo: Intermeios, 2012.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Corpo e resistência na história do presente. BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de. (Orgs.). **Por uma microfísica das resistências: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 127-149.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. **Os entre-lugares do sujeito e da escritura em Arnaldo Antunes**. Orientadora: Maria do Rosário Gregolin. 2007. 158 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. Discurso, poder e resistência em *Sangria*, de Luiza Romão. In. BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de. (Orgs.). **Por uma microfísica das resistências: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 179-204.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da C. Albuquerque. Revisão de José Augusto G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos)

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hupert, L; RABINOW, Paul. **Uma Trajetória Filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 1-20.

FOUCAULT, Michel. 1980 Conversa com Michel Foucault. *In*: FOUCAULT, Michel. *In: Ditos e Escritos VI: Repensar a política*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 289-347.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. (Coleção Leituras filosóficas)

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Introdução de António Fernando Cascais. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa, Portugal: EDIÇÕES 70, LDA, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 4: As confissões da carne**. Edição estabelecida por Frédéric Gros. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FUGANTI, Luiz. **Curso de Introdução à Esquizoanálise, Aula 2, Por Uma Clínica da Vida** [On-line]. 27 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KjYGAO7HPOs>. Acesso em: 27 jun. 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Prefácio. *In*: ROMÃO, Luiza. **Sangria/Sangría**. Fotografia de Sérgio Silva. Tradução de Martina Altalef. São Paulo: Selo do Burro, 2017. [n.p.]

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamentos feministas hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

IBGEeduca, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conheça o Brasil - População – COR OU RAÇA**. 2021. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 1 mar. 2021.

INSTITUTO SoudaPaz. **Violência armada e racismo: o papel da arma de fogo na desigualdade racial**. 2021. Disponível em: <https://soudapaz.org/o-que-fazemos/mobilizar/sistema-de-justica-criminal-e-seguranca-publica/participacao-no-debate-publico/control-de-armas/?show=documentos#5618>. Acesso em: 20 dez. 2021.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização de Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOUSA, Pilar Lago e. Da genealogia ao sangue: o corpo coletivo em *Sangria*, de Luiza Romão. **Opiniões**, [S. l.], n. 15, p. 98-122, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/164400>. Acesso em: 27 jun. 2021.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: DELEUZE, Gilles. **Sobre o Teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. Tradução de Fátima Saadi. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 5-8. Disponível em: <http://clinicand.com/wp-content/uploads/2021/01/Gilles-Deleuze-Sobre-o-teatro.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MCLAREN, Margaret A. **Foucault, feminismo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MEDEIROS, Guilherme Alencio Pires de Souza. Do Corpo-país-invadido ao Corpo-mulher-violada: Nuances da Invasão em *Sangria* (2017), de Luiza Romão. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1834>. Acesso em: 27 jun. 2021.

MENEGARO, Lilian Lemos. Uma sangria poética para romper o silêncio: estado, família, religião e o lugar das mulheres na história pau-brasil. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 7., SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 3., LUSO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE, 3., 2018, Rio Grande. **Anais [...]**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018, p. 1-8.

MILANEZ, Nilton. A noção foucaultiana de dessubjetivação: alicerces, experiências e modos de agir do sujeito. **Policromias** – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 6, n. 3, p. 1-28, set.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/45050/26983>. Acesso em: 16 jan. 2022.

MONTES, María Teresa Bermúdez. Poesia e subversão: o corpo feminino como ferramenta política em *Sangria*, de Luíza Romão. **Romance Notes**, Chapel Hill, v. 59, n. 3, p. 421-434, 2019. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/754277>. Acesso em: 27 jun. 2021.

OLIVEIRA, Rizia Lima. O corpo como arquivo na poesia de Luíza Romão. **Revista FACISA On-line**, Barra do Garças - MT, v. 10, n. 1, p. 26-35, jan./ jul. 2021. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/19739/13048>. Acesso em 27 jun. 2021.

ORLANDI, Luiz B. L. Elogio à arte do encontro e da composição. **Modernos & Contemporâneos**, Campinas, v. 2, n. 3., jan./jun., 2018. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/3327>. Acesso em 31 mar. 2021.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A Cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.

RAGO, Luiza Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

ROMÃO, Luiza. **Coquetel Motolove**. 2ª reimp. São Paulo: Selo do Burro, 2015.

ROMÃO, Luiza. **Sangria/Sangría**. Fotografia de Sérgio Silva. Tradução de Martina Altalef. São Paulo: Selo do Burro, 2017.

ROSA, Marilane Mendes Cascaes da. (Des)costurando o discurso: o corpo como materialidade discursiva. In: MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene Jung de (Orgs.). **Fios do discurso**: entre cerzaduras e descosturas. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2018, p. 143-155.

SCHMIDT, R. T. Corpo/Palavra/Sangue: O levante de "Sangria". **ELyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics**, n. 16, p. 23-39, 29 Dez. 2020. Disponível em: <https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/343/375>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Sobre corpos que importam: a poesia de autoria feminina em campo político e ideológico. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 11, p. 158-174, dez. 2020a. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/b23c41eb/3997/4ead/8c02/c8b72e726e3f.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SILVA, Maria Daniela leite da. Sangria: discursos e memórias. In: MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene Jung de (Orgs.). **Fios do discurso**: entre cerzaduras e descosturas. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2018, p. 130-142.

SILVA, Maria Daniela leite da. **Sangria**: entre ciclos femininos e fluxos discursivos, atravessamentos históricos e de resistência. 2020b. 105 f. Orientadora: Solange Mittmann. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012b.

SINDICATO dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região. **Brasil está entre países com maior número de violência contra a mulher**, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://www.sindmetalsjc.org.br/noticias/n/5296/brasil-esta-entre-paises-com-maior-numero-de-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em 05 jul. 2021.

SMITH, Marc Kelly. **Slam Poetry Movement**. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (22min05s). Publicado pelo canal TEDx Talks. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dOpsS9H5dgQ>. Acesso em 20 mar. 2021.

STUBS, Roberta; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva.; LESSA, Patrícia. Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 26, n. 2, p. 1-19, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2018000200220&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 27 jun. 2020.

TADEU, Tomaz. Arte do encontro e da composição: Espinosa + Currículo + Deleuze.

Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 47-57, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25915/15184>. Acesso em: 27 jun. 2020.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância; FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil.** out., 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2022.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação, 2004.